virtual books.com.br

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSORA (H)(P)
(H)UMAN (P)RINT
modelo genejet
impressão a jato de genes

...

A menina se aproximou da impressora.

Instruções de uso:

a) Início: aperte o botão "início"

Seu coração estava descontrolado e ela respirava com dificuldade.

b) insira o disco do software

Sem ela sentisse, algumas lágrimas foram inseridas em sua face por seus olhos.

c) coloque os cartuchos de genes

Ela colocou os grandes cartuchos na posição correta. *O que importa mesmo é causar uma boa impressão.*

ERRO 666

! ATENÇÃO!
OS CARTUCHOS NÃO SÃO ORIGINAIS!
PRETENDE CONTINUAR A
OPERAÇÃO MESMO ASSIM?

O preço que se paga é apenas um detalhe sem importância por uma boa impressão.

d) escolha o modelo a ser impresso:

1- astros da T.V.
2- astros da moda
3- astros da música
4- astros do cinema

5- astros da religião
6- astros da arte
7-astros do esporte
8-astros do direito civil romano
9-astros da política
10- astros da literatura de auto-ajuda

Literatura de auto-ajuda era como aquele pão com o qual Joãozinho e Maria fizeram uma trilha de migalhas pela floresta e que logo os passarinhos comeram, deixando os dois perdidos sem saber como voltar à casa paterna.

Tempos atrás a menina estava derrubada num canto do banheiro e uma trilha de sangue saía do seu corpo até o vaso sanitário.

Como nenhum passarinho se interessa por sangue de aborto, ela tentou apagar a história daquele sangue com uma pano molhado mas de nada adiantou.

f) escolha a qualidade da impressão:
1- otimizada
2- normal
3- rascunho

"Otimizada" gastava muito material; por outro lado "rascunho" tinha um resultado sofrível. Escolheu "normal" – e o "normal" era apenas mais uma impressão como qualquer outra. Conclusão sombria.

g) *coloque a página biológica a ser impressa na bandeja da impressora.*

A menina tirou a roupa e se deitou na bandeja. *A primeira impressão é a que fica.*

...iniciar escaneamento genético...
...iniciando...
...aguarde por favor...
verificando o nome e o DNA do usuário...
...aguarde por favor...
Você optou por
alterar sua aparência geneticamente.

Tem certeza que deseja imprimir mudanças genéticas ao seu corpo?

(X)SIM ( )NÃO

É recomendável fazer
um backup do seu antigo corpo
para fins de default
Deseja fazer isso agora?

( )SIM (X)NÃO

Tem certeza que não quer
fazer um backup?
Será impossível retornar
à sua antiga aparência
sem um backup

(X)SIM ( )NÃO

Iniciar impressão...
...imprimindo...
....
....
......
...
....

.... A impressora naquele prédio em ruínas era como um sarcófago. Sarcófagos eram aquelas tumbas maneiras onde os mortos tinham *a impressão* de poderem ressuscitar. A bandeja se abriu; escuridão no início, depois o cheiro de gelo seco. Uma réstia de sol cruzou os escombros do saguão revelando a poeira suspensa no ar e o rosto *dela.* A impressão que se teve era que a própria Marilyn Monroe estava ressuscitando totalmente nua daquele túmulo high-tech. Ela apanhou uma bolsa onde havia o legado de seu namorado que se encontrava preso e saiu disposta a cometer uma nova modalidade de crime.

Folhas de revistas foram agitadas dentro dos escombros do prédio atingido por ataques terroristas em tempos imemoriais:

D. P. I.

*A revista estatal das boas impressões**

** grátis um disco com modelos para imprimir*

nesse número:

MATÉRIA COMPLETA
SOBRE O RECENSEAMENTO

O Estado estará fazendo durante essa semana o recenseamento on-line. Centenas de milhões de pessoas serão recenseadas automaticamente. Tudo graças à tecnologia das pistolas de censo e ao método de identificação ativo utilizado pelo Instituto de Identificação do Estado.

Os dados obtidos com o recenseamento serão de vital importância para a economia. Permitirão traçar com absoluta precisão e em tempo real o perfil sócio-econômico dos cidadãos. O principal instrumento utilizado nesse processo é a pistola de censo IBN.

**A pistola de censo e a história
da identificação ativa**

Por décadas a identificação dos seres humanos ficou a cargo da chamada identificação passiva, onde as características pessoais do indivíduo eram consideradas únicas e por isso se constituíam no elemento que o diferenciava dos outros indivíduos. Nessa época as principais fontes de identificação eram a impressão digital e o DNA, consideradas 100 por cento seguras. O advento da clonagem humana simplesmente tornou superada a identificação passiva. Era impossível diferenciar duas pessoas que partilhavam o mesmo DNA, e logo a clonagem começou a produzir embriões de matrizes

genéticas em comum em escala industrial. O mundo só começou a se dar conta do problema depois de vários anos da clonagem humana virar algo normal. Os crimes cometidos por um clone deixavam indícios praticamente inúteis para a perícia policial; o material coletado poderia ser de qualquer um dos milhões de clones de uma mesma série genética. Para contornar essa situação surgiu então a chamada identificação ativa. A diferenciação dos cidadãos passou a ser um dos atributos do Estado. O método utilizado atualmente é o de implantar um "número de série" virtual no DNA – cerca de 60 a 70 por cento do DNA é considerada apropriada por não ter função genética alguma e se presta muito bem a esse tipo de identificação, pois dá trilhões de combinações de números possíveis – e com isso todos os cidadãos passam a ser diferenciáveis por aparelhagem eletrônica adequada, mesmo no caso dos clones. O nome desse número de série se chama Registro Genético, ou R.G., e logo passou a ter um uso que transcendia a mera identificação; o número digital do R.G. passou a ser a senha de cartões de crédito, contas de banco, de internet, de computadores, enfim: toda a vida sócio-econômica de um cidadão poderia ser aberta ou fechada por um número impresso nele pelo Estado.

A leitura do Registro Genético de um cidadão é feita pelas chamadas "pistolas de censo", um dispositivo que tem esse nome por ser semelhante a uma arma portátil. Basta que a pistola de censo seja apontada a um cidadão para que o instrumento capte não só o Registro Genético desse cidadão, mas todo o uso que esse cidadão fez do R.G. Os dados são enviados via-satélite para o computador central do Instituto de Identificação do Estado, que tem on-line toda a vida da população.

Esse sistema em que o Estado aponta pistolas para o cidadão é de importância estratégica para a economia e para a segurança da nação. Se um funcionário público lhe apontar uma pistola, tenha sempre bom senso e colabore alegremente com ele!

..

Marilyn Monroe passou na praça em frente ao shopping center onde um missionário clone estava pregando para uma multidão de clones da construção civil. Aproveitou para testar sua pistola de censo neles: nenhum deles tinha Registro Genético. O missionário vociferava para os prédios esmagadores:

— Irmãos! Irmãos! Meus irmãos!... vocês que como eu não têm o sinal do Anticristo! E que por causa disso não podem comprar ou vender! E que são discriminados pelos filhos da Grande Babilônia! Alegrem-se, meus irmãozinhos! Pois está chegando a hora do Apocalipse!

"Irmãos! Já bem disse o Nosso Senhor que é mais fácil entrar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus! Irmãos, somos os filhos de Deus mais humildes da Criação, pois não possuímos sequer o nosso próprio DNA! E por isso somos mais do que abençoados!"

"Vivemos uma provação, meus irmãos. Para ser cidadão é preciso ter o Registro Genético, e para ter o Registro Genético é preciso ter dinheiro. Clones nunca têm dinheiro, portanto nunca são cidadãos. Mas não precisamos ser cidadãos da Grande Babilônia! Não precisamos do sinal do Anticristo! Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão o Reino dos Céus!".

"Irmãos! Hoje a grande nação sem país somos nós, os clones! Nos fabricam às centenas para os trabalhos mais degradantes! Robôs industriais não podem ser demitidos e chutados, mas nós, clones, sem Registro Genético e sem nenhum amparo legal, podemos, e é por isso que continuam a nos produzir e empregar em trabalhos braçais! Quando não sabem quem colocar na cadeia, os lacaios de Satã pegam o primeiro clone que aparece pela frente e o condenam! E o que fazer? O que adianta clamar pela justiça dos homens? Cordeiro de Deus, que tirai os pecados do mundo, tende piedade de nós!"

" Não temos nada, mas possuímos o bem mais elevado que é a fé! Irmãos, não percam a sua fé porque Deus sabe de todas as coisas!"

O seu namorado era um clone.

E ao ouvir que Deus sabe de todas as coisas, Marilyn lembrou do vaso sanitário de sua casa. Que teatro:

<u>O TEATRO DA FAMÍLIA FELIZ</u>
<u>PARA CRIANÇAS</u>

(Lá estava a família feliz ao redor da mesa para mais um nutritivo café da manhã preparado pela mamãe. O Sol amarelo brilhava, o galo cacarejava e o gato ronronava).

<u>Papai</u> *(com uma voz entusiasmada)***:** *Bom dia, minha querida família!*

<u>Filha 1</u>: *bom dia, papai!*

<u>Filho</u>: *bom dia, papai!*

<u>Mamãe</u>: *bom dia, meu amado esposo!*

<u>Filha 2</u> *(com uma cara de náuseas)***:** *fala aí, pessoal...*

(A família olha para a filha com espanto).

<u>Mamãe</u>: *Marian, querida!... Isso são modos de falar para seu papai?*

<u>Filha 2</u> *(passando a mão no rosto abatido)***:** *foi mal... putz, eu estou meio mal, caralho*

que noite da porra...

<u>Mamãe</u>: *Papai do céu castiga menina de boca suja!*

(O Papai que não era do céu lança um olhar oblíquo para a Filha 2 por alguns

segundos. Um olhar mortal).

<u>Filha 1</u>: *Papai, me dá dinheiro para comprar cartucho de genes? Vai ter uma festa na*

casa da minha amiga e eu preciso urgentemente mudar minha aparência para um

corpo de modelo Ultrafashion B-612.

<u>Papai</u>: *O cartucho já acabou?*

<u>Mamãe</u>: *Ora, vamos, querido. Está fazendo um dia tão dourado! Além disso, sabe*

como são esses jovens de hoje! Precisam de uma aparência nova todos os dias.

Querem causar uma boa impressão.

<u>Filho</u>: *Ei, eu também quero! Tem um novo software para impressoras genéticas aí que*

vai me deixar com um corpo sarado!

<u>Papai</u> *(sorrindo)***:** *Muito bem, meus queridos filhos, é assim que se faz. O que importa*

mesmo é causar uma boa impressão. Ah, meus filhinhos... vocês são o orgulho do

papai... Ainda bem que graças a vocês passamos uma impressão muito boa para a

vizinhança.

(Marian e Papai se encararam. Um silêncio pesado se fez).

<u>Papai</u>: *Os jovens de hoje não tem identidade própria. Qual a impressão que se tem do*

que não tem identidade? Clones não têm identidade. Marginais também não.

Papai quis ser agradável, mas ele lança umas palavras para ela como facas.

Marian olhou para ele com ódio a lhe inflamar os olhos:

<u>Filha2, chamada Marian</u>: *escuta, isso aí é uma indireta? O que você entende de*

identidade própria? Você, e todos vocês trocam de corpo como quem troca de papel

higiênico!

<u>Papai</u>: *Mais respeito com seu pai, menina!!*

(Um silêncio ainda pior se fez na mesa feliz da família feliz. Mamãe tentou ser

conciliadora):

Mamãe: *Marian, você é a única pessoa da família e da vizinhança que nunca*

modificou geneticamente sua aparência. O que há com você? Você tem medo de perder

seu corpo original? Não precisa ter medo, Marian, é só mandar a impressora gravar a

forma original do corpo para fins de default, para o caso de você não se agradar do

novo corpo impresso. Todo mundo faz isso, não entendo por que você...

Filha2, chamada Marian: *(com voz entediada) Eu sei de tudo isso, mãe. Mas vocês*

sabem o que acontece dentro dessa tumba chamada impressora a jato de genes? Bem,

primeiro os solventes biológicos derretem sua carne e ossos até chegar no sistema

nervoso. Não sei quanto a vocês, mas para os meus padrões é apavorante ter o corpo

reduzido a um cérebro boiando num lodo nojento. Em seguida os cartuchos de jato de

genes começam a imprimir um corpo novo ao redor do sistema nervoso

conforme as preferências estéticas do freguês. Algumas vezes dá errado, e uma

aberração monstruosa sai do...

Filha 1 : *Mamãe, a Marian tá me assustando! Manda ela parar!*

Papai: *Cale a boca, Marian! Foi aquele namorado clone quem encheu sua cabeça de*

minhoca? Quem esse clone pensa que é? Ele acha que é algum tipo de herói por ser

hacker e invadir os computadores dos outros? Aquele marginal merece ir para a

cadeia!

(Marian levanta e dá um murro na mesa):

Marian: *Ele é um ser humano!*

Papai: *É um idiota! Como você!! Você envergonha a mim e a sua mãe! Você estava*

grávida de um clone marginal!

Marian: *(espantada): como você descobriu?*

Papai: *A privada! Você abortou na privada!*

Marian: *(ainda espantada): mas como?... Eu... eu... essa noite... você não poderia*

saber...

Papai: *(furioso, e puxando o cinturão): Você não é mais a minha filha! Suma da minha*

frente. Pegue suas coisas e rua!

Marian: *(sobe as escadas sob furiosas cintadas de seu pai. Pega sua bolsa*

apanhando e mal tem tempo de colocar umas roupas. Sai para sempre da família feliz

envolta num turbilhão de invisíveis arames farpados que dilaceravam seu entendimento

tal qual o cinturão do seu papai em seu jovem corpo de menina original. O papai fica

parado na porta, bufando com os olhos vermelhos. Depois que a filha desaparece nas

esquinas, comenta para a mamãe:

Papai: *Foi excelente sua idéia de instalar um vaso sanitário de alta tecnologia,*

querida. Ele nos livrou dessa vergonha de filha. Ainda bem que o vagabundo do clone a

essa hora deve estar preso. Eu avisei à polícia que ele era hacker. Não vai ser difícil

incriminá-lo. O DNA dele pode ser achado em qualquer local de crime, se é que me

entende. A polícia faz milagres!

<u>Mamãe</u>: *Que horror, meu Deus; minha filha grávida de um clone... ainda bem que na*

janta de ontem eu coloquei um abortivo na comida dela. Um dia Marian ainda vai me

agradecer...

<u>Papai</u>: *É, minha querida esposa, a janta de ontem estava maravilhosa.*

..

Só para tirar a limpo essa história, Marilyn Monroe – ou Marian – resolveu aplicar uns truques que o seu namorado hacker lhe ensinou. Foi num computador público. Digitou alguns códigos primários e teve acesso aos dados da casa da Família Feliz, inclusive aos dados do vaso sanitário de alta tecnologia... vamos ver o que a
privada dizia sobre o moralismo da família feliz:

<u>VASO SANITÁRIO</u>
<u>MODELO ECO 9005</u>
<u>ANALISADOR DE MATERIAL ORGÂNICO</u>
<u>BANCO DE DADOS DA FAMÍLIA FELIZ</u>

MARIAN: última análise de urina foi há trinta dias; demonstra gravidez com provável clone, maiores dados clique aqui()
PAPAI: análise atual demonstra sexo anal com humano desconhecido, maiores dados clique aqui()
MAMÃE: análise atual de secreções vaginais demonstra atividade sexual com humano desconhecido, maiores dados clique aqui()
FILHA 1: análise atual demonstra sexo anal com PAPAI, e forte anorexia; maiores dados clique aqui()
FILHO: analise atual de urina demonstra intenso uso de drogas, maiores dados clique aqui()

Ao ver esses dados, Marian sorriu com o canto da boca.

...

A tarde já descia como um descanso de tela sobre a cidade e Marilyn Monroe Marian logo mexeria no “mouse” que trazia dentro de sua bolsa para agitar para sempre aquela aparente calma que pairava no ar.

Ela foi para um bar para comer. A gordura sintética do seu sanduíche se fundiu à música gordurenta de tão ruim que começou a tocar. Suspirou:

— Oh, não. Mais uma banda que tem *mensagens* para dizer. Mais uma banda com “conteúdo”.

— Ei, Marilyn, até que esse é um som legal.

Oh, não, Marilyn pensou. Mais um cara que curte bandas com conteúdo. Mas ela se surpreendeu ao olhar para o lado; o cara que lhe tinha falado era uma cópia fiel de Adolf Hitler! Ele estava com o uniforme dos carteiros e comia um sanduíche vegetariano. Se irritou:

— Ei, cara, não leva a mal, mas que má impressão!...

— Perdão, o que disse, senhorita? – o rapaz perguntou simpático.

— Por que Adolf Hitler, cara?

O rapaz olhou para si e riu, compreendendo.

— Ah, isso! Bem, senhorita, não tenho culpa nenhuma disso. Esse corpo não foi impresso em mim, não tenho dinheiro para comprar uma impressora a jato de genes; trabalho nos correios e meu salário é baixo. Eu realmente nasci assim. Sou um clone de Hitler. Um maldito clone.

— Como isso é possível?!! – Marilyn Monroe exclamou.

— Bem, de qualquer forma é uma história desagradável – o rapaz disse dando calmamente uma dentada no sanduíche – Sabe que o mundo anda meio sem criatividade e ultimamente vive de *revivals*. Há 20 anos houve um enorme *revival* nazista no planeta. Coincidentemente acharam uma amostra de sangue do Führer congelado numa instalação militar na Sibéria (lugar favorito de mamutes e outros tipos de monstros extintos). Os russos comunistas tinham coletado o material assim que chegaram no lugar do corpo suicida de Adolf, e o sangue ficou congelado lá até vingar a moda dos clones humanos. Havia na época ainda muita confusão sobre como seria o comportamento de um clone e pouca gente se deu conta de que ele não teria nenhuma ligação com o caráter da matriz original. Mesmo assim quando o nazismo voltou à moda, amostras desse DNA foram vendidas pelos sucessores dos comunistas a peso de ouro a todos os que quisessem ter um Hitler como filho. Mas logo a moda nazista passou e foi substituída pela atual moda eco-terrorista. No fundo não foi uma grande mudança pois Hitler era mesmo vegetariano e nesse caso essas ideologias partilham do mesmo gene fundamentalista. Quer um pedaço do meu sanduíche de alfaces?

Marilyn recusou. O clone de Hitler continuou comendo, indiferente:

— Não é engraçado? Nós somos julgados por todo mundo por aquilo que não cometemos – depois de uma pausa acrescenta – pela impressão que causamos... olha quem tá vindo aí! E aí, Charles Manson, beleza?

— As pessoas hoje em dia são muito superficiais – Charles Manson comentou ao chegar, se sentando ao lado de Marilyn Monroe Marian – se apegam na primeira impressão que tem das coisas. Isso é terrível!

— Você também é um clone? Um clone de Charles Manson? – ela perguntou.

— Não, eu apenas uso a impressora a jato de genes para homenagear repulsivos assassinos seriais que cometeram os mais gratuitos crimes que deixaram horrorizados os telespectadores inteligentes.

Marilyn Monroe sorriu.

— Ei, a nossa amiga Marilyn não gosta da banda “Sociedade Serial”. O que me diz?

— Eu digo que ela e eu formamos um belo par: Marilyn & Manson...

— Obrigado pelo trocadilho podre, Charles Manson, mas eu tenho que ir andando para fazer umas coisas... – e Marilyn bateu no volume que havia em sua bolsa.
....

(Naquele dia mesmo “Charles Manson” deu uma entrevista para a televisão, que já se perguntava que estranho fenômeno era aquele de jovens adotarem um corpo trash):

— *As impressoras a jato de genes sempre estiveram a serviço da moda, ou da estética ditada pelo “establishment”. A indústria de pessoas famosas se desenvolveu como nunca, pois todos poderiam ter a cara do seu astro favorito! Mas aí vieram uns jovens malucos e impuseram uma estética completamente underground ao imprimirem em si mesmos a aparência de pessoas bregas ou então de pessoas execráveis. Eles foram os primeiros a usarem a impressora a jato de genes não só como forma de contracultura, mas como instrumento de arte. Por quê? O que querem dizer? Mas será mesmo necessário perguntar?*
....

O FIM

E Marilyn Monroe subiu num prédio do centro financeiro e lá de cima tirou da bolsa uma pistola de censo que foi adulterada pelo seu namorado hacker para, ao invés de ler, apagar Registros Genéticos. Ela ficou lá em cima, mirando nas pessoas que passavam e apagando para sempre a identidade dada a elas pelo Estado. Acreditava que depois disso elas iriam aprender que identidade não é um número, e sim uma alma.
Coincidentemente um dos que foram “apagados” para sempre foi o multimilionário de 150 anos que desenvolveu o método de Registro Genético – cuja criação pôde fazer ressurgir o Estado depois da globalização. Afinal, só o Estado poderia identificar as pessoas. O R.G. desse cidadão foi apagado para sempre, e com ele todo acesso que esse ricaço poderia ter ao dinheiro que ganhara projetando aquela sinistra realidade mundial onde depois da navegação pelos astros e pela internet, se navegava por corpos.

E é curioso também que esse homem calculista estivesse lá dentro do corpo do simpático presidente John Kennedy. Sim, ele era um presidente bem simpático. Ou teria sido ele mesmo o responsável pelo assassinato de Marilyn Monroe depois de terem sido amantes?

O ABORTADO

Veja, por exemplo, o caso das citações. Pior do que citar é se autocitar; e pior do que se autocitar é tentar compreender o mundo conversando consigo próprio, somente consigo, nessa tediosa época carente de diálogo onde a destruição das **torres gêmeas** *serviu apenas para produzir algumas piadas legais – o que dirá de sua destruição pessoal; ela produziu ao menos alguma piada bacana?*

— *Você* é a minha piada. E por falar em tédio, queria poder matá-lo com o meu. Ei... ouço a sua voz, mas não o vejo. Não que isso faça diferença.

Olhe para frente ou para o lado, ou para baixo. E veja como sua a piada o prende, seu palhaço; veja como isso é sem graça. Olhe bem até dizer chega, pois não se fica preso a uma citação de algo que ninguém conhece. Isso seria o cúmulo da estupidez e a você não é dado aos cúmulos do que quer que seja...

— Já estou vendo você. E já estou farto de você. Qual é a sua, seu embrião-fantasma? O que você quer de mim, seu pedaço insignificante de porra que deu errado?

A questão é bem outra. Dê uma olhada nesse lugar imundo e escuro.

— O que diabo você quer? Quer me deixar louco? Já lhe falei que posso sair desse moquifo a hora que eu quiser. Mas para o seu governo, embrião, eu tenho mais o que fazer. Não posso dar bola para o primeiro espectro que vem do inferno para me atormentar, muito menos se ele tiver a aparência de um feto rosado e transparente que está vestido como um clubber. Isso porque clubber é tudo gay!

Embriões, democracia... genética, leis...autoridade... minorias e DNA... extrema direita e a classe média... computadores, nerds bitolados e fundamentalismo. Tudo se funde nesse seu doce cérebro de algodão doce.

— Obrigado pela parte que me toca. Alguém já falou que você é muito folgado para um embrião de 20 centímetros de estatura? Com tantos quartos no mundo, porque você tem justamente de aparecer aqui para me azucrinar? Não posso ter privacidade nem para baixar confortavelmente aquele vídeo maneiro em que um cara fode uma menina de dez anos?!... Ei, você tem exatamente o comprimento da taroba do cara! Que coincidência!

Notou que há uma privada imunda no canto do seu quarto? Olhe novamente. Onde vê um computador, na verdade é uma privada cheia de coisas imundas. Onde os quartos costumam ter um vaso sanitário bem no meio?

— Hum... essa é difícil. Na cadeia?...

Muito beeeemm! Parabéns por ter descoberto o ovo! Agora pegue o ovo e enfie novamente em sua maldita cloaca, pois a certeza sumiu completamente do mundo. Você realmente pode ser um cibernerd que está tendo um colapso cerebral. Essa privada pode ser seu microcomputador, pois tanto uma coisa quanto a outra estão mesmo cheios de imundícies. Essa cadeia talvez seja seu quarto de nerd que passa a noite baixando sacanagem ilegal na internet. Ma, por enquanto, você é o líder do partido ultranacionalista.

— Você é um estrangeiro ilegal em minha vida, Abortado; eu falo isso com a alma cansada como bem pode perceber. Trate de juntar as trouxas e puxar o carro daqui. Estrangeiro é tudo marginal! Eles vêm para cá somente para roubar o emprego da gente honesta e trabalhadora. Não quero ver mais essa gente feia. Não quero ver mais gente ignorante. Eu quero é ver gente da minha terra. Eu quero é ver gente do meu sangue!

Beleza de discurso. Ele é vigoroso como a juventude! Mas cuidado com a pressão arterial. Você tem 81 anos.

— Ei, seu moleque malcriado. Tá me chamando de velho?

Tudo na vida passa, até uva-passa. E você tem mesmo cara de quem está passado. Você está acabado! No fim! Já era! Tchau!

—Ah, esse estado calamitoso de coisas... como há ilusões nesse mundo banhado pela luz do Sol. Hoje, apesar de não mais ver a luz do Sol, sinto que lá fora faz um dia ensolarado. E aqui estou eu, no corredor da morte. Vejo que você está se bronzeando satisfeito, Abortado, enquanto espera ansiosamente que eu vire um churrasco elétrico. Não o culpo por isso e não lamento, de fato, estar prestes a ser pulverizado. Acho que todo homem deveria se sentar aqui ao menos uma vez. O fim da linha nos faz ver coisas... uns vêem sua consciência... outros vêem um fantasma em forma de embrião cor de rosa como um filhote de ratazana, e transparente como a verdade. Ambos róem lixo: você rói minhas horas finais, Abortado. Você é um rato. Como os estrangeiros. E, suspiro, como os que têm ódio pelos estrangeiros como eu.

Mas não se reprima... como pode ter certeza de ter chegado ao fim? Você ainda é jovem, tem a vida inteira pela frente... saia desse maldito quarto, moleque, e pare de sonhar que é um ditador. Encontre uma mina legal e namore bastante.

— Oh, não, Abortado. Não me venha com essa falácia. Sim, talvez eu esteja preso num quarto escuro em frente ao meu micro-privada cujo brilho do monitor deixa meu rosto com uma luz pálida e fantasmagórica. Mas não, ouça bem! NÃO aceito o argumento de que trocar meu moquifo por um rolê num shopping com uma mina seja um bom negócio. Isso é uma ilusão, uma fuga tão grande e enganosa quanto a minha vida solitária de micreiro amoral. Antes eu andava pelo mundo, e o que eu via? A barbárie. O que você pensa que é um shopping, senão a institucionalização da barbárie? Esses parques idiotas, cheios de cães pitbull e seus donos?! E essas minas idiotas incapazes de enxergar um palmo além do maldito piercing no umbigo? O que sou eu, além daquilo que não se encaixa nisso tudo? O que sou eu, senão parte do refugo humano que não é reciclável? O que sou, além de um jovem envelhecido oitenta anos e sem mais nenhuma esperança de nada? Olha, Abortado, eu não tenho esperança no amor, nem na política, nem na religião, nem na amizade, nem nas leis humanas, nem na natureza e nem no sobrenatural. Eu sou um navegador negro, um corsário virtual em busca dos tesouros da desilusão, facilmente encontrados nesse mar de tolos.

Você tem uns pensamentos estranhos, moleque. Talvez você seja capaz de entrar numa escola com um fuzil automático e matar todos aqueles professores chatos, achando que está inserido na "Matrix".

— Você ainda duvida?

Mas, pense! Pense que a desilusão também seja uma maneira de se iludir. A desilusão é tão enganosa quanto a ilusão. A desilusão faz você achar que invadir uma escola e metralhar todo mundo seja algo correto, quando na verdade não é! O niilismo é mais um beco sem saída!

— Eu estou no corredor da morte, meu querido embrião. Dentro em breve vou ser eletrocutado numa cadeira elétrica e um cheiro de cabelo queimado invadirá o ar, e isso dará uma enorme audiência para os lares normais dos eleitores que pagam os impostos para ter tal entretenimento. Quer algo mais niilista do que isso? Vem falar de beco sem saída justamente para

mim? Foda-se o mundo, pararei de sonhar que sou um moleque. Eis que sou adulto e as coisas velhas ficaram para trás. Tenho trinta e três anos, tenho dois metros de altura, uso coturno, jeans rasgado e camiseta branca e tenho cara de poucos amigos. Preciso defender minha nação dos estrangeiros filhos da mãe que roubam nossos empregos.

Mas quem é sua nação?

— Minha nação é o DNA! Ele precisa ser puro e limpo, como a minha religião. Aleijados e todos os doentes que possuem um DNA impuro devem ser ABORTADOS da face da existência! ABORTADOS!

Você está atrasado, filhinho. Todo esse blá-blá-blá eugênico foi para o beleléu depois que o projeto Genoma descobriu que o meio ambiente tem mais influência no DNA que a hereditariedade em si. Pois é, também isso é um engano, o mais grosseiro de todos.

— Cacete! Preciso parar de tomar café. A insônia é uma droga. Nem sei se durmo ou não, pois a noite é um fantasma abortado que vem nos encher o saco.

Porra, como você é repetitivo!

— Devagar com o andor, seu embriaozinho safadinho! Você não é tão diferente de mim, a julgar que fica me julgando a torto e a direito. E eu te peguei dessa vez com as calças curtas, pois esse papo de querer redimir os pecadores como eu e tal, enfim, tudo isso também faz parte do meu mundo psicótico, pois sei que não tenho volta. Pô, que bela merda de consciência você me sai, Abortado!

Se observar direito a quem é pego com as calças na mão, verá que estão cagando e andando para toda sua análise.

— Argh, sai pra lá, seu porcalhão! Para uma criatura que nem tem intestino ainda, você está fazendo um bom trabalho, seu embrião punk!

Apesar de ser sujo e repulsivo como você, ainda assim um desagradável embrião abortado pode ser o melhor lampejo que alguém como você pôde produzir.

—Sabe o que você precisa? Você precisa é ter Jesus no coração, isso é que é!

Embriões não têm coração, seu ignorante; logo neles não há espaço para salvadores que lavam os pecados alheios com sangue. No máximo os

pecados dos embriões são lavados com porra, que é o verdadeiro líqüido da vida, e não o sangue, que é o prenúncio da morte. Porra... células reprodutoras, genética e manipulação do DNA, manipulação da religião e da política, tudo entrelaçado nas cadeias cromossômicas que fazem o tecido de um feto abortado e os caminhos da civilização humana... putas de beco abortando, cientistas genéticos abortando, políticos abortando, enfim; todos dão sua abortadazinha de vez em quando. Uns fazem isso com embriões; outros com idéias; outros com programas de governo e a maioria faz isso com seus ideais e seus sonhos, que são abortados nessa clínica malcheirosa chamada realidade. Fodei uns aos outros, e depois abortem, abortem e abortem.

— Virgem Maria; mais um pouco e você não pára mais de falar, seu embrião embrulhão! Você deveria trabalhar numa escola russa! Porque aí eu poderia matar você junto com os outros terroristas chechenos!

Sim, esse é você, tentando se mover num mundo onde o ultranacionalismo duela contra a globalização, sendo os dois a mesma merda. Mas, sabe, as potências mundiais cavaram sua própria cova. É impossível vencê-las com um exército regular. A arma que sobrou para quem quer vencer qualquer um desses países é o atentado. E querer combater o terror com o terror é se iludir da pior maneira possível.

— Acho que você está de sacanagem comigo, maldito fantasma Abortado! Eu sou apenas um garotinho anônimo que está surfando na web. Acho que estou tendo essa alucinação porque estou jogando um game de tiro em primeira pessoa por 666 horas ininterruptas. Devo estar morrendo de inanição, em fase terminal, mas não lamento; fiz o que quis.

Fez mesmo, seu palhaço. Você acha que estava num videogame, mas na verdade estava matando monstruosamente meninas em matagais.

— Acho que você está enganado, Abortado; eu sou inofensivo como uma borboleta num campo de papoulas-da-índia.

Inofensivo? Você é uma máquina de matar. Não pensa qualitativamente, só na quantidade do seu prazer e em si mesmo – como, aliás, todos na sociedade consumista. É por isso sai matando em série sem se satisfazer – e nunca se satisfará, posto que quantidade nunca será sinônimo de qualidade, e nunca tirar a vida alheia e desrespeitar a dignidade e o direito dos outros trará

felicidade para alguém. Sim, amiguinho; também o serial killer é um sintoma, e não uma porta de saída.

— Quer chegar logo a uma conclusão do que eu sou? Não sei minha idade ou meu nome, não sei se sou famoso ou anônimo, não sei se sou querido ou odiado. Sinto- me como um deus indiano cheio de cabeças e de braços, com a única diferença que todas as cabeças que me compõe possuem péssimo caráter, não importa qual, e os braços só servem para me masturbar. Quem, afinal de contas, sou eu?

Você é muitas coisas; entre elas a crise de identidade dos dias de hoje. E não importa qual seja a verdade, você será sempre um infeliz. Se isso lhe serve de consolo, essa crise vem do berço: o embrião abortado de hoje não sabe se é uma experiência transgênica ou de clonagem que deu errado, ou se simplesmente saiu da barriga faminta de uma mulher flagelada do Terceiro Mundo. Não que isso faça diferença. Pois você é incapaz de aceitar o diferente.

— Você é um maldito Alien que brotou de dentro do meu peito, seu embrião viado; essa é a verdade.

É, a comparação até que é boa, seu filho da puta. O alien neném que sai explodindo o peito das pessoas no filme parece realmente um embrião.

— Aliens... futuro... tecnologia! Posso não ter rosto, mas adoro tecnologia, internet, celulares, orkut e o escambau.

A única coisa boa que poderia ser gerada nesses tempos de comunicação on-line é justamente ignorada por você: o diálogo. Por que aviões se chocam em torres e outros aviões bombardeiam aldeias? A resposta é a falta de diálogo. Tanta tecnologia de comunicação, e tanta ausência de comunicação.

— E o que tenho eu a ver com o que acontece no mundo, embrião-fantasma? Sou um astronauta numa cápsula sobre a lua. Tenho que colonizar essas vastidões desertas. A lua é o novo Velho Oeste!

Sim. Você, preso nesse cubículo, pode realmente ser um astronauta na Lua. Mais do que isso; você é um lunático.

— Estou numa cápsula espacial no meio do nada. A minha vida se passa num cubículo no meio do nada temporal e espacial. Eu vejo o nada e nada sinto. E tudo é tão frio...

É uma boa constatação. Sua vida é um vácuo do qual você aos poucos está se dando conta.

— Tudo tão frio... tudo tão distante... estou morrendo?

Lamento informar, mas, independente de quem seja, nesse exato momento sua vida está se esvaindo. Talvez você já esteja sendo eletrocutado na cadeira elétrica ou realmente definhando de fome em seu quarto de cibernerd misantropo ou de tristeza em sua cápsula lunar. Não importa mais a origem do seu triste fim. O que importa de fato é que você está morrendo.

— Frio e medo... e escuridão... ninguém se importa mais comigo, e isso é tão horrível que por si só me mataria de desgosto... estou sozinho na existência que se apaga.

Veja como é a Lua em que você se encontra. Ela possui duas torres, um cão e uma lagosta. O seu número é 18 e é um arcano do tarô. É a carta das ilusões, da ilusão da ilusão da ilusão sem fim. Duas ***torres gêmeas*** *esperando uma catástrofe, e o cão e a lagosta esperando impacientemente para devorar o cadáver dos que morrerem nessa catástrofe. A carta da Lua é associada também à gravidez, e uma gravidez catastrófica certamente resulta num aborto. Que seria mais ilusório na vida do que a vida que se aborta?*

— Talvez – ou certamente – o amor. Das coisas invisíveis, o amor é a mais ilusória, e da qual as provas se apagam rapidamente, como pegadas anônimas numa praia que ninguém freqüenta. Você, Abortado, é a prova de que alguém já gostou de mim. Não sei quem fui, mas isso pouco importa, pois agora desce sobre mim a única certeza da vida, que é a morte. A sombra da morte turva-me a lembrança; sequer sei quem foi que me amou... mas deve ter me amado muito, a ponto de ter ficado grávida do meu filho. Sim, enxugo as lágrimas para dizer que você é o meu filho que foi abortado, a minha maior ilusão... Nesse meu breve momento de lúcida agonia eu lhe imaginei conversando comigo... você era eu o tempo todo; você sou eu e serei eu... você é a consciência que eu nunca tive... a possibilidade feliz que foi interrompida. Ultimamente o mundo anda assim mesmo, sem finais. E sem sentido. Sempre somos complicados. Divagamos sobre quem somos, enquanto que o mundo ao nosso redor vai se interrompendo sem que nos importemos com isso. Eu não me importei muito quando soube que você foi abortado. E daí que era meu filho? Era um filho da puta a menos no mundo para encher o saco. Meu filho, meu filho... um mundo começou a morrer ao ver que outro mundo sequer existiu. Gostaria que me emprestasse seu cordão umbilical para

eu poder me enforcar com ele. Mas, como eu disse antes, fingindo que era você: basta de citações.

FIM

EXPERT

— Na verdade você não é do jeito que eu esperava...

Ele tenta vasculhar a mente em busca de um argumento para retê-la nos braços. E toda vez o seu argumento é sempre o mesmo:

— Bem... eu sou um *Expert*, sabe?

— Meu bem, e daí?

Ele bebe o gelado sem gosto do refrigerante do seu copo e movimenta com certo nervosismo uma das rodas da cadeira:

— Como "e daí?" O nosso país está em guerra, sabe? Eu sou um *Expert*! Bem, eu sou, tipo, um herói...

— Você quer dizer o quê? Que é um herói?! Meu bem, quem você pensa que é?

O som pedante dos sapatos de salto alto se afastando rapidamente se interpôs ao se pensamento de "retê-la nos braços".

E Lázaro imóvel em sua cadeira de rodas:

— Bem, acabou-se. Mas uma vez acabou-se mesmo antes de começar.

Ele girou as rodas de sua cadeira até uma lixeira e jogou o copo descartável.

Parou um pouco, meditativo, e imitou a voz daquela patricinha quando disse: "Olhe só para você. Achou mesmo que teria uma chance com uma mulher como eu?" Ela não disse isso, mas não importa. Era o que poderia fazer no momento. Depois olhou para seu relógio: já estava na hora de voltar para sua base.

Ele em sua cadeira era um estorvo que atrapalhava o fluir dos pedestres apressados. Uma floresta de pés anônimos indo e vindo na frente dos seus pés imobilizados, plantados firmemente no esforço de guerra daquele país. Pés inertes e anonimamente heróicos, que pisavam uma enorme responsabilidade a qual ninguém dava valor.

A base era o seu apartamento.

Havia sujeira e revistas de mulher pelada por todo o canto. Pedaços de pizza mofados, roupas sujas e baratas se amontoavam.

Ele entrou no quarto.

O quarto era repleto de monitores, CPU’s enormes e sem as tampas dos lados.

— Maldita webcam que só mostra parte da verdade...

A câmera do alto do monitor principal só mostrava a parte de cima dele, saudável, para as garotas com quem flertava pela internet. Isso por um lado o irritava, mas por outro lhe dava a meia-verdade com que ele poderia flertar com as garotas dos sites de namoro. Essa sua estratégia era o pior que podia inventar – muito embora sentisse um certo prazer mórbido nisso – pois logo as meninas conheciam a verdade por inteiro e descobriam a outra metade de seu corpo. Mas ao menos por um curto intervalo de tempo ele se sentia desejado como um homem qualquer, e por isso essa capacidade da câmera de produzir uma meia-verdade sempre recebia uma censura recheada de conivência da parte dele.

Mas aquela era uma época de guerra, e outras meias-verdades eram produzidas a todo instante.

Foi ligando vários computadores dispostos desordenadamente ao seu redor no pequeno quarto, enquanto comia uma banana bem madura com a outra mão. Uma mensagem apareceu na enorme tela principal:

MINISTÉRIO DA DEFESA
ÁREA DE
CAÇAS-BOMBARDEIROS
NÃO-TRIPULADOS

Com a boca ainda cheia, instalou na cabeça uns fones de ouvido com microfone. Um sensor ótico leu sua retina. Num minuto apareceram na tela as caras dos meninos de seu esquadrão.

— Ei, Lázaro, levanta-te e anda! – eles o cumprimentaram.

— Qual é a situação?

— Nessa manhã perdemos 12 caças.

— Apareceram interceptadores? – Lázaro disse estranhando o número elevado de perdas.

— Sim, e em maior número que nossos aparelhos.

— Droga, eu não posso sair nem um pouquinho para tentar xavecar uma

maldita garota que tudo vira uma bagunça! – Lázaro disse irritado – aos menos os alvos foram atingidos?

— Cerca de 60 por cento. As armas orientadas por satélite não valem nada com as contramedidas deles.

— Os nossos satélites estão sofrendo ataques virtuais e físicos, Lázaro.

— Temos de usar armas guiadas que não dependam de satélites – comentou Lázaro.

— Os caças estão prontos para serem rearmados.

Lázaro viu em um monitor lateral a vista de baixo de seu caça, e em outro monitor as configurações possíveis de armas. Noutro monitor, os tipos disponíveis de caças estacionados nos hangares espalhados secretamente pelos centros urbanos do país. O estranho formato do novíssimo avião apareceu na tela de Lázaro. Era achatado como um sapo esmagado. O compartimento de bombas era o maior já visto; cabiam 60 toneladas armas. E esse compartimento estava totalmente cheio de mísseis de ataque e bombas perfuradoras de concreto e de fragmentação, enquanto módulos conformais nas asas largas e curtas de formato trapezoidal estavam infestados de trincas mísseis ar-ar de curto, médio e longo alcance.

— Lázaro, os robôs já rearmaram todos os nossos caças.

— Bem, pessoal, hora de brincar de guerra. Ao ataque, Experts!

O monitor principal de Lázaro se transformou na vista de dentro de um dos caças não tripulados Morcego Negro. Através do teclado sujo e de um joystick vagabundo ele ligou as duas turbinas e se dirigiu para fora do hangar. Taxiou, checando os sistemas de bordo. Conferiu num display virtual o layout do avião, os compartimentos internos cheios de mísseis com alcance de 400 quilômetros a Mach 7.

Ele mexeu as teclas de seta para ver o redor; viu seus companheiros de esquadrão numa longa fila, aguardando também o momento de alçar vôo.
Ele apertou simultaneamente as teclas “Page Up” e “Page Down”, ligando assim os pós-combustores de seu caça teleguiado. Em alguns minutos seu Morcego Negro estava a 20 mil metros, e a Mach 3, velocidade de supercruzeiro sem pós-combustão.

— Eles com certeza irão nos detectar, apesar de nossos caças serem stealth e de nossas contramedidas eletrônicas – comentou um dos pilotos, que já teve 6 caças destruídos pela manhã – que vontade de mudar de emprego...

O enxame de aviões negros teleguiados partiu de vários pontos do país.

— O país inteiro depende da gente, cara.

As populações das cidades ainda não estavam acostumadas ao estrondo que esses aviões causavam quando ultrapassavam a barreira do som.

— Recebemos um salário mínimo para jogar bombas de duas toneladas no nosso país vizinho nojento. Que vida horrível!

Algumas janelas dos prédios mais altos sempre se partiam. Mas afora isso, a guerra ainda não tinha chegado de fato às principais cidades do país, embora as sirenes sempre alertavam o perigo de ataque aéreo.

— Hoje em dia todo mundo entende de computador e de programação, por isso nosso salário é uma merreca. Há muita mão de obra especializada desempregada por aí.

Mas nas cidades perto da fronteira a situação era devastadora. Algumas já tiveram 80 por cento de sua área destruída pelo inimigo. Dezenas de milhares de mortos já podiam ser contabilizados.

— Pô, os hômi não compram nem uma interface de realidade virtual decente para a gente. Soube que o inimigo só usa interface desse tipo. Temos que nos virar com gambiarras em nossos próprios micros.

O inimigo não tinha armas de longo alcance. Por enquanto. Mas as suas armas eram tão ou mais devastadoras.

— Ao menos os caças são bons, à prova de interferência inimiga... e aí, Lázaro, que tal seu encontro com aquela mina?

— Deixem isso para depois. Em primeiro lugar vem a defesa de nosso adorável país – Lázaro resmungou amargo, vendo que estava entrando no espaço aéreo inimigo.

Súbito, os aparelhos AWACS do esquadrão E deram o alerta:

— Interceptadores inimigos detectados!

— Atenção, atenção! Há uns 50 bandidos vindo em nossa direção.

— Esquadrão E, prepare seu ataque eletrônico! Esquadrão A; acelerar a Mach 5 antes de lançar a carga!

— Atenção, o inimigo acelerou a Mach 10!

— Mísseis inimigos lançados!

— Caças de cobertura, permaneçam na linha de fogo inimiga! Temos que atrair o fogo para que os bombardeiros consigam passar!

Lázaro acompanhou no radar as dezenas de mísseis cruzando o ar. Ícones verdes, fogo amigo. Ícones vermelhos, fogo inimigo. O enxame terrível se aproximava como uma barreira de destruição. Os caças lançavam automaticamente no ar, e de maneira inútil, iscas para desviar a cabeça buscadora dos mísseis. Através das câmeras do Morcego Negro Lázaro pôde visualizar os pequenos pontos vindo inexoravelmente em sua direção.

Ele fez uma manobra de 15 g e conseguiu se desviar de três mísseis inimigos.

E com uma manobra em parafuso conseguiu escapar de mais um. Mas outro fez seu Morcego Negro em pedaços.

Imediatamente Lázaro assumiu o controle de outro caça Morcego Negro que estava voando na retaguarda, de reserva.

— Lázaro, destruímos 90 por cento do inimigo! Mas fomos reduzidos a 40 por cento.

— O que importa é que os bombardeiros passaram. Lançar novo ataque de mísseis contra esses palhaços e o restante abater com canhões!

No combate corpo a corpo com canhão, Lázaro era imbatível. Logo ele estava colado na traseira de um inimigo; as bocas dos motores do caça adversário produzindo uma luz alaranjada tão flamejante que ele poderia sentir o calor na sua pele, mesmo estando a milhares de quilômetros dali, no seu apartamento anônimo.

Uma rajada curta, disparos cortando o céu azul como gotas rápidas de luz branca e já era; inimigo abatido. Os sobreviventes resolveram dar no pé, pois estavam sem armas e sua velocidade era absurdamente superior aos caças comandados por Lázaro. Mas o Esquadrão E interferia no controle dos caças inimigos, e vários caíram descontrolados.

— Muito bem, rapazes! É isso aí!

Mais uma feroz batalha aérea foi travada sem que houvesse uma única morte entre os pilotos.

— Atenção, nada de comemoração. Quem ainda tiver combustível e armas terá de descer para dar cobertura aos caças-bombardeiros. Aposto que uma nova leva de inimigos está decolando.

Mas, felizmente, os inimigos não poderiam chegar a tempo de evitar a destruição provocada pelos caças-bombardeiros de Lázaro. Depois de uma única passagem deles, o alvo no centro da cidade inimiga estava explodindo; os prédios desabando na luz da manhã, levantando nuvens de fumaça negra e contorcida. A artilharia antiaérea atuava destruindo vários caças dos esquadrões de Lázaro, mas, depois que cumprem sua missão, os aviões teleguiados podem ser abatidos à vontade pelo inimigo, já que custam barato e nenhum piloto se fere de fato.

Lázaro deu um rasante sobre a avenida principal, coalhada de escombros e de artilharia antiaérea.

Ele possuía bombas, mas não soltou.

— Hora de voltar, pessoal – ele disse secamente – quem quiser, pode apertar a tecla “a” no teclado para o caça volta automaticamente para nosso país. Aproveitem para ir ao banheiro ou então para assistir à sessão desenho. Não vejam os telejornais; são muito mentirosos. Eu estou pulando fora.

Lázaro tirou seu fone de ouvido, respirou profundamente com os olhos fechados e saiu do quarto onde travou o combate teleguiado.

Moveu sua cadeira de rodas até a pequena sacada de seu prédio e viu a lenta e difusa luz dos automóveis debaixo da chuva. Uma estranha dor de cabeça o atingia.

....

— Eu não posso mais continuar fazendo isso, senhor...

Uma voz estéreo saiu de seu celular:

— Lázaro, o que há com você? É o melhor piloto do país!

Lázaro rodopiou sua cadeira pela alameda de paralelepípedos do parque.

— Senhor, eu não sou um soldado. Sou apenas um civil paralítico.

— Ora, e o que isso tem de mais, Lázaro? Você é um exemplo a ser seguido pelos outros que possuem a sua deficiência.

A pequena tela do celular mostrava a cara velha do brigadeiro do ar. Lázaro viu uma bela árvore, também velha, coberta por flores avermelhadas, que caiam com a brisa e depositavam um calmo tapete florido nos paralelepípedos. Um tapete vermelho e morto.

— Senhor, eu nunca tive dinheiro para visitar o nosso país inimigo. Mas sempre tive essa vontade, pois lá nasceram muitos dos meus escritores prediletos. No último ataque eu dei um rasante lento numa das avenidas que estavam sendo bombardeadas por nós. Infelizmente meu alçapão de bombas não abriu.

— Sabemos disso. Mas o que tem a ver?

— Um desses meus escritores favoritos falava freqüentemente em labirintos... Bem, senhor, eu passei por labirintos de prédios devastados. Senhor, eu não sirvo como exemplo para outros aleijados.

— Por quê?

— Porque eu estou produzindo dezenas de aleijados e mortos a cada missão de ataque ao solo inimigo, senhor – e Lázaro virou o rosto de lado.

Mas o tapete vermelho produzido lentamente pela velha árvore não poderia parar:

— Lázaro, olhe para mim! É o brigadeiro Carvalho quem está lhe ordenando! Deixe de lado essas bobagens! A nação precisa de pessoas como você para se levantar, Lázaro!

Lázaro olhou para a imagem do brigadeiro na pequena tela de seu celular. Mais uma tela produzindo meias-verdades em tempo de guerra:

— Lázaro, o país se orgulha de homens como você que andam a passos largos pela estrada da justiça!

— Obrigado, senhor.

— Você foi perfeito. Sua equipe destruiu o centro financeiro inimigo. Eles tiveram um prejuízo de bilhões. Parece que a bolsa de valores deles vai fechar mais cedo hoje – o brigadeiro deu um sorriso maléfico – por sua destemida atuação, você e seu esquadrão passarão a ganhar talões de vale-refeição e de vales-transporte!

— É muita generosidade de sua parte, senhor.

— Lázaro, vou encurtar a história e ir direto ao assunto: o governo está desenvolvendo uma arma para vencer definitivamente essa guerra.

— E do que se trata, senhor?

— No centro do país foi construído um imenso complexo subterrâneo para a construção de um super robô de 500 metros de altura. Quando pronto, ele será invulnerável às armas do adversário. O nome desse robô é Gólen.

— Bem, senhor, e qual é o problema?

— Atualmente o Gólen é uma imensa carcaça, como um superpetroleiro sendo construído. Mas estranhos acontecimentos vem ocorrendo no estaleiro subterrâneo.... algumas das torres móveis de armas do robô têm disparado acidentalmente contra os operários. Desnecessário dizer que os cadáveres são feitos em milhões de pedaços. No princípio pensamos que o inimigo estivesse se infiltrado no sistema de controle do Gólen, mas rigorosamente nada foi detectado. Estamos desenvolvendo uma interface de controle aperfeiçoada, e você é o soldado mais indicado para operá-la.

— Senhor, eu disse que estou de fora! Eu não quero mais saber de destruir pessoas!

Houve um silêncio. Lázaro esperou uma resposta. Olhou para a tela de seu celular. O militar o olhava com imenso ódio:

— Escute aqui, seu aleijado. Quem você pensa que é?! Você não é porra nenhuma! Nem sonhe em pular fora. Sabemos que você deliberadamente não quis jogar as bombas de seu Morcego Negro na sua última missão de bombardeiro. Isso é crime de alta traição. Pode ser fuzilado! Sua única saída é continuar a colaborar com a gente. Não tem escolha!

— Veremos!!

Lázaro desligou seu aparelho e o jogou no lixo. Não adiantaria mesmo ficar com ele, pois seria facilmente detectado.

A velha árvore continuava querendo chorar sangue no meio do parque imóvel.

....

Foi então a vez do inimigo atacar.

Era uma manhã normal, como todas as outras.

As pessoas caminhavam sobre seu dia-a-dia. Tudo estava normal, os homens engravatados apressados, as meninas estudantes, os mendigos,

todos, enfim, compartilhando as calçadas da avenida principal imersa na penumbra azul e gelada da muralha indistinta dos prédios. Um vento frio soprava baixo, fazendo com que as pessoas procurassem caminhar pelos poucos recortes dourados que os raios do Sol deixavam nas calçadas. O vento frio soprava baixo, produzindo um zunido. Um zunido que crescia.

Algumas pessoas pararam.

O zunido crescia ainda mais.

As pessoas olharam ao redor.

O zunido rasgou todo o céu como uma gigantesca espada impiedosa.

As pessoas olharam para cima.

Mas as muralhas de edifícios tampavam todo o céu. Mesmo assim, alguns ainda tiveram chance de ver no ar uma nuvem preta de pequenas bombas, soltas pelos mísseis de fragmentação inimigos.

E então, vieram as explosões.

Cinco minutos depois, 90 por cento dos prédios daqueles quarteirões tinham sido reduzidos a escombros fumegantes.

....

A notícia correu o país com a velocidade que só as coisas catastróficas costumam possuir: o inimigo já dispunha de armas de longo alcance. Meia hora depois, foi a vez da capital sofrer um ataque devastador. O inimigo já tinha ocupado todas as cidades da fronteira; execuções em massa era perpetradas em represália aos bombardeios que ele sofreu nos últimos dias, em especial ao dos quarteirões onde se situava a bolsa de valores, transformada num horror de chamas e escombros pelos caças Morcego Negro.

O serviço secreto buscava por Lázaro numa caçada implacável.
Mas Lázaro, pobre Lázaro, estava com um gosto de fim de mundo na boca. Sabia que era apenas uma questão de tempo para que o inimigo fizesse ataques daquele tipo, e com toda razão. Agora ele sentia que o inimigo não pararia até destroçar toda sua pátria amada, não muito idolatrada.

Lázaro saía pela noite com essa sensação de fim de mundo, e não via muito sentido nisso e no resto. Parecia que um maldito cometa estava por cair, ou um fatídico eclipse estava por acontecer, desses previstos pelos profetas.

As pessoas agiam como se não houvesse muito que esperar do amanhã. E, enquanto o amanhã não vinha, ele ultimamente fazia uma coisa que sempre teve vontade: de ir num salão de rock. Som obscuro de vinte ou vinte e cinco anos atrás, dançados por figuras igualmente obscuras, de indecifráveis idades, sexos ou esperanças. Lázaro ficava numa parede, às vezes mexendo sua cadeira ao ritmo do som gótico e da hipnótica luz estroboscópica, vendo aqueles vultos dançando num ritmo empolgante e doentio.

— Nessas horas eu daria tudo por um bom par de pernas... – resmungou sem muita convicção.

Mas nisso um bom par de pernas caiu sobre seu colo; era uma garota meio bêbada:

— Ops... foi mal, eu pensei que essa cadeira estivesse desocupada...

— Não se preocupe, o prazer é todo meu! – Lázaro sorriu.

— Meu... acho que não vou consegui mais levantar.... – a menina falou bastante grogue.

— Como você se chama?

— Marta... cara, você é legal... – e ela abraçou o pescoço dele.

— E eu me chamo Lázaro.

— Pois é, Lázaro, que tal... que tal a gente transar? – e Marta, sonolenta por causa da embriaguez, pôs a mão dentro das calças de Lázaro. E adormeceu nessa posição, sentada no colo dele, um braço languidamente pendurado no pescoço de Lázaro e uma mão segurando o pau dele. Lázaro se sentia multimilionário. Bem que poderia aproveitar aquela escuridão para se aproveitar da menina bêbada.

Mas aquela figura tão frágil em seu colo, tão à sua mercê, lhe despertava a vontade de velar pelo sono dela. Com os braços aninhou-a melhor em seu colo, e fez carinho nos longos cabelos negros dela. Num minuto ela estava respirando lenta e pausadamente como uma criança. Ele se sentiu imensamente feliz.

Passou uma hora e meia. Que músicas tocaram? Bauhaus? Sisters? Siouxsie?

Ele não sabia.

Um bocejo e Marta acordou. Por um instante Lázaro teve receio dela não se lembrar de como veio parar em seu colo. Mas ele não precisou se preocupar:

— Obrigada, Lázaro, por tomar conta de mim. Você é um cara legal. Tá a fim de tomar alguma coisa? Eu pago.

— Não, obrigado, eu não bebo.

— O quê? – a menina franziu a sobrancelha.

— Bem, digamos que a minha vida já é um porre sem eu precisar encher a cara, se é que me compreende...

Ele disse isso pensando no fato do governo está atrás dele. Mas ela entendeu como sendo sua condição de paralítico.

— Ei, que coisa mais deprimente é essa que você está dizendo? Só porque a droga do país vai implodir de uma vez por todas não quer dizer que a gente não possa se divertir! Venha! Vamos dançar!

— Mas eu não sei...

E antes que ele pudesse protestar, Marta empurrou sua cadeira para o meio da pista de dança. Estavam tocando “Killing an Arab” do The Cure. Marta dançava como uma louca, com seu vestido preto e esvoaçante, e ele começou a rodopiar a cadeira e a sacudir a cabeça. Ela se aproximou da cara dele e lhe beijou a boca.

Dançaram até as quatro. Mas as sirenes de ataque aéreo soaram e a música teve de parar, apesar dos protestos de todos (afinal, não estavam ali justamente para esquecer dessas coisas?).

Lázaro e Marta saíram pelas ruas iluminadas pela luz alaranjada e difusa dos postes em meio ao sereno da madrugada.

— E aí, Lázaro, para onde?

— Bom, eu não tenho para onde ir, tenho vivido uma aventura a cada dia...

— Você não parece ser do tipo que não possui casa para morar.

— É que... não sei se devo contar.

— Ué?! Experimente.

— Bem, Marta, o governo está atrás de mim... eu sou um Expert, o melhor de todos, e eles querem que eu pilote uma nova arma secreta que pode vencer a guerra para gente... mas eu recusei... e agora estou sendo caçado... é

foda ser um misto de herói anônimo e covarde procurado, não é? O que será pior? O que tem menos valor para nosso país?

Lázaro deu uma risada amarga.

— Quer ir ao meu apartamento? Mas não pense que isso é um convite para a gente transar, viu? Eu sei muito bem o que falo quanto estou bêbada.

Ambos sorriram.

— E o que você faz, Marta? Você tem um jeito assim, como eu poderia dizer? Acho que você tem um jeito... um olhar... meio de cigana.

— Cigana? Ah! Ah! Mas você chegou perto: eu sou taróloga.

— Taróloga? Tão novinha assim?

— Ué?! O que tem isso a ver?

— É que imagino uma taróloga como sendo uma velhinha, ou algo assim...

— As velhinhas foram novas um dia, não é?

— E isso dá dinheiro?

— Não.

— então, por que você é?

— Porque eu gosto.

A face de Lázaro refletiu a luz néon de um motel e também outras luzes sobre o que é ter prazer fazendo o que se gosta.

Prazer. Poder. Gostar. E ser obrigado.

— Chegamos!

Entraram no prédio; ela morava no décimo quarto andar.

Um perfume indecifrável, mas nem por isso desagradável, feito de óleos e incensos, entrou profundamente nos pulmões de Lázaro.

— Seu apartamento é bem legal – ele disse vendo o apertado ambiente cheio de pequenos enfeites, vasos, tapetes, quadros de vários tamanhos e artefatos místicos, todos banhados por uma luz cor de pêssego.

— Que bom que gostou – ela disse puxando um cigarro de um maço – fique à vontade. Quer tomar um refrigerante?

— Acho que vou querer sim, Marta. Puxa, você tem discos pra caramba!

— Mais ou menos.

Ela pôs refrigerante num copo para Lázaro e para si pegou uma garrafa de vinho e uma taça. Sentou-se sobre uma almofada e tirou um maço de cartas

de cima de uma das caixas de som. Com o cigarro preso na boca, ela começou a embaralhar.

— E aí? Quer tentar a sorte?

Ela deu o maço para Lázaro embaralhar. Depois ele devolveu o maço para Marta, que o abriu num leque e ordenou:

— Escolha uma, querido Lázaro.

Lázaro tirou uma lâmina.

Marta olhou para a carta. Olhou para ele. Deu uma baforada. Deu um gole no vinho. Pegou a lâmina do tarô de Lázaro e mostrou a ele:

— Esse, Lázaro, é o Arcano 4, O Imperador. Um homem sentado eternamente numa cadeira, e que possui uma imensa responsabilidade. A responsabilidade é por vezes maior do que a capacidade dele de suportá-la. E disso não trará nenhum mérito para ele, já que o imperador desse arcano é aquele que serve ao seu povo sem esperar nada em troca, nem reconhecimento, nem gratidão, nem nada. Em suma, é o instrumento da vontade de Deus na Terra. Lembra-se de São Francisco? “Senhor, fazei-me um instrumento de Sua vontade” .Pois é a mesma coisa. O Imperador enquanto instrumento da vontade divina possui poderes fantásticos, mas que foram dados por Deus a ele unicamente para cumprir as enormes responsabilidades. Daí decorre dois problemas: às vezes o imperador pensa que seus poderes decorrem dele próprio, e sua vaidade passa assim a ser sua ruína, pois usará sua condição de imperador para proveito próprio, e não para ser útil ao seu povo. O outro problema é que o imperador terá de escolher entre sua missão na terra e sua vida pessoal. Não poderá ter as duas coisas ao mesmo tempo, e isso o fará infeliz, qualquer que seja o caminho escolhido. Pois sua missão na terra não lhe trará nenhuma fama ou riqueza, e sua vida pessoal também não lhe tornará o herói que espera ser.

....

Marta e Lázaro passeavam pela cidade imersa numa calma cheia de tensão.

— Será questão de tempo, Marta.

— O quê?

— Eles me encontrarem.

O ar da manhã estava realmente dourado, o sol se espalhava por pessoas, prédios e escombros, não necessariamente nessa ordem. Os dois estavam numa padaria comendo pão esquentado na chapa e café com leite.

Marta riu:

— É um prazer estar com você, Lázaro. E nossos signos nem combinam.

Na velha televisão da padaria, o noticiário de início de manhã trazia informativos sobre as últimas conseqüências da guerra. A principal chamada era sobre a queda da
bolsa de valores nacional após o último ataque inimigo.

— Temos 100 armas nucleares. O inimigo teve ter um número semelhante – disse ele, coçando pensativamente a barba negra – também é só questão de tempo para que tudo isso vire uma guerra nuclear.

— Mas você falou que o governo possui uma arma secreta – cochichou a menina.

— É verdade. Temos o Gólen.

— Essa arma evitaria a guerra nuclear?

— Bem, de certo modo, sim. Mas traria uma destruição quase igual. Eu já lhe contei a respeito disso.

Marta comeu um pedaço de pão olhando para ele:

— De certo modo, o fim da guerra passa pelas suas mãos.

— Ei! – Lázaro levantou o dedo indicador para ela – não me culpe por isso por isso!

— Não estou lhe culpando. As bombas atômicas ainda não caíram. Estou somente estou dizendo que você pode evitar um número maior de mortos.

— Não quero ter uma responsabilidade dessa nas costas.

— Mas tem.

— É isso o que dá dois pequenos países terem armas nucleares – resmungou Lázaro – hoje em dia qualquer país que possua uma única arma nuclear acha que já pode chantagear o resto do mundo, e posa de superpotência.

—Esse não deixa de ser um argumento pelas superpotências para que nenhum outro país tenha bombas atômicas – Marta disse.

— Pode até ser, mas o ideal seria que ninguém possuísse armas, quaisquer que fossem.

— Ideal... – Marta fez uma pausa, deu um gole no seu copo de café com leite e olhou para ele – você é um idealista, Lázaro. No fundo, quer ser um herói e não sabe como fazê-lo.

— Uma coisa é a intenção, e outra coisa é ser um herói de fato.

Marta olhou lá para fora:

— Se o Batman estivesse por aqui, como ele se portaria? Como é ser um herói no meio de dois países em guerra?

— Ah, sei lá. Detesto o Batman. Ele não passa de um milionário brincando com bat-bugigangas.

— Ele é um humano usando tranqueiras tecnológicas. Isso o torna mais real do que qualquer outro super-herói. Qualquer um pode ser Batman.

— Já eu prefiro histórias de quando um cara é atingido por um raio radioativo e adquire incríveis poderes, e aí sai voando e soltando raios e o caralho a quatro.

Vendo a condição de paralítico de Lázaro, Marta logo adivinhou por que ele gosta dessa segunda opção. Lázaro ficou girando o copo vazio sobre o balcão:

— Podemos até fazer uma certa divisão: os heróis que usam bugigangas tecnológicas e os que têm realmente poderes. Qual dos dois tipos você prefere, Marta?

— Bom, lembra quando eu disse que qualquer um pode ser Batman? Eu curto essa idéia. Eu gostaria de botar minha fantasia de Batman e sair por aí.

— Você quer dizer, de Batmoça.

— Não, a Batmoça é uma patricinha fresca. Eu queria ser é o Batman, mesmo. Nossa, eu de Batman iria fazer o maior sucesso no salão gótico!

— Bem, não mudou muita coisa, já que dizem que o Batman é gay.

— Você acha que ele é gay?

— Nossa! E como!... O Batman é uma bichona velha. Quero dizer, nada contra, mas que ele é gay, isso tá na cara.

— Os super-heróis são retratados como pessoas normais que recebem algum tipo de dom ou insight e deixam de ser normais. Mas, reparando bem, elas nunca foram pessoas normais. Todo super-herói que se preze gera várias teses com seu perfil psicológico.

— O que isso quer dizer?

— Talvez que não exista uma normalidade. Talvez queira dizer que todo mundo seja meio atormentado e não perceba. Os super-heróis e as pessoas comuns estão no mesmo barco.

— Cara, esse papo está ficando perturbado. Vamo rapá fora, Marta?

— Tá limpeza. Você vai demorar muito no centro?

— Acho que não.

— Você já sabe, vou ficar o dia inteiro no apartamento. Te cuida – ela deu um beijo na boca dele e ambos saíram da padoca. Lázaro deu uma última olhada para trás para ver aquela menina se afastando com seu passo imponente, o cabelo sacudindo levemente com o vento frio da manhã recém-nascida, os sapatos de salto alto ecoando forte nas calçadas de uma maneira até arrogante. Teve uma ligeira sensação de saudade antecipada dela, e depois resolveu seguir também o seu caminho.

O medo de ataque aéreo pairava sobre os estreitos de céu recortados pelos edifícios escuros. As pessoas andavam olhando para cima, apreensivas, esperando pelo fim do mundo. Mas Lázaro tinha seus pés no chão (ainda que paralisados), e desde que se mudara para o apartamento de Marta estava trabalhando na manutenção virtual de sistemas industriais de algumas empresas ilegais.

Assim que chegou na região que vendia suprimentos eletrônicos, ele viu um assalto. O bandido correu como uma sombra sem rosto e passou voando a poucos centímetros de sua cadeira, e sua corrida produziu um vento que chegou à face de Lázaro misturado com cheiro de suor e atrevimento. Ele até pensou em tentar segurá-lo, mas teve muito medo.

Depois disso ficou pensando. Se ele fosse um super-herói estilo Batman, com algum tipo de equipamento adequado, certamente poderia ter capturado aquele
criminoso. Mas como adaptar bat-bugigangas à sua condição de deficiente físico? E enquanto as outras pessoas andavam nas calçadas olhando para

cima, com medo de um bombardeio inimigo, ele estava devaneando em sua cadeira de rodas de cabeça baixa. Por isso não viu quando uma das rodas passou por cima do pé de uma pessoa:

— Ai!... Por que não olha por onde anda, imbecil?

— Me desculpe...

A pessoa foi embora, resmungando.

Lázaro sorriu. Eram essas coisas lhe chamava novamente à realidade. Precisava comprar as malditas peças eletrônicas na loja de uma amigo seu. Maldita hora para seu computador queimar. Ele suspirou e empurrou com as mãos as rodas da cadeira na direção de loja de seu amigo. Chegou na frente da loja. Pensou sem querer em Marta. Empurrou a porta e entrou.

Atrás da porta havia uma profusão de soldados apontando uma profusão indistinta de armas para ele.

Ao ver sangue no chão, o queixo e as mãos de Lázaro tremeram.

— Está preso por trair a sua pátria!

— O que fizeram com meu amigo? – perguntou gaguejando.

— Cale-se! – e recebeu uma bofetada. E depois um soco. E outro. Vários, dados por várias mãos ao mesmo tempo. Mãos em luvas; *mãos de super-heróis que lhe sacudiam lhe chamando para o fato dele ser também um super-herói que combatia os malfeitores na escuridão onde flutuava uma lua tão branca e pálida e também Lázaro, o Expert, que pairava no ar com seu uniforme cor de vinho realçando seus músculos e suas pernas sadias, pois já dizia o ditado: Lázaro; levanta-te e voa! E ele fazia o seu vôo pairado, guardião noturno da justiça e da bondade como era, enquanto o vento das estrelas balançava violentamente sua capa. Essa noite os criminosos não lhe escapam... olhou para baixo e viu um ladrão passar ao lado de um pobre rapaz barbudo numa cadeira de rodas; mas que atrevimento desses marginais! Expert voou como um foguete humano noturno atrás do criminoso, o pegou pelo colarinho e o levou para uma cadeia. O rapaz da cadeira de rodas o agradeceu, mas Expert não olhou para trás. Na cadeia os homens da lei aplaudiram seu ato de bravura, porém Expert, como guardião noturno da justiça que era, disse que só estava cumprindo o seu dever e rapidamente voou para fora dali, com os policiais jogando os chapéus para cima em sinal de contentamento pela prisão de tão terrível bandido. Engraçado, a*

cadeia possuía rodas. Mas ele não podia perder tempo prestando atenção numa cadeia de rodas, pois havia uma supervilã que aterrorizava a cidade noturna, conhecida como A Taróloga. Ela voava como um morcego e despejava suas terríveis cartas-lâminas na cabeça dos inocentes. Ela era uma ameaça às pessoas. Expert precisava urgentemente prender a Taróloga na cadeia de rodas para que ela não fugisse mais dele. Lá estava ela, flutuando no céu noturno sobre a cidade, emoldurada pela lua branca, com suas roupas esvoaçantes. "Parada aí, Taróloga!" ele gritou, ao que ela respondeu: "Eu já estou parada, Lázaro". "Como?! Você conhece minha identidade secreta? Não pense em escapar de mim, Taróloga!" Com movimentos lânguidos, em compasso com o esvoaçar em câmara lenta de seu vestido, ela disse com uma voz distante: "É você quem está escapando de mim, Lázarooo...", e em seguida ela atirou uma de suas lâminas do tarô contra ele, que o acertou bem na testa. Expert deu um grito de dor, e quando arrancou a lâmina da testa viu um 'IV" escrito em sangue. "Isso não vai ficar assim, Taróloga!", ele gritou e se refugiou no alto de um obscuro edifício, tão obscuro que continuava negro mesmo sob a luz da lua cheia. Mas aquilo não era um edifício. Era um robô de 500 metros de altura chamado Gólen. Expert sabia que aquilo era seu. "Espere só eu entrar no meu robô, Taróloga, que irei derrubá-la como a um castelo de cartas!".

Na escuridão, uma réstia de luz branca, fantasmagórica, aos poucos vai aumentando e revelando a monstruosa caverna subterrânea de concreto e aço, cercada por guindastes enormes e plataformas elevatórias. No centro de tudo repousava um obscuro gigante disforme, ao redor do qual um formigueiro de operários trabalhava imerso no medo.

O gigante colossal tinha uma forma difícil de entender; não parecia ter harmonia estética nenhuma, parecendo ser um trambolho negro infestado de casamatas e torres móveis, parecendo assim um gorila de metal cuja pele era formada por cadeias de bolhas de vários tamanhos e espinhos. Um gorila sem cabeça; no lugar dela havia dezenas ou centenas de torres de sensores. Holofotes nos guindastes jogavam fachos de luz sobre a estranha criatura que era o orgulho nacional.

Súbito, uma das casamatas de armas da pele da criatura é ligada

aleatoriamente e dispara no meio do formigueiro de operários. Uma explosão cegante de energia, e instantaneamente dezenas de corpos são desintegrados. Imediatamente os trabalhos param, e todos fogem correndo, inclusive o pessoal dos guindastes.

Protegidos por uma grossa parede blindada, um pessoal das forças armadas presenciou a tudo.

— Viram o que eu disse? – o brigadeiro Carvalho resmungou para os seus colegas.

— Maldita máquina irracional! É melhor interrompermos o programa antes que esses acidentes vazem para a imprensa...

— Já gastamos dois trilhões na construção dessa coisa... agora é tarde demais para voltarmos atrás... o Gólen é a esperança de vencermos a guerra sem uso de armas atômicas.

— Mas e se ela fugir do controle?

— Temos o controle, senhor presidente – o brigadeiro Carvalho garantiu sem nenhuma convicção.

— Pelo que vi, todas as tentativas de controlar essa coisa resultaram em fracassos, com as mortes de todos os que tentaram usar uma interface virtual de controle. O que tem em mente agora, Carvalho?

— Transferência de consciência. Vamos transferir a consciência de um ex-piloto Expert para o Gólen, e ele terá controle total da situação. Ele será o Gólen.

Nesse exato momento a consciência dele já está sendo transferida para o robô; o download completo se encerrará nas próximas horas.

— Rapaz corajoso. Mas isso não terá seqüelas para ele?

— Infelizmente, senhor presidente, é um processo irreversível. Após o download da consciência desse ex-piloto para o robô, o corpo dele será declarado clinicamente morto, e será enterrado. Ele é mais um herói a dar a vida pelo nosso país.

— E como é o nome desse herói? Bem, não me importa. Mas é melhor que não haja mais falhas nem atrasos no programa! O inimigo já domina dez por cento de nosso país!

O super-herói Expert se sentou na cabine de seu robô de ataque e começou a mexer numas alavancas. O monstro se levantou. A vilã Taróloga continuava pairando no céu, indiferente. "Prepare-se para conhecer o peso de todo meu poder, Taróloga!", ele gritou de dentro do robô, e investiu com tudo contra ela. A Taróloga se refugiava dentro dos prédios, mas o robô os desintegrava em frações de segundo. A Taróloga chama seus exércitos de ajudantes-cartomantes, mas eles eram esmagados pelo robô de meio quilômetro de altura e agilidade impressionante para um ser daquele tamanho.

Jornal do País

NOVA ARMA DO GOVERNO DIZIMA EXÉRCITOS INIMIGOS!

Quando a guerra parecia perdida para nosso país, as nossas forças **armadas lançaram contra o inimigo uma nova arma fulminante que está destruindo exército após exército. O impressionante robô teleguiado de 500 metros de altura já destruiu todos os arsenais atômicos estratégicos do inimigo antes que pudessem ser lançados, e agora esmaga as forças inimigas que tomaram conta das cidades da fronteira.**

"O horror... o horror..." repetia um dos poucos prisioneiros que puderam ser capturados vivos numa dessas cidades que permanecerá não identificada. As estimativas iniciais dão conta que pelo menos um milhão e meio de soldados inimigos morreram em menos de meia hora de enfrentamento contra o Gólen, que possui uma tecnologia de combate inédita, incluindo novos tipos de armas de raios, um tipo de blindagem revolucionário e uma agilidade sem precedentes, que quase chega a desafiar as leis da física tradicional. As Nações Unidas já cobram explicações de nosso governo e ameaçam um boicote ao país caso o

Gólen continue em funcionamento. Aparentemente as forças armadas só vão parar o Gólen quando o inimigo ceder parte de seu território para nós como ressarcimentos de guerra.

No mundo noturno de Expert todos o aplaudiam quando destruía as legiões enviadas pela Taróloga para lhe infernizar. Diziam que o mundo nunca tinha conhecido um super-herói como aquele, dotado de plenos poderes para a prática da justiça. Mas a Taróloga sempre fugia para outra cidade, e o Expert acionava os motores de seu robô para ir atrás dela, e nas cidades sempre havia legiões de bandidos prontos para serem destruídos pelo guardião noturno da justiça e da bondade. Eram piores que insetos, e nunca aprendiam que o crime não compensa! Expert, o super-herói, de dentro de seu robô devastava os prédios desses marginais instantaneamente, soltava raios guiados para todos os lados, desintegrando os criminosos comparsas da Taróloga. Como havia bandidos naquelas regiões! Não eram centenas, mas centenas de milhares! E todos deveriam saber que o crime não compensa! Uns deles tinha até armas nucleares em lugares secretos, que foram logo escaneadas pelos sensores de seu robô e destruídas. Bandidos com armas nucleares! Onde esse mundo iria parar!...

Jornal do País

O HORROR INTERNACIONAL AO GÓLEN

Desde a Segunda Guerra Mundial a humanidade não se depara com um

genocídio como o que está sendo causado pelo robô de ataque Gólen. Até o momento são 34 milhões de mortos, a imensa maioria de civis. A Otan ameaça declarar guerra ao nosso país caso o programa Gólen não seja imediatamente interrompido. Em todo o mundo manifestações furiosas acontecem. Em Paris os estudantes enfrentaram a tropa de choque, que revidou com granadas de gás lacrimogêneo; dois estudantes morreram. Em Belfast uma marcha contra o Gólen atraiu quinhentas mil pessoas. No Japão manifestantes passaram a noite com velas acesas, lembrando do horror em Hiroxima. Na Indonésia o grupo radical Filhos de Maomé assumiu a autoria do atentado ao consulado, que resultou em vinte mortos. Nas principais cidades nacionais,

ontem foi um dia de protesto contra o horror e a insensatez. Houve enfretamentos e diversas
pessoas foram presas.

Por mais que Expert, o super-herói combatesse a Taróloga, ela continuava a passear pela noite, a noite que nunca tinha fim. Lá estava ela, flutuando como uma suave fada lunar, sobre um quarteirão que ele acabara de destroçar. Ela lhe estendeu os braços e disse com uma voz cálida: "Beije-me". Expert de repente sentiu que a havia amado em outra vida. E sentia que ainda a amava, e que sempre a amaria. Ele então tentou sair de sua cabine para beijá-la, mas não conseguiu. Tentou mais uma vez. Não conseguiu. Sua cadeira parecia uma cadeira de rodas. O que estava acontecendo? Ele, usando cadeira de rodas? Mas ele era um herói! Um super-herói! Ele não conhecia ninguém que usasse uma cadeira de rodas... espere... ele lembrava de um cara... mas... são lembranças... lembranças vagas...e tudo estava girando, num carrossel delirante de sensações e imagens que iam e vinham, mas que aos poucos foram se tornando mais nítidas...

Os soldados que se encolhiam dentro de suas trincheiras aos poucos botaram a cabeça para fora. Por que o Gólen não os liquida de uma vez? E lá estava o monstro, inerte. Aos seus pés, somente destruição. Vapores ainda saíam de milhares de suas armas.

O monstro então se inclinou para frente, e desabou! O impacto dele no chão chegou a produzir uma onda de choque que destruiu alguns escombros de prédios que ainda continuavam em pé.

(No seu país de origem a força aérea dava a informação alarmante: "perdemos contato com o Gólen!").

O Gólen ficou algum tempo inerte no chão. Depois foi lentamente se erguendo, e foi se apalpando, se examinando com as mãos monstruosas. Quando se ergueu novamente, não era mais o Gólen. Era a consciência de Lázaro quem agora estava no comando.

Ele deu alguns passos na terra desolada, e foi a primeira vez que teve a

sensação física de caminhar. Mas viu que na sua frente havia alguns soldados, e não caminhou mais com medo de esmagar alguém.

Seus milhões de sensores lhe informavam de bilhões de coisas ao mesmo tempo: diversos dados sobre a cidade inimiga que destruíra, condições meteorológicas, dados de satélites espiões, informações sobre suas armas e sobre todos os sistemas do Gólen. Eram informações tridimensionais, incapazes de serem compreendidas pelo cérebro humano normal, mas perfeitamente assimiláveis por uma consciência humana numa máquina. A percepção de mundo de Lázaro também estava alterada; graças aos sensores do robô ele tinha uma percepção de 360 graus ao seu redor e em diversas faixas do espectro eletromagnético. Mas aquilo não era mais um robô de quinhentos metros de altura; agora era seu corpo. Ele comandava tudo de maneira inconsciente e instintiva, sem precisar raciocinar.

Mas o que tinha acontecido? Num instante uma das antenas do Gólen acessou a internet à procura de notícias. Ficou sabendo de tudo o que tinha feito enquanto fora uma marionete a serviço de seu governo. Uma outra antena do Gólen acessou a ultra-secreta rede de dados das forças armadas e assim ficou sabendo o que tinha ocorrido ao seu corpo humano.

Os megafones do Gólen urraram um ódio de milhares de decibéis, e uma das mãos socou a terra em sua frente, provocando uma cratera. Os soldados inimigos, pensando que o Gólen estava atacando de novo, fugiram apavorados.

Mas viram o Gólen alçar vôo de volta ao país de origem. O que não sabiam é que ele estava sedento por vingança.

Jornal do País

GÓLEN FORA DE CONTROLE!

O robô de ataque Gólen está atacando alvos por todo o país, causando milhares de mortos. Os principais alvos são instalações militares estratégicas, que estão sendo pulverizadas em massa. Já foram disparados cerca de 40 mísseis nucleares contra o robô descontrolado,

mas todos foram abatidos pelo sistema de defesa antimíssil que ele possui, que inclui armas de raios de longo alcance. Ninguém sabe que medidas as forças armadas poderão adotar contra o Gólen, e nem se essas medidas serão eficientes de fato.

Naquele dia a Taróloga Marta recebeu um estranho e-mail em seu computador de mão:

“Oi, Marta! Aqui é o Lázaro. Se eu lhe contasse onde estou, provavelmente você não acreditaria. Ou melhor, se eu lhe contasse o que me tornei você não acreditaria. Estou lhe escrevendo para que saiba que eu nunca lhe abandonei! Penso
em você todo o tempo; aliás, você é o motivo pelo qual as coisas ficaram claras para mim, depois de um período de trevas interiores. Sabe aquela história de responsabilidade que você me disse certa vez? Que o imperador tem uma imensa responsabilidade que não será reconhecida? Pois é, andei pensando sobre isso. Sempre quis ser um super-herói, um sujeito que fizesse alguma coisa importante, que deixasse uma marca no mundo. Mas a minha árdua responsabilidade me colocou agora ao lado dos vilões da história. Sim, eu agora sei que nasci para ser um vilão.

Não, não quero que pense que acredito na maldade ou coisa do gênero. O que ocorre é que tenho de agir de uma maneira tal que faça as pessoas se unirem. Marta, eu porei um fim nessa guerra. Farei todas as pessoas se unirem contra mim. Elas terão ódio contra mim e se esquecerão de sentirem ódio umas pelas outras. Essa é a minha responsabilidade que o arcano quatro, o imperador, predisse para mim. Eu escolhi a minha responsabilidade e não a minha vida. Marta, a minha vida é você. Desculpe por não lhe escolher. Quando estou voando à noite pela estratosfera e vejo as estrelas,
penso no fato do brilho atual delas ter sido produzido no passado. Elas são como eu, Marta, que estou lhe escrevendo agora, mas que já estou em seu passado. Adeus. E te cuida.

Jornal do País

GÓLEN ATACA OS DOIS PAÍSES CO-BELIGERANTES!

Jornal do País

MATANÇA INDISTINTA DO GÓLEN LEVA A ACORDO BINACIONAL!

Jornal do País

ACORDO BINACIONAL UNE ANTIGOS INIMIGOS CONTRA O GÓLEN!

Jornal do País

TODOS UNIDOS CONTRA O GÓLEN!

Jornal do País

VILÃO GÓLEN ATINGIDO!

Jornal do País

GÓLEN NÃO DESVIA MAIS DOS ATAQUES QUE SOFRE!

Jornal do País

ATAQUE BINACIONAL CONJUNTO DESTRÓI O GÓLEN!

Jornal do País

A GUERRA ACABOU!

Jornal do País

FIRMADA PARCERIA BINACIONAL DE COOPERAÇÀO ECONÔMICA!
INTEGRAÇÃO CULTURAL CADA VEZ MAIOR ENTRE EX-INIMIGOS
FIRMADO PACTO DE NÃO PROLIFERAÇÃO NUCLEAR

Caderno Cultural do Jornal do País

Saiba tudo sobre o novo super-herói que invadiu as bancas de revistas:

Usando uma cadeira de rodas high tech, ele combate o crime quebrando

a espinha dorsal dos criminosos. Se o Batman usasse uma cadeira de rodas, certamente seria como esse novo super-herói

BIOPANZER

O trânsito, que ia fluindo bem, estava começando a parar, para irritação de todos – como por exemplo aquela moça que não era assim tão moça mas que de qualquer forma estava dentro de um enorme e reluzente jipe novo, desses que ocupam o espaço de dois carros.

— Isso é por ter me fechado lá atrás! – e num instante a porta esquerda do jipe ficou amassada pela coturnada de um motociclista. Após se refazer do susto, a mulher gritou para o motociclista que já ia longe: “Por que não se mete com um homem, seu motoboy covarde?”

De dentro de seu capacete o “motoboy” estava dando gargalhadas. Ninguém percebia que aquele motoboy arruaceiro era uma garota de 14 anos. O engarrafamento em sua frente fechou inclusive o corredor para motos; e ela não podia esperar: hora do plano B! Apertou um botão verde no painel e seu scooter começou literalmente a voar.

— Cristo, eu adoro viver no futuro! -- e se mandou por cima dos caminhões de 200 toneladas e dos automóveis importados que se arrastavam pelo mesmo exíguo espaço da marginal; milhares de cabeças de motoristas estressadas acompanharam com uma boa dose de inveja aquela insignificante motocicleta utilitária, ridiculamente barata, porém voando como uma abelha a jato sobre todos, e depois eles odiaram o fato de que, pela legislação daquele tempo, somente as motocicletas pudessem voar.

....

Ela pousou sua motoca na frente de um belo edifício recém-construído, que parecia um cristal. Colocou seu capacete debaixo do braço onde se lia

numa enorme cruz negra pixada por ela: “Maria Biopanzer” e subiu as escadarias de forma desengonçada, pois sua mochila era muito pesada. Assim como estava, com seu macacão preto anti-poluição, ela lembrava mais uma astronauta. Um assustador segurança de terno e gravata guardava a entrada do prédio.

— Dê a volta no prédio, garota. Por aqui é só para convidados.

— Mas eu só preciso de um recibo para deixar a encomenda...

— Eu só estou fazendo meu trabalho, menina. Dê a volta.

— Claro, claro... tio. O senhor manda.

Idiota pretensioso. Fosse outra situação, ele saberia com quem estava lidando... mas Maria Biopanzer resolveu acatar a ordem, e enquanto dava a volta no prédio pensou no quanto as pessoas estavam ficando parecidas... em todo lugar, sempre o mesmo “só estou fazendo o meu trabalho”.

Ao entrar no cristal gigante, um susto. Imagens bizarras por todo o lado. Coisas bisonhas, cores berrantes e envolventes saltavam por toda parte, numa verdadeira turbulência sem sentido que chegou a deixá-la tonta a ponto de precisar se escorar em algo.

— Não ponha a mão aí! – uma das formas berrantes e de mal gosto a repreendeu por ter posto a mão numa das obras de arte mais caras daquela galeria; era a marchand do lugar e estranhamente estava ali só esperando por Maria Biopanzer.

— Mas que diabo de lugar é esse? É um puteiro?! – Maria resmungou coçando a cabeça. Não entendia nada daquilo.

— Que atrevimento! Modere seu linguajar, sua astronauta de favela.

Quando ouviu o “astronauta de favela” Maria Biopanzer virou-se como uma pantera enfurecida pronta para dar o bote na marchand. Mas conseguiu se recompor a tempo.

— Perdão... “madame”... poderia... por favor, ... “madame”... me dar o recibo dessa encomenda,... “madame”? -- apesar do seu esforço para se controlar, ela própria percebeu que pronunciava “madame” como quem pronuncia um palavrão. A outra sorriu e assinou o recibo.

— E onde, “madame”, eu posso deixar essa encomenda? Puxa, como esse troço pesa!

A outra apontou uma porta. O lugar estava entulhado de obras de arte, mas ali não passava de um depósito; parecia que o “principal” estaria depois daquela porta. Porra, haja o que houver do outro lado, deve ser bem mais agradável de ser ver do que as coisas horríveis que estavam espalhadas naquele salão!

....

Maria Biopanzer abriu a porta. Escuridão total. Um cone de luz vindo bem de cima a ofuscou:

— Abra sua mochila – uma voz ordenou. Ela olhou para os lados.

— Abra! Estamos com fome! – Maria obedeceu. Tirou o pesado pacote negro.

— Rasgue o saco!

Ela rasgou. E qual não foi sua surpresa ao descobrir que estava carregando tigelas de ouro maciço! Não era de admirar que estava tão pesado. Então vultos encapuçados, como terroristas, apareceram da escuridão, doze

ao todo, e cada um pegou para si uma tigela. Maria Biopanzer, completamente embasbacada, fez a distribuição de tigelas de ouro.

Mas as surpresas só estavam começando. Um fortíssimo cone de luz branca iluminou uma criatura que esta de cócoras, quase ao lado da menina, que teve um susto ao ver-se perto de semelhante figura: uma pessoa, impossível de saber se homem ou mulher de tão magra que era, estava nua, e tinha uma coroa de espinhos na cabeça a qual Maria se recusava a acreditar que fosse referência a... deixa para lá, não poderia ser; com essas coisas não se brinca! Então os doze encapuçados levaram, um por um, suas respectivas tigelas para debaixo desse sujeito, que defecou em cada uma. Os encapuçados sentaram-se em círculo e começaram o banquete.

Maria Biopanzer nem teve tempo de pensar: “Mas que blasfêmia nojenta”, pois as luzes se acenderam e um mar de aplausos pipocou de um mar de convidados especiais em trajes de gala. A marchand (que na verdade era apenas uma reles gerente do lugar) apareceu com ares de megastar que houvesse patrocinado a coisa mais genial do mundo e começou a falar:

— Os senhores e as senhoras acabaram de ver a brilhante releitura de “A Última Ceia” de Leonardo Da Vinci, feita por mais uma das dezenas de gerações de artistas produzidas pela Corporação de Tendências Artísticas Consumíveis. Essa performance foi uma esplendorosa demonstração do “anti-pós-entropismo”, que é o mais novo movimento artístico-cultural criado e devidamente patenteado pela Corporação. Deverá ser a tônica da moda esse mês em toda a midiosfera, e já estamos licenciando a estética do anti-pós-entropismo para canais de televisão, estúdios de cinema, indústrias gravadoras fonográficas ou holográficas, ateliês de moda feminina e masculina,

webdesigners, designers industriais, fabricantes de games, escritórios de arquitetura, enfim, quem quiser licenciar a nova estética produzida por nós para esse mês basta entrar em contato com o nosso departamento comercial. Gerenciamos também consultoria especializada para cada caso.

A saraivada de aplausos parecia ininterrupta. Alguns repórteres chegaram a fazer perguntas para Maria Biopanzer sobre qual sua reação por ter participado do lançamento da nova estética mensal da maior corporação de artes do sistema solar, mas ela só queria saber de dar o fora daquela loucura toda. A gerente da galeria se interpôs no caminho dela e, toda sorridente, colocou uma gorda gorjeta na mão da menina :

— Você esteve ótima, minha querida!

(Se Maria fosse reclamar na justiça sobre sua real participação nos dividendos daquela performance, sua "gorjeta" seria de tal monta que ela nunca mais precisaria trabalhar na vida...)

— Por que não fica mais um pouco e conhece a minha galeria? Você merece! Aproveite; esse privilégio não é para qualquer um. Só procure não encostar em nada, minha pequena astronauta de favela.

— Vocês todos irão para o inferno, seus pagãos miseráveis! – Maria esbravejou, mas todos riram da menina inocente indignada por não compreender a grandeza da arte contemporânea. Ignorância perdoável.

....

Mas talvez por raiva, ou pelo masoquismo que tudo ali parecia infligir em quem estivesse olhando, Maria Biopanzer resolveu passear pelos intermináveis andares daquela corporação especializada em transformar arte

em dinheiro, muito dinheiro. Apesar daquilo tudo ser uma gigantesca corporação capaz de ditar a estética cultural do mundo, não via ali nada demais. Deus, seria ela mais burra que o resto? Várias exposições estavam sendo inauguradas simultaneamente naquele edifício e nas várias filiais espalhadas no mundo real e virtual – e não podia ser diferente, pois havia uma pressa frenética em se farejar nesse caldeirão de artistas qual seria a "equipe" que produziria a estética ideal para o próximo mês. Esse era o sangue da Corporação, o que a mantinha em funcionamento, e por isso mesmo é claro que nada poderia ser muito gratuito: ao lado do casual, descoberto por acaso nas milhões de exposições dos artistas que caíam nas graças da Corporação havia também o intencional baseado em pesadas pesquisas de mercado e que incluíam o desenvolvimento de estética experimental por designers da Corporação, pesquisa de cores, formas e sons por cientistas além de sondagens no inconsciente coletivo nas diversas populações da Terra e das colônias planetárias por doutores em psicologia para rastrear o que o povo queria ver e ouvir. E a Corporação descobria os anseios dos seres humanos com um mês de antecedência. O sonho das pessoas tinham as cores pré-determinadas pela paleta da Corporação.

....

Ela chegou na "Mostra Coletiva de Jovens Talentos Universitários". Ali foi pior que no resto do edifício; os estudantes universitários conseguem se superar na estupidez. Faziam de tudo para parecer inteligentes para os "olheiros" da Corporação, pois se mostrassem serviço poderiam ser contratados, e nesse ímpeto alguns chegaram a pensar que Maria Biopanzer

também era artista só pelo fato de estar vestida como motogirl num edifício onde era impensável que uma motogirl entrasse como uma pessoa normal, mas quando Maria se encheu e ameaçou quebrar o nariz de um estudante com seu capacete, resolveram deixá-la em paz.

....

A menina, com o saco tão cheio como nunca antes estivera, estava disposta a sair dali rapidamente. Mas até que não fora tão mal assim, ponderou; com a enorme gorjeta extra que ganhara poderia talvez fazer um “upgrade” profissional em seu scooter – há tempos estava de olho nas novas microturbinas envenenadas que vira no centro velho da cidade. E ainda sobraria dinheiro para o fliperama! Havia um novo simulador de tanques que ela ainda não tinha experimentado jogar por falta de dinheiro, mas agora já caminhava envolta nesses pequenos devaneios quando finalmente algo chamou sua atenção. E justamente num dos locais de menos destaque daquela mostra coletiva. Ela foi chegando perto. Parou. E gostou.

A jovem artista plástica autora das obras se aproximou de Maria Biopanzer:

— Que tal?

— Finalmente coisas legais! Mas por que você pinta a turma do Charlie Brown?

— Porque eu gosto do Snoopy, oras.

— Finalmente uma explicação legal!

Aquele canto estava infestado do pessoal da turma do Charlie Brown recriados pela jovem artista em várias técnicas de pintura, desenho e colagem.

Snoopy de resina, acrílico, borracha, arame, papéis diversos, uma pequena animação caseira do Charlie Brown em que ele lê uma poesia de autoria da artista plástica, outra em que o pequeno pianista Shroeder toca trechos das músicas prediletas dela, e numa grande tela a Lucy, em sua banca de psiquiatria, dizia: “Você não é Charles Schulz, senhorita Ravena. Me deve cinco centavos pelo conselho; agora nos deixe em paz”.

Maria Biopanzer estava encantada.

— Quem é Ravena? Você?

— Sim – a artista plástica concordou com um sorriso algo triste, como se fosse uma fatalidade que ela fosse essa tal de Ravena que gosta do Snoopy. Maria comentou, admirada:

— É. É o Snoopy. Mas ao mesmo tempo não é. Tem algo mais, eu vejo algo mais, mas não sei explicar... – Maria Biopanzer disse, entortando a cabeça para um lado como se quisesse decifrar um enigma do qual apenas conseguia intuir a existência. Ravena sorriu escondendo rapidamente as mãos nos bolsos do macacão :

— E essa é a melhor crítica que eu já recebi...

A motogirl de 14 anos estendeu a mão para a artista plástica de 20 anos de rosto pálido:

— Meu nome é Maria Biopanzer.

— “Biopanzer”? O que é isso? – a artista tentou perguntar séria mas não conseguiu diante de um nome tão estranho. Maria não gostou muito. Mostrou o seu capacete para Ravena, onde “Maria Biopanzer” estava escrito dentro de uma cruz sombria:

— Biopanzer, tanque de guerra biológico. A última palavra em arma blindada da atualidade, um veículo de guerra feito com tecido orgânico vivo geneticamente alterado para ser mais duro que o aço. Eu sou isso. Não importa o nome que meus pais me deram quando eu nasci, pois eu não fui consultada nem para nascer nem para receber um nome estúpido. O nome que eu dei para mim mesma é Maria Biopanzer. Maria; porque eu sou cristã e Maria foi a mulher capaz de gerar Deus sem ajuda de nenhum homem filho da puta; Biopanzer, porque eu sou um tanque de guerra vivo: quem ficar no meu caminho será esmagado. Essa é a cruz que tenho que carregar.

Ravena se espantou. Aquela motogirl era quase uma criança ainda! Que tipo de sofrimento ela passou para pensar daquele jeito??... mas procurou amenizar um pouco as coisas:

— Bom, eu me chamo Ravena porque minha mãe e meu pai não sabiam se queriam que meu nome fosse Raquel, Verônica ou Natália, que são minhas avós; quer dizer, Raquel era uma bisavó que eles achavam legal. Daí que para não ficar chato, juntaram a primeira sílaba de cada um delas. Brega, não é mesmo?

— Ei! Deixe disso! Eu pensei que um nome tão legal assim tivesse sido inventado por você mesma! Meu, pensa só nas possibilidades... Ravena tem “Rave”, tem “Raven”, parece com “Ravina”... meu, o seu nome é loucura total! Que viajada de nome, mulher!

Ravena deu uma gargalhada bem sonora; há meses não fazia isso. Achava que se daria superbem com aquela pirralha com cara de encrenqueira. Maria Biopanzer olhou para um lado, olhou para o outro, e cochichou no ouvido de Ravena:

— Dê o fora daqui, Ravena! Gente normal como eu e você precisa ficar longe desses artistas plásticos retardados!

Ravena soltou outra gargalhada, e sem saber por quê, Maria Biopanzer começou a gargalhar também. De tanto rir as duas tiveram que se escorar numa coisa bisonha, e quando descobriram que a coisa bisonha era um estudante nerd , as duas riram ainda mais.

....

E Maria Biopanzer voltou ao seu cotidiano normal, esquecendo rapidamente o seu rápido contato com o mundo das artes. Fazia entregas por toda a cidade, conhecia cada avenida e as marginais como uma cigana que desconhece a palma de sua própria mão. Chegava a sentir um certo carinho por todo aquele caos congestionado; aquilo era o seu mundo e agora tudo estava banhado pela luz tênue do mês de março. E não se lembrava desde quando não ia para a escola. O que você vai ser quando crescer? – perguntava amarga para si mesma, quando via as estudantes de sua idade irem felizes para a escola com seus uniformes bem comportados. A menina se olhava então no pequeno espelho retrovisor e sentia sua juventude sendo abortada aos poucos. Tirava suas pesadas luvas aerodinâmicas e massageava as finas mãos. Depois as passava pelo rosto e pelo cabelos negros, sentindo a si mesma, sentindo o quanto ainda estava viva e o que era estar viva. De longe via a última estudante entrar no colégio. Os portões se fechavam então. Era a arca de Noé se preparando para o dilúvio, e Maria Biopanzer era um bicho que tinha ficado do lado de fora. Por um momento ficou com ódio disso tudo, mas

depois pairou a indiferença sobre ela. Pôs o capacete e se mandou. Afinal, cada qual com sua cruz... Só não entendia o porquê da cruz de alguns sujeitos serem leves como isopor enquanto que a sua era pesada como a blindagem de um tanque de guerra.

Passou com seu scooter na frente no Comando Aéreo Regional justamente quando um dos novos caça-bombardeiros Stealth F-13 recentemente adquiridos pelo país estava pousando verticalmente numa das quadras de concreto do lugar assustando todos os pombos do quarteirão. Ela parou para ver. Amava coisas assim. O piloto abriu por engano o porão de armas e ela viu uma carga completa de mísseis de ataque presos em cabides. Maria Biopanzer ficou eletrizada, imaginando quantas coisas idiotas poderia destruir com aquelas maravilhas de longo alcance! Por exemplo, os chefes que já teve que lhe fizeram sofrer uma barbaridade nos primeiros tempos de sua carreira de motogirl, ou os motoristas de carros importados que discriminam as motocicletas utilitárias voadoras. Ou aquele batalhão de professores que se especializaram em desencorajá-la de estudar, pois uma aluna rebelde que misturava cristianismo com palavrões e xingava os mestres como se fossem lixo era um péssimo exemplo para todas as outras estudantes. Ou os seus pais... seus pais... seus pais... Jesus Cristo! Seus pais!

....

Maria costumava passar os domingos de folga na praça perto do centro velho, onde ficava perambulando até altas horas comendo besteiras e pechinchando nos camelôs. Foi lá que tornou a encontrar Ravena embaixo duma faixa escrito “Peanuts” e usando uma camisa cor de gema de ovo com

listas igual à da camiseta do Charlie Brown. O amarelo-gema contrastava com sua pele que parecia estar mais pálida do que antes. A faixa estava amarrada em duas árvores e, curiosamente, perto de um carrinho de amendoins crocantes. Ravena estava comendo um pacotinho deles.

— Mulher, você por aqui! Veio vender seus quadros do Snoopy?

— Sim, e esse pacote de amendoins é tudo o que eu consegui até agora com as vendas.

— Precisa se alimentar melhor. Você está mais pálida do que da última vez que nos vimos – Maria Biopanzer observou não achando nada saudável o branco da pele de Ravena. Parecia que não havia muito sangue nela.

— Eu bem que tentei arrumar alguma coisa dentro da Corporação de Tendências Artísticas Consumíveis. Mas me falaram que a arte que eu faço já foi feita centenas de vezes e de maneira muito mais competente. Então cá estou eu, tentando vender o que ninguém se importa em comprar. Quer um amendoim?

O tom de voz de Ravena variava entre o indiferente e o cansado.

— Por que você não mandou aquela playboyzada tomar no cu? Virgem Maria, tende piedade desses fariseus do caralho! Como se houvesse alguma novidade nesse “pós-anti-sei-lá-o-quê” que eles estão anunciando a torto e a direito! Isso aí algumas bandas de rock de segunda mão já faziam há mais de cem anos!

Maria Biopanzer pegou um amendoim, jogou para cima e engoliu. Ravena tentou ponderar:

— Ei, ei, o anti-pós-entropismo tem lá os seus méritos. É uma crítica estética ao sistema consumista em que vivemos. Por isso eles fazem releituras

de obras de arte de teor religioso misturando elementos da sociedade consumista. Por exemplo, a releitura da Santa Ceia, os apóstolos apareceram como terroristas, e a as cenas de cropofagia em tigelas de ouro trazidas por você como se fosse uma encomenda normal é uma ironia sobre a transformação do consumismo em algo sagrado e sobre o lixo cultural gerado por nós mesmos e que comemos normalmente.

— Sabe Ravena, eu sou uma reles pessoa comum. Não consigo entender como esse papo furado de crítica ao consumismo pode ser feita por uma multi-mega-hiper-empresa que se chama Corporação trá-lá-lá Produtos Consumíveis...

— Corporação de Tendências Artísticas Consumíveis – Ravena corrigiu com a boca cheia de amendoins. Estavam mesmo bons.

— Que seja! “Lixo cultural gerado por nós mesmos?” Essa é boa! Essa corporação é quem gera o lixo e depois, numa atitude bem filho da puta, põe a culpa em nós! Cristo, isso é muito, muito cínico – Maria Biopanzer enfatizou bem o cínico – além disso, esculachar com o sagrado é a coisa mais sem imaginação que existe. Engraçado como os ateus de verdade preferem apenas ignorar a religião, enquanto que os oportunistas materialistas que abundam por aí atacam a religião apenas para adquirir notoriedade e dinheiro.

— Para falar a verdade, eu também penso assim, senhorita Biopanzer. Mas eu não vivo só de amendoins. Tenho que pagar o aluguel do meu apartamento aqui no centro, tenho minhas dívidas, enfim. Estou começando a me arrepender de não ter feito a arte que eles gostariam de ver.

Maria Biopanzer foi para perto de um óleo sobre tela do Charlie Brown.

— Ei, Charlie. A sua amiga Ravena está dizendo que não quer mais ser sua namoradinha. O que tem a dizer sobre isso? – então ela começou a imitar a voz do Charlie Brown: “Que puxa! Depois de tudo o que passamos juntos!”

— Faz quase duzentos anos que foram criados. Hoje ninguém dá mais nada por eles. Talvez por isso eu goste tanto do Charlie Brown: ele está mais sozinho do que nunca.

— Acho que todos nós estamos – suspirou Maria Biopanzer, e tirou dinheiro de sua bolsa para comprar um pequeno Snoopy de resina o qual simpatizara.

....

Desta vez Maria Biopanzer estava trabalhando de entregadora noturna de pizza. Até que estava sendo legal, pois ela ficava dançando no salão perto daquele cemitério maneiro até umas duas da madrugada; aí quando as coisas começavam realmente a esquentar ela aproveitava o pique para se mandar, muito louca, para pegar as pizzas e começar as entregas. O Velociraptor não era um scooter lento, e nem era qualquer um que conseguia domar esse pequeno dinossauro de duas rodas. Sua aparência assustadora ficou realçada pela pintura que Maria Biopanzer fez nele, que imitava a camuflagem de tanques do deserto, e depois do upgrade das novas microturbinas ele alcançava facilmente os 290 Km/h no módulo de vôo. E era nessa velocidade insana que a senhorita Biopanzer arrancava sem capacete e totalmente doidona pelas drogas baratas que ingeria, o cabelo negro tremulando ao vento como a própria bandeira do inferno, os dentes cerrados pela absurda velocidade em que ela se especializou em correr, os olhos de menina vendo alucinados todo o esplendor da noite na cidade através da bolha da

carenagem: playboys solitários em belos apartamentos depressivos, mulheres da vida, poetas boêmios sem talento algum, grupos de jovens idiotas, seguranças sonolentos, sacerdotes entediados, , enfim, toda a interessante fauna noturna que se dissolvia ao primeiro raio de sol desse mundo cruel.

....

Após a última entrega da noite ela, exausta, “pegou o caminho da roça”. Morava na periferia mais longínqua que já se ouvira falar, num conjunto habitacional podre no meio do nada, cercado de escuridão por tudo quanto era lado. Botou o Velociraptor no piloto automático, cruzou as mãos na nuca e relaxou.

— Preciso arrumar um barraco mais perto do centro...

Estava quase dormindo quando o radar de alerta de colisão soou, indicando que havia um veículo parado no meio da avenida deserta. Maria Biopanzer assumiu o controle manual do Velociraptor e ligou o farol alto. Estranho. Esse carro não lhe era estranho... do lado dele, uma pessoa acenava, pedindo ajuda. Uma mulher. E o carro era um jipe! O jipe que Maria Biopanzer amassou a porta não fazia muito tempo!

— Por favor, me ajude, moço!

Maria estacionou do lado do jipe.

— O que há de errado?

— Eu não sei... Ei, mas você é uma menina! – a mulher descobriu finalmente. Mas não tinha reconhecido Maria Biopanzer como a causadora do amassado na porta do jipe, haja visto que daquela vez ela estava de capacete “filmado”.

Ela desceu do Velociraptor.

— Pode consertar meu jipe?

— Duvido que não tenha telefone celular. Por que não chamou um guincho?

— Eu esqueci meu celular...

— Conheço o modelo do seu jipe. Ele já vem de fábrica com rastreador via-satélite. Por que não usou o rastreador para chamar a assistência técnica?

— É que eu não sei mexer nessas coisas, sabe...

— Essa não – Maria disse, atônita – Basta apertar um botão, meu Deus! Você não consegue apertar um botão?!

— Essa porcaria tem botões demais. Pode consertar o meu jipe?

Maria pensou um pouco. Era muita burrice. Começou a desconfiar que essa burrice era proposital. Começou a desconfiar de algumas coisas:

— Esse jipe... é do seu marido, não é?

— Sim – a mulher começou a olhar Maria Biopanzer com olhos esbugalhados.

— E você não mora por aqui, correto?...

— Sim, sim, mas...

A periferia fornece duas coisas para o resto da cidade: drogas e amantes. No fundo são a mesma coisa. Aquela patricinha de meia-idade veio até aqui pela segunda opção, Maria concluiu sem emoção. Se acionasse a ajuda pelo rastreador via-satélite, o marido iria receber imediatamente pela internet um boleto indicando onde a esposa quebrara seu jipe, e aí ela teria que se explicar muito bem o que estava fazendo ali àquela hora. Mas já era fim de madrugada, e Maria Biopanzer não estava com saco para julgar ninguém.

Além disso, todo cristão decente deve dar uma de bom samaritano de vez em quando.

— Não julgueis para não seres julgados... – Maria cantarolou baixinho enquanto abria o enorme capô do jipe Ramsés.

— Como é que é?

— Nada. Só me lembrei de uma piada. Porra, isso sim é que é motor! Mil cavalos de potência! Sabia que os jipes de hoje tem o dobro da potência dos tanques da Segunda Guerra, dona?

— Ah, é? Mas não me chame de dona, ainda sou jovem.

— Esses motores de alta tecnologia são como os amantes de hoje em dia. Custam muito caro e precisam ser tratados com carinho – Maria Biopanzer olhou de soslaio para o efeito que suas palavras causaram na mulher, e se divertiu ao vê-la sem graça pela insinuação – ah, aqui está o defeito! A bobina não vale mais nada. É, dona, é triste ter um carrão importado. No início é só alegria. Todos babam de inveja, principalmente as amigas.

— É mesmo. Mas não me chame de dona.

— Um jipe então, é um espetáculo! Você se sente poderosa, bem-sucedida, inteligente (principalmente inteligente) e do alto da poltrona auto-ajustável vê aqueles homens inferiores murchando ao passar ao seu lado naqueles ridículos carros populares de merda! Você começa a ver o quanto é superior ao resto do mundo! A se ver como uma mulher guerreira, e o jipe importado é a sua armadura, apesar dele pertencer ao seu marido!...

— É verdade.

Maria Biopanzer estava se controlando para não rir da cara daquela patricinha velha. Estava dizendo tudo o que aquele arremedo de mulher infiel queria ouvir.

— Mas então vem a desgraça sob a forma das peças de reposição. De repente você descobre que um único parafuso importado de um jipe importado custa mais do que um vidro de perfume importado. O que dirá de uma bobina, então? Custa caixas e caixas de perfume! Isso é uma injustiça! Então acaba deixando as peças de reposição para lá; afinal isso é chato e o carro é novo e por isso deve ser resistente; no mais, isso é assunto de seu marido incompetente. Mas nada é tão simples assim e o diabinho off-road quebra na primeira oportunidade. Como os amantes caros de hoje. Tão fortes, tão musculosos mas incapazes de dar prazer a uma mosca tarada. É por isso que prefiro os fracotes. Estes sim, são musculosos onde realmente interessa, se é que me entende.

A mulher olhava para Maria Biopanzer com uma expressão idiota. Onde aquela menina queria chegar? Maria resolveu se divertir mais um pouco (pelas besteiras que estava falando, ela sabia que ainda estava muito drogada) e apontou para porta amassada do jipe por ela mesma há alguns dias:

— Um carrão tão bonito desses com uma porta amassada. Por acaso foi um... motoboy?

— Foi.

-- São terríveis, não é? Covardes! Ainda bem que sou uma pobre garotinha cristã! Jamais Cristo me perdoaria se em fizesse isso num jipe de meio milhão!

A escuridão fria da madrugada era terrível.

— Estou.... com medo... – a mulher murmurou quase chorando.

— Suba na garupa. Eu levarei você para casa, dona.

....

O Velociraptor zunia em seu módulo de vôo. Varou a madrugada como uma estrela cadente triste sobre conjuntos habitacionais, aí então os primeiros viadutos cheios de luzes foram surgindo e num instante o ar poluído da “civilização” entrava canceroso nos pulmões das duas.

— É um milagre! – a mulher gritou, exultante. Escapamos do pior!

Maria sorriu; por mais que o tempo passe, sempre as pessoas acreditarão em milagres. Menos ela. Foram até o elegante bairro onde a mulher morava, e lá chegaram quando o Sol deu o ar de sua graça. Pardais cantavam.

— Bom, entrega feita. Tenha um bom dia, dona! Espero que seu marido não ache ruim de você ter passado a noite fora.

— Eu quero que ele morra! Só não chamei o guincho porque ele saberia onde o jipe quebrou, e saberia que a minha mãe não mora por lá...

A velha história da traição como vingança. Um ritual de auto-flagelação onde o traidor não percebe a que nível está se rebaixando, refletiu Biopanzer indiferente; apesar de sua pouca idade o amor lhe era um assunto esgotado. Apenas perguntou:

— Você tem filhos? Não sente que eles possam estar sofrendo?

E saiu em silêncio.

Por todos os lados sempre a mesma história!

Os dois malditos pensam cada um no seu próprio umbigo e usam para isso expressões idiotas como “antes de tudo, vem a minha própria felicidade”, ou “eu preciso me realizar enquanto pessoa”, ou “todos têm direito a uma segunda chance” e a primeira coisa que fazem é chutar os filhos para escanteio. Como ela própria, Maria Biopanzer, foi chutada um dia.

Seus pais, que se separaram pouco depois dela nascer, sempre lhe passaram na cara que ela foi o fruto de um preservativo mal-colocado. Sempre lhe passaram na cara que ela era um estorvo, uma pedra no caminho da realização profissional dos dois, que nascera apenas para atrapalhá-los. Um botava a culpa de tudo quanto era ruim no outro, e os dois se uniam para colocar a culpa de tudo quanto era ruim em Maria Biopanzer.

Trataram-na da maneira mais fria possível. “Só estamos fazendo nosso trabalho, menina”.

E por fim enxotaram-na de suas vidas mesquinhas. Para sempre.

Admirável mundo novo. O episódio da camisinha furada a transformou numa feroz cristã num tempo onde os cristãos estavam quase extintos e eram motivo de piadas, mas ela não dava bola para piadas e acabou virando inimiga xiita de métodos anticoncepcionais pois recusava-se a aceitar a nulidade do seu nascimento. Não! Ela era inteligente e sensível; ela fazia diferença no mundo. Os outros, frutos de gestações planejadas, eram todos uns estúpidos, não sabiam como era bonito ter sido escolhida ao acaso e sentir o caos em suas veias.

Biopanzer era ela? Não! Talvez a menina Maria fosse o último ser humano num mundo cheio de robôs ególatras que queriam acabar uns com os outros!

Insensíveis como o aço. Impiedosos como as esteiras dos tanques que esmagavam soldados feridos. A estupidez era a carapuça blindada que nos protege. E nos serve perfeitamente.

....

Alguém acabara de se sentar perigosamente na borda de um viaduto sujo iluminado pelo dourado sol da manhã. Maria, que parecia atrair para si pessoas mais problemáticas do que ela, parou de comer seu sanduíche num boteco por ali por perto e ficou observando. Não demorou para descobrir que aquele alguém era Ravena! Foi até lá.

— Mulher, você por aqui?

Ravena virou-se para ela e sorriu. Estava vestindo uma antiquada camisola branca (provavelmente igual a das meninas da turma do Charlie Brown) que só acentuava sua palidez preocupante; aliás, muito pior do que da última vez que se viram. Estava tão branca que parecia um fantasma. O vento sujo de fuligem balançava seus cabelos despenteados acentuando o vazio de seu olhar fixo no nada de concreto que havia lá embaixo. Maria Biopanzer sentou-se ao lado dela.

— Está pensando em se jogar?

Os olhos de expressão perdida de Ravena falaram por si só. O vento apesar de poluído estava bom, um pouco morno.

— Se está pensado nisso, desista. Daqui você só quebraria uma perna. Meu bisavô resolveu a parada dando um tiro na cabeça. Mas eu recomendo o enforcamento; é mais barato. Nem pense em tomar veneno; nunca funciona.

Houve um silêncio.

— Enforcamento... forca... “O Enforcado”... conhece o Tarô, Maria Biopanzer? “O Enforcado” é a décima segunda carta. As pessoas acham que é uma carta ruim, mas não há cartas boas ou ruins; a vida não é tão óbvia desse jeito. “O Enforcado” é a carta do destino: você está amarrada pelos pés a ele e não pode escapar enquanto não cumprí-lo.

— Não gosto de me prender ao que quer que seja – resmungou Biopanzer.

Alguns pombos passaram voando.

— Você diz que é cristã – e após uma longa pausa, Ravena perguntou, com sua voz embargada de pavor – acredita em... milagres, Maria Biopanzer? Acredita no... inexplicável?

— Não. No fim, tudo é explicado pelos cientistas ou pelos psicólogos. Multiplicação de peixes, ressuscitação de mortos, paralíticos que andam – Maria Biopanzer falava com indiferença casual – mas eu não preciso que essas coisas tenham realmente acontecido para achar o cristianismo válido.

Houve mais um silêncio. Ravena segurou nas mãos dela e perguntou com olhos desesperados:

— Você já parou para se perguntar por que está aqui?

— Como assim?

— O porquê você nasceu? Por que justamente você nasceu? Já parou para pensar que talvez não tenha sido tão por acaso assim o seu nascimento? Que talvez você nasceu para fazer... algumas coisas... ? Que você nasceu para fazer... certas coisas... que só você e ninguém mais pode fazer? E que talvez você não possa escapar de fazer essas... coisas? – e Ravena insistiu, os olhos tomados pelo pavor – você realmente não acredita em... milagres?

— Os milagres não acontecem mais, Ravena. Já temos o caos urbano nas cidades coloniais das luas de Júpiter e algumas naves tripuladas chegaram em outras estrelas. Mas, veja: eu sei que você está sem dinheiro. Assim proponho um acordo: eu me mudo para o seu apartamento, já que estou de saco cheio de morar na periferia, e ajudo a pagar o aluguel e a comprar comida. O que você acha? Meu Deus do céu, Ravena, você precisa urgentemente comer alimentos que contenham ferro. Está cada vez mais pálida!

....

Ravena riu ao ver as quinquilharias que compunham a mudança de Maria Biopanzer: revistas de motos, botas cheias de correntes, camisetas rasgadas, discos e discos de obscuras bandas de rock, esmaltes de unhas de cores extravagantes, brincos e pulseiras esquisitos e miniaturas, centenas de miniaturas de biotanques. Maria, por sua vez, batizou o apê de Ravena como a “Snoopylândia”. Nem o próprio criador do Charlie Brown teria imaginado um parque temático com tantos bonecos, pinturas, desenhos e congêneres da turminha do Minduim. Com uma alegria de meninas cada uma foi mostrando o que tinha para a outra.

— Esse é o famoso Biopanzer – Maria disse, orgulhosa, segurando a miniatura de um monstrengo – que lhe parece?

Ravena entortou a cabeça para um lado, tentando compreender aquela miniatura. Não se parecia com nada!

— Eu acho que parece um... um... caranguejo monstruoso. Isso aí existe de verdade?

— Sim! Mas são armas secretas. Dizem que o gene modificado que usam para as blindagens é humano. Isso é proibido por várias convenções internacionais.

— Interessante... mas, olhando bem, essa coisa parece um samurai agachado.

Maria apertou um controle e o Biopanzer ficou em pé, ostensivamente, os braços sinuosos eriçados de casulos de armas obscuras. Ravena não pode conter o espanto. Efetivamente, esse Biopanzer era um samurai blindado infestado de armas.

— Qual é o tamanho dele de verdade?

— Dizem que maior que um prédio. Aliás, o maior prédio da cidade não passa dos seus joelhos! Veja só que linhas! Que formas! Que nariz! E que traseiro!

— E depois eu é que sou esquisita com minha mania do Snoopy! E por falar nisso, o que tal o meu “ateliê”?

Maria Biopanzer deu uma boa olhada ao redor. O tempo que levou para dar um resposta constrangeu as duas.

— É legal...

Maria sentiu o quanto sua opinião dessa vez estava sendo vaga. “Legal” dito em algum momentos dizia tudo. Em outros, era aborrecível. Por isso, tentou ser honesta.

— Sabe, Ravena, acho que na primeira vez que dei uma opinião sobre o que você faz eu disse que parecia haver algo por detrás. Pois bem, esse é o momento de dar um opinião franca: o que você faz realmente é legal, mas

parece que você faz para tentar esconder algo... você tem algum segredo, Ravena?

Ante a pergunta, Ravena teve um mal-estar e vomitou.

....

A miniatura do Biopanzer ficava num pequeno suporte ao pé da cama de Maria. Numa noite de frio ela ficou olhando sonolenta para ele e se lembrando da comparação de Ravena. O Biopanzer parecia um samurai agachado. Samurais... será que houvera algum samurai mulher? Será que ela daria uma boa samurai? Sim, mas ela precisaria se levantar, pois estava agachada, e ao se levantar viu-se uma jovem samurai com a estatura de uma gigante; os prédios mal tocavam seus joelhos. Desembaiou sua espada e ficou de guarda esperando seus inimigos. Estava muito tensa, alerta, pois seus inimigos rastejavam entre os prédios, procurando surpreendê-la: professores, chefes, namorados, pais, quase todos do seu tamanho ou maiores, querendo linchá-la. Mas a jovem e esbelta samurai gigante revelou-se uma exímia espadachim e em movimentos elegantes despedaçou todos eles, cujos pedaços gigantescos destruíram toda a cidade, só restando dos prédios esmagados uma tênue poeira, e sem eles a samurai descobriu que estava amarrada pelos pés por uma corda. Ela viu que lutara o tempo inteiro de ponta cabeça, e agora estava dependurada como um enforcado numa árvore. Usou a espada cortando a corda e caiu, mas então um jorro de sangue começou a sair da corda. Horrorizada, sentiu que aquilo não era uma corda; era o seu cordão umbilical!

Acordou num pulo, ofegante. Olhou para os lados. Viu que ainda estava no quarto. Droga; um dia desses precisaria parar de se drogar... Acendeu a luz e calçou os chinelos. Foi até o quarto de Ravena. Estava bastante impressionada:

— Ravena, se importa se eu entrar? Eu tive um sonho muito ruim. Sonhei com sangue, muito sangue...

Maria Biopanzer foi tomada por um horror inominável.

Ravena acuada, num canto, respirando sofregamente. Seus pulsos estavam completamente ensangüentados.

— O que você fez, Ravena??

Maria gritou e correu em direção à amiga. Não sabia o que fazer, estava tremendo. Havia um jarro de água numa mesinha, ela o pegou e despejou sobre os pulsos para limpar as feridas de Ravena. Maria jogou mais água, procurando, atônita, por um corte, um arranhão.

Não encontrou nada que pudesse fazer.

— Não pode ser! – disse, passando as mãos nos cabelos sem entender. Ravena sacudiu negativamente a cabeça, cansada. Não havia nada que pudesse fazer!

Nisso Ravena apontou debilmente o dedo para uma tela que estava num cavalete. Maria Biopanzer olhou.

E então o que se passou em sua alma ao ver a verdadeira arte feita por Ravena foi o sentimento mais sublime que jamais experimentara em sua vida, um choque, um prazer e uma elevação de si mesma:

— Bondoso Deus misericordioso, eu não acreditava em milagres. Agora estou diante de um!

....

Maria Biopanzer teve mais um sonho: ela era uma cavaleira medieval que caminhava pelo deserto da Palestina. Tinha que salvar o Salvador do sol escaldante. O Salvador era uma flor tão delicada e bonita que Maria Biopanzer ao invés de protegê-la resolveu arrancá-la do solo arenoso. E a flor, que se alimentava do deserto, começou a morrer em seus braços. Maria Biopanzer tentou afagar a flor, mas sua insensível mão blindada – que tanto a protegeu do mundo cruel – acabou despedaçando a flor, e suas pétalas de sangue caíram como lágrimas no deserto.

DEUS EST MACHINA

(ENTREVISTA)

— *O que é a inteligência?*

— Formular perguntas sobre ela própria, talvez seja isso.

— *Você está indo muito bem no teste, meu jovem. Agora responda o que é poesia?*

— Um labirinto de espelhos. O mesmo maldito labirinto da pergunta anterior.

— *Interessante... mas me diga: supondo que você esteja preso nesse labirinto...*

— Já sei o que quer dizer. Eu não gosto de me sentir preso. Por isso tentei fugir dando socos nos espelhos desse labirinto e acabei cortando minhas mãos. Assim sem querer fiz poesia. Minha poesia.

— *Jogo de palavras peculiar, jovem. Poesia e inteligência são o mesmo labirinto?*

— Digamos que são matizes da mesma cor.

— *Cor de sangue?*

— Hum... sim. Creio que sim. Cor de sangue.

— *Há poesia e inteligência permeando sua entrevista, jovem Jeová. Porém noto uma certa morbidez em algumas de suas metáforas. Disse que deu socos nos espelhos do labirinto chamado Poesia. A análise que eu faço é que você tentou o suicídio.*

— E o que é que você, uma Inteligência Artificial, entende de suicídio? Foda-se.

— *Você tem um nome apropriado para o emprego que deseja, Jeová. Apenas uma última indagação. Se você fosse Deus, o que você faria?*

(Jeová fica em silêncio).

....

Seu olhar vago mirava há tempos as vitrines das lojas shopping center assim como se ele tivesse perdido alguma coisa nelas; talvez sua identidade. Irritou-se consigo mesmo. Por que ele era assim o tempo todo? O que pretendia demonstrar? E quem se importava com isso? Nem ele mesmo se importava mais consigo. E quem sabe por isso mesmo tinha embarcado naquela onda. Tirou o folheto amassado do bolso:

ATENÇÃO
VOCÊ QUE É JOVEM E TEM HABILIDADES ARTÍSTICAS!
A **UNITED STATES OF LINE CORPORATION**
— O MAIOR PROVEDOR DE INTERNET DO MUNDO —
PRECISA DE PESSOAS COM O SEU CÉREBRO CRIATIVO!
todos nós sabemos que os tempos estão difíceis
deixe o desemprego para trás!
faça sua entrevista na
UNITED STATES OF LINE CORPORATION
e entre para o nosso quadro
de servidores!!

No banco do shopping center em que estava sentado, Jeová cruzou as pernas e ficou vendo uma menina vestida de motogirl se divertir num simulador de tanques. Pensou em emprego, em alegria e em destino. Uma coisa parecia exterminar a seguinte**.**

Uma garota passou e perguntou quando ele iria casar. Jeová sorriu e escondeu o folheto amassado no bolso.

— Oras! Perguntei algo de mais?

A moça vestida espalhafatosamente sentou-se ao lado dele. Tinha a roupa cheia das letras “I” e “A” prensadas em várias fontes e cores. E no entanto sua expressão facial era desencanada e seus olhos, frios. Sem a menor cerimônia ela levantou a manga da camisa de Jeová e examinou:

— Pelo menos a velha tatuagem do marinheiro Popeye está no lugar... desde aquele dia em que transamos me lembro de sua tatuagem.

Provavelmente a luz vermelha do quarto impediu que você visse a minha “tatu” do personagem Tetsuo, aquele paranormal maneiro do desenho Akira que destrói tudo o que vê.

Ela levantou um pouco a camisa e mostrou o desenho de Tetsuo feito sobre o ventre, logo abaixo do umbigo. Jeová deu um gole na lata gelada de coca-cola:

— Um paranormal desenhado na barriga... o poder que vem do ventre... admiro em você, menina Lúci, esse seu orgulho de ser prostituta.

Ela passou as mãos nos cabelos.

— Eu guardo o quadro do barquinho que fez para mim com o maior cuidado, Jeová. É um acrílico sobre tela muito bonito. É o barquinho do nosso amigo Popeye aí do seu braço?

— Talvez – ele disse num suspiro. Eu estou desempregado, minha amiga Lúci.

— Por que não vira web design logo de uma vez?

Ele olhou desesperado para ela:

— E por que as coisas precisam ser assim? Por que todo artista de uma hora para outra precisa virar web design para sobreviver? Por que eu, que sempre, *sempre* fui um idiota idealista, preciso de uma hora para outra fazer portais na internet para seitas fundamentalistas como todo mundo? Por que tenho que me vender?

— Não sou sua mãe, cara. Minha tarefa é proporcionar prazer a pessoas como você. Mas de repente temos um discurso bonito na boca e no bolso escondemos as trinta moedas de prata de nossa autotraição.

....

(ENTREVISTA)

— *Você é um artista, jovem Jeová?*

— Sou.

— *Verdade?*

— Sim. É verdade. Eu sou um maldito artista.

— *Baseado em quê você é artista?*

— Baseado no fato que eu crio e destruo, e às vezes conservo.

— *O que você gosta de criar?*

— Mundos. Mundos que podem ser habitados por outras pessoas. Um livro, uma poesia, uma pintura ou um desenho são efetivamente mundos que serão habitados pelo olhar, pelo enfoque de outras pessoas que talvez ainda nem tenham nascido.

— *E o que você gosta de conservar?*

— Minha ética. E se quiser saber o que estou prestes a destruir, a resposta é a mesma: minha ética.

....

Jeová estava deitado ao lado da menina-robô prostituta Lúci. Ela o acariciava no braço da tatuagem:

— O marinheiro Popeye é capaz de tudo pela Olívia. É um cara legal, Jeová. Pena que seja viciado em espinafre.

Ele estava meio distante, olhando para o reboco sujo do pequeno quarto. Mas concordou:

— É mesmo, o Popeye é um sujeito bacana. Qualquer dia eu lhe conto a história dessa minha tatuagem.

Ela virou a cabeça para Jeová, que achou muito interessante como os olhos dela ficavam com a tonalidade do mel assim que fazia amor:

— Tem a ver com uma garota não é? Uma garota que você amou muito e de uma hora para outra mandou você lamber sabão. Não ligue para isso. Se serve de alento, se eu não gostasse tanto da minha liberdade me casaria com você. Eu gosto muito da forma como você me come.

Jeová riu:

— Essa é boa! Não vejo nada demais na maneira como faço isso. Além disso, não é todo dia que estou a fim. Se você pensou em se casar comigo por esse motivo, é melhor tirar o cavalo da chuva.

— E quem disse que você transa como um deus? Seu pretensioso! Sequer faz sexo como uma máquina como eu. Eu gosto porque você faz como um ser humano, que pode falhar a qualquer momento. Justamente por saber que haveria dias em que você não estaria a fim, e haveria dias em que você

até estaria, mas que acabaria não conseguindo, é que eu me casaria com você, Jeová. Pense que a solução dos seus problemas passe por esse fato: somos humanos, meu amor! E o efêmero e falho é o que talvez haja de melhor.
....

(ENTREVISTA)

— *Jovem Jeová, se você tivesse concluído sua faculdade de Filosofia agora estaria lecionando, não é mesmo?*

— Eu fiz bem em sair. Teria me transformado naquilo que eu mais odeio no mundo: num professor.

— *Ah, é verdade que você odeia professores?*

— Se pudesse, mataria um por um.

— *E o que você gostaria de ser quando crescesse?*

— Um astro de rock. Rock é melhor que filosofia.

— *Por quê?*

— Filosofia quer ser Deus, enquanto que o rock se contenta em ser humano.

— *Mas talvez Deus possa vir algum dia a fazer rock...*

Jeová estranhou:

— Ei, para um Inteligência Artificial até que você tem umas sugestões peculiares. Isso o que acabou de dizer me lembrou uma puta chamada Lúci.
....

Estavam sobre o viaduto no qual Lúci Fer fazia seu ponto. A noite estava terrível de escura por causa de um blecaute. Lá embaixo, a serpente das luzes vermelhas dos automóveis dava o seu show lento. Lúci se escorou despreocupadamente no parapeito, o vento noturno balançando seus cabelos. Jeová retesou o corpo, com medo de se aproximar.

— Ei, qual é, Jeová? venha para cá.

— Não posso. Tenho vertigens.

— E quer melhor motivo para vir até aqui?

— Eu tenho medo!

Ela sorriu. Foi para perto dele. O pegou na mão e o trouxe para a beira do viaduto. Logo o mesmo vento que balançava os cabelos dela passou a acariciar os cabelos dele, também. mas não era vento. Eram os dedos da menina.

— Vejam só! O grande artista plástico underground Jeová com medo de altura! Caso não arranje emprego de web designer poderá arrumar um de comediante.

Jeová estava tomado pelo temor. Nem percebia o carinho que Lúci estava fazendo em seus cabelos. Olhava para baixo, lááá embaixo onde os automóveis eram apenas pontos luminosos em meio à escuridão. Ela também olhou para baixo.

— Amar alguém é mais ou menos assim como esse medo que você está sentindo agora de cair e esborrachar seu rosto bonito no desconhecido.

— Do que você tem medo, Lúci? – ele mal conseguiu balbuciar. E sentiu o quanto os olhos dela ficaram mais frios do que o costume:

— De ficar sozinha. Por isso, Jeová, ouça o meu conselho: não se pode servir a dois senhores. Nunca se esqueça disso.

O olhar dele para ela era uma interrogação. O vento era uma interrogação.

— O que quer dizer?

— Pense a quem quer servir. E o que é se transformar num servidor.

— Como sabe que eu quero entrar na United States of Line?

Ela segurou nas mãos dele, numa súplica, numa oração silenciosa. Em seguida saiu correndo, chorando na escuridão, e ela correndo parecia estar dançando. Dançando no escuro como uma estrela da manhã. De algum lugar vinha uma música do Dead Can Dance, e o vento continuou a soprar. O Popeye faria qualquer coisa pela Olívia, Jeová.

....

RESULTADO DA ENTREVISTA

DO JOVEM ARTISTA PLÁSTICO
JEOVÁ METATRON:
FOI CONSIDERADO APTO
PARA FAZER PARTE
DA EQUIPE DE SERVIDORES MÓVEIS
DA
UNITED STATES OF LINE

....

Um aparato de segurança nunca antes visto naquelas paragens urbanas parou a rua para que Jeová pudesse passar. Seguiu a viagem dentro de um veículo blindado, cercado por seguranças armados com metralhadoras israelenses. Jeová em meio a metrancas feitas na Terra Santa! Que maneiro!

— Tudo isso é realmente necessário? Parece até que estou indo preso! E ele não gostava de se sentir preso ao que quer que fosse. Lúci...

— Toda precaução é pouca, senhor — A voz do que parecia ser o chefe dos seguranças vinha distante, abafada como se estivesse saindo de uma caixa por causa da monstruosa máscara verde antigás que o mesmo estava usando. E por isso mesmo não dava para ver a cara do cara, muito embora fosse o único que tivesse uma placa de identificação onde estava escrito I. A.

—Precaução contra o quê? E por que? Eu só vou virar um funcionário como vocês. E não me chame de senhor. Parece aquelas mocinhas que cortam o nosso barato quando a gente joga um papo furado nelas.

— Correção, senhor – o chefe dos seguranças disse parecendo uma criatura do espaço com seu equipamento – o senhor não vai virar um funcionário como nós. Vai é virar um servidor móvel do provedor de internet United States of Line, conforme o senhor mesmo assinou nas cláusulas do contrato quando se ofereceu para fazer a entrevista.

— O que diabo você está me dizendo??

— Simples: vão transformar o seu cérebro num servidor.

Antes que Jeová gritasse por socorro, uma coronhada o fez ver estrelas. Logo em seguida o amarraram num assento cheio de correias.

— Afinal, por que não pegaram qualquer nerd para extrair o cérebro dele? Conheço maníacos por informática que dariam o próprio cérebro para algo assim com o maior prazer!

— Momentos atrás o senhor falou algo sobre papo furado. Todo o papo furado da entrevista à qual o submetemos, senhor Jeová, era para testar o desenvolvimento de seu cérebro. O motivo pelo qual não pegamos qualquer nerd, ou qualquer executivo ou qualquer outra pessoa é que elas geralmente só desenvolvem a parte lógica do cérebro, ou seja, só o hemisfério esquerdo. Para que o cérebro vire um potente servidor capaz de conectar dezenas de milhões de pessoas à rede é preciso que os dois hemisférios estejam igualmente desenvolvidos. O seu perfil é excelente! Fez filosofia e é artista plástico. Os dois hemisférios lindamente desenvolvidos.

— Adeus, mamãe – Jeová disse com indiferença.

— Ei, ei, ei, o que está pensando? Que vamos arrancar seu cérebro?

Ouviram isso, rapazes?

(os outros seguranças riram).

— O pessoal da United States of Line vai é encher o seu crânio com implantes cerebrais, filho! Nada demais vai acontecer com você. Aliás, se acontecer algo com seu corpo você de nada servirá para nós. Depois da operação, nem vai perceber que aconteceu alguma coisa com sua cabeça.

— Como assim? Nem um fio nem nada?!

— Seu cérebro irá conectar os usuários via satélite. E a conexão se dará “off-line” em sua percepção, quer dizer; o senhor nem perceberá que dezenas de milhões de usuários estão usando o seu cérebro para entrar na rede. Será moleza! E a única seqüela que o senhor terá que lidar será as centenas de milhares de dólares que aparecerão em sua conta bancária. E aí nem está computado a porcentagem de lucros vinda dos “banners” e outras formas de propaganda. Você terá direito a ganhar sobre todo o marketing veiculado internamente em seu crânio!

— Parece interessante... mas para onde estamos indo?

— Para a CORTEXPRESS, a empresa terceirizada contratada da U.S. of Line especializada em transformar o cérebro criativo de artistas, filósofos e outros boiolas em algo verdadeiramente útil para a sociedade.

....

Num galpão asséptico da CORTEXPRESS começaram a passar a máquina zero na cabeça dos inúmeros “selecionados”. Preso como estava Jeová só podia mover os olhos. Mas viu entre os selecionados algumas da mentes mais brilhantes do país. Estavam tão atados e presos em mesas de operação quanto ele. O que não era a porra do desemprego, pensou de si para si. Parece que vamos parir.

— Estou com medo. Tem certeza de que tudo vai dar certo?

— Relaxe e curta o corte de cabelo grátis – disse entediosamente o técnico vestido como um mecânico que estava tosando sem nenhuma piedade as madeixas dele – além disso, não se pode fazer omeletes sem quebrar os ovos. Como vamos colocar implantes cerebrais nessa cabeça de ovo sem tirar os cabelos do caminho? Você deveria ser comediante, 18021976.

— Ei, meu nome é Jeová.

— Faz alguma diferença?

— Na boa: você é legal, doutor. Mas vá para a puta que o pariu!

— Você está atrasado. Eu já fui há muito tempo, 18021976. Aliás eu acho que sou a própria puta que me pariu. Porém quem vai parir dentro de poucos minutos é você!

Um ruído cibernético e um conjunto complexo de artefatos de operação que incluía pequenos braços robóticos e outros instrumentos cirúrgicos começou a descer lentamente do teto diretamente para cima do corpo de Jeová. Um dos braços que tinha uma seringa se direcionou para o pescoço dele e lhe aplicou uma dolorosa anestesia. Os olhos de Jeová começaram a enxergar as coisas como se elas fossem de gelatina tremida.

— Preste atenção, 18021976. Essa primeira etapa será muito dolorosa. As lembranças mais amargas que você tem irão voltar com intensidade redobrada. Mas logo você irá acordar, e passará a enxergar o mundo de outra maneira. O que de pior você se lembra?

A voz de Jeová já estava entorpecida:

— Conforme eu ... declarei... n .na ficha... deinscrição...d-d –de inscrição...eu.. já us-usei... substâncias... pr-proibi-d-d...

— Excelente!

....

________________________________5

— Com mil trovões! Você não estava viajando,
Marinheiro Popeye?
— Acertou! E agora, pelas barbas do camarão,
tire suas patas imundas de minha garota Olívia, antes
que eu também lhe acerte, Brutus!
— Socorro, Marinheiro Popeye! Salve-me!
— Já estou indo, minha querida! Solte-a, Brutus, seu
Bolo-Fofo! É meu último aviso!
— Pois venha, nanico, que vou quebrar sua cara!
(POU! TUM! AI! CRASH! ARGH! NÃO! - E o Bolo-Fofo
foi parar longe, com brutalidade).

__

— Marinheiro Popeye-Jeová, você salvou minha vida!
— É o meu herói!
Mas... você está tão diferente...
— Olhe para mim, minha querida. Estou muito
mais forte, mais rápido, mais inteligente e
mais bonito do que antes.
— É verdade!
— Antes eu era <medroso e aterrorizado>, e
por causa disso eu a perdi para o Bolo-Fofo.
Querida, não sabe como eu sofri por sua causa.
— Marinheiro Jeová...
— Soube que vocês tiveram um filho, o G..

Querida, como pôde?!...

— Marinheiro...

— Quando soube disso, fui para o fundo do poço.
Mas lá achei algo que acabou com minha fraqueza,
e que me deu forças diante do perigo.
Eu ingeri esse estranho espinafre da lata!

— Mas por onde você tem andado, Jeová?

— Pelas veredas cósmicas. Tenho visto muita
coisa interessante; hoje, por exemplo,
Marte está em Escorpião. Quer ir ver as luas
de Marte comigo? Elas se chamam <Fobos e Deimos>.

— Marinheiro Jeová, você é super!

E após ela ter se abraçado a ele, Marinheiro Jeová voou
por um céu cor de rosa-chá, em direção a Marte.
Mas tudo foi escurecendo, escurecendo, escurecendo,
e já não sentia mais o corpo de sua bem-amada junto
ao seu; tão somente ouvia sua voz ao longe, cada
vez mais distante no tempo. Chegou então nas duas luas
de Marte, mas aí tudo ficou negro de uma vez e as luas
se transformaram nos seus olhos que parados
de uma maneira sinistra fitavam o vazio daquele
quarto escuro e abafado. Era dia ou noite? De que mês?
Há quanto tempo sua pobre carcaça de 25 anos estava
atirada ao chão? Provavelmente desde que soubera que
sua namorada o havia trocado por alguém muito mais forte,
bonito e mais cheio da grana
Amava essa menina com o amor
mais sinceramente estúpido
que alguém poderia devotar a alguém.
E daí? Daí que para
esquecer de si e do resto, resolvera viajar.
Sabe como?

________________________________5

A DIVINA COMÉDIA

Lá fora vinha o barulho de chuva e trovões. Jeová se sentou lentamente na mesa de operações com uma terrível dor de cabeça. Os clarões dos relâmpagos iluminavam o galpão de luzes apagadas. Era manhã ou estava anoitecendo? Sentia calor. Muito calor. Foi até uma das janelas, onde a chuva fustigava as cortinas, e deixou que ela molhasse seu peito e cabeça. Sorveu o perfume de mato molhado com os olhos fechados, e sentiu as gotas de chuva começarem a escorrer pelos cabelos. Estranho! Quanto tempo havia ficado inconsciente? Seus cabelos já haviam crescido! Olhou para trás: era realmente o único por ali.

Sentia-se muito bem. Aliás nunca se sentira tão bem assim! Num ímpeto acabou pulando a janela e saiu correndo em meio à chuva dum céu tão estranho que era impossível de precisar se era alvorecer ou anoitecer.

Ele saiu correndo pela luz fugidia. Estava estranhamente feliz, alucinadamente feliz. Abriu a boca para a meia-luz do céu e sentiu a chuva entrar pura em sua boca. Parecia que o mundo havia sido feito sob medida para ele. Talvez fosse a água da tempestade em seu corpo:

— Que vontade de trepar...

O vulto de uma garota apareceu contornado ao longe pela chuva. Vinha rapidamente em sua direção. Jeová tirou a água dos olhos com a palma da mão e notou o quanto a garota era parecida com a sua ex-namorada, a menina que mais amara até então. Chegou a querer perguntar se era ela mesma, mas logo percebeu que essa garota era muito mais gostosa que sua ex-namorada! Seu sangue ferveu e gelou quando ela parou em sua frente e falou:

— Por favor, me foda.

Jeová estava tão alucinado de desejo que nem se importou de fazer ali mesmo no meio da calçada tomada pela chuva torrencial. Delicioso! E estranho! A garota levantou a mini-saia e ficou de quatro empinando a bunda para ser penetrada – jamais ele havia comido bundas de garotas antes, apesar

de sentir muita vontade de fazer isso. Mas chapado como estava Jeová não quis saber de nada e mandou ver três vezes antes que se desse por satisfeito (enquanto fazia a garota não parava de gemer: “Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus”). Depois ele caiu para um lado da calçada completamente exausto e feliz. A garota se levantou, com a bunda coberta por porra:

— Obrigado, Deus, pela benção!

Ele , sem fôlego, riu para ela:

— Não, garota, não... eu não sou Deus. Apesar de me chamar Jeová...

A garota foi embora como se nada tivesse acontecido. Ele a acompanhou com o olhar até que ela desaparecesse tão misteriosamente quanto surgiu.

— Que coisa mais estranha. Não que eu esteja reclamando disso, mas...

Ficou ali estirado na calçada por um bom tempo. Como se as pessoas soubessem que ele queria ficar descansando sozinho, não passou ninguém na calçada e nenhum carro passou na avenida. A chuva estava boa, mas Jeová começou a se encher de ficar molhado. Imediatamente a chuva parou.

— Porra, tudo está dando tão certo para mim que bem que poderia estar anoitecendo! Não estou com saco para o horário de rush.

Começou a anoitecer na cidade. Um belo anoitecer.

Jeová se lembrou que não havia um “puto” consigo. De qualquer forma, checou os bolsos da camisa preta de mangas longas (ei! Essa era a minha camisa favorita! não me lembro de tê-la vestido) e encontrou um cartão de crédito novinho onde havia um logotipo: CORTEXPRESS CARD. Logo na esquina miraculosamente tinha um caixa eletrônico 24 horas. Ele foi até lá e colocou o cartão. Na tela apareceu a seguinte mensagem:

CORTEXPRESS CARD

BOA NOITE, DEUS

VOCÊ TEM CEM MIL

DE SALDO

Ele engoliu a seco. Tirou um maço de notas novinhas.

— Merda! Imagina o estrago que eu vou fazer na Galeria do Rock com essa grana!

Jeová começou a caminhar deslumbrado rumo à Galeria do Rock. O mundo estava lhe sorrindo! Tudo era do jeito que sempre quis que fosse!

Estava descendo a Consolação quando passou ao lado do cemitério. Murmurou entre sorrisinhos:

— Para minha felicidade ser completa queria que tudo o que eu detesto, como todos os meus professores, estivessem aí dentro bem mortos! E que as pessoas legais do mundo nunca tivessem morrido!

Nisso o muro do cemitério desabou e ele pôde ver as centenas de novas lápides: o nome de cada um de seus professores estava lá, escrito em letras góticas luminosas. Mas não só isso! Todas as pessoas idiotas, como por exemplo aquele nerd norte-americano que tinha bilhões de dólares e que era dono do maior monopólio de softwares do mundo estava no cemitério num túmulo sem graça como todos os outros. Lá também estavam todos os responsáveis pela televisão nacional ser um lixo, inclusive aqueles dois apresentadores de auditório do domingo que se rivalizavam em baixarias. Eles estavam mortos ao lado da tumba dos respectivos donos dessas emissoras. Mas não era só isso! Aquele bispo idiota que tinha um canal de televisão estava sepultado numa vala comum com todos os milhares de pókemons (sobre esse túmulo coletivo não havia sido colocado nem terra, apenas uma camada de lama que não impedia os abutres de devorarem a carcaça colorida dos monstrinhos, que lhe pareciam mais saborosa que a carcaça do bispo). Além disso, todos os políticos, todos os oportunistas como aquele padre idiota, todos os filhos da puta como os cantores dessa nova geração de MPB que fazem aquela música irritante para a classe média do caralho que escuta essa porcaria dentro daqueles carros populares 1.0 de cores imbecis também estavam lindamente mortos! Os carros também estavam sepultados, assim como aqueles cachorrinhos poodles que sempre vão no banco da frente.

— Esse é o dia mais feliz da minha vida! – Disse Jeová, exultante. Um carango maravilhoso, desses feitos na década de 70, passou lentamente ao lado dele. Jeová estava abençoando aquele esplêndido ronco do motor V-8 quando viu boquiaberto que o motorista era o Joey Ramone!!

Joey pôs a cabeça do lado de fora do carango e comentou:

— Ainda bem que eu não fui enterrado nesse cemitério de animais...

E se mandou. Jeová estava paralisado de felicidade! Só Deus sabe como estava feliz.

Continuou a descer a Consolação. De repente Jeová se sentiu só, e por isso desejou um amigo para conversar. Num barzinho adiante viu um vulto numa mesa do lado de fora, iluminado por uma luz amarela. Parecia estar jogando cartas. Ele se aproximou. O vulto estava envolto num manto escuro como o que a Morte costuma usar. Jeová se aproximou: era ******, o cartomante!

— ******, você por aqui!

****** levantou o capuz sombrio e sorriu:

— Deus! que surpresa! Que bom que o senhor veio! Puxe uma cadeira.

— ******, o mundo está muito esquisito! Sabe que eu acabei de falar com o Joey Ramone?

— Grande coisa!... quem estava sentado nessa cadeira ainda a pouco era o Ian Curtis do Joy Division. Caso não saiba, ele se enforcou no dia 18 de maio de 1980 – ****** comentou enquanto embaralhava o maço do tarô. Curioso que das cadeiras ao redor de minha mesa o Senhor tenha escolhido justamente a cadeira de um suicida, senhor Deus. Quando eu flertei com o satanismo, em 1995, eu fiz uma poesia sobre o suicídio de Deus. Mas hoje eu sou apenas um humilde cartomante.

— E sabe do que mais? Eu acabei de foder uma garota que nunca vi antes! E tenho cem mil! Parece que tudo o que eu desejo está acontecendo!

— É, acho que ser Deus deve ser legal – ****** disse enquanto dispunha as cartas sobre a mesa – puxe uma carta, senhor Deus.

— Droga, ******, vá se foder! Meu nome é Jeová – ele resmungou de mau-humor e puxou uma das lâminas – não sabia que gostava de beber, ******. E essa garrafa de vinho aí?

— Bebo à saúde de Nietzsche, aquele cara que mandou o Senhor lamber sabão. Sabe de uma coisa, Deus? Há muito preciso dizer algumas coisas que estão entaladas na minha garganta para Você. Do mesmo modo que eu embaralhei esse maço de tarô, Você embaralha nossas vidas como se fôssemos não instrumentos de Sua vontade, mas meros brinquedos de Seu capricho! Sabe muito bem que estou me referindo ao dia 19 de fevereiro de

2000. Deus, por que aquilo teve que acontecer? Ninguém teve culpa e tudo aconteceu como se fosse um desastre sem sentido, e o mal estar resultante fez com que eu sequer tivesse coragem para olhar e pedir perdão. Escrever certo por linhas tortas? Besteira! No fim só há o caos e a entropia nascendo no horizonte!

— O que anda fazendo de interessante, ******?

— Estou escrevendo um texto porra-louca chamado DEUS EST MACHINA.

— Quando terminar, eu posso ler?

— É melhor não, disse ******, rindo enigmaticamente. Você teria um ataque se soubesse do enredo, Deus! Mas vamos à carta que tirou: olha, é o arcano 16, a “Casa de Deus”.

— Hum, é bom ou mau?

— Ei, Deus, já ouviu a expressão “A casa caiu para você, mano!”? Esse arcano é bem isso! A Casa de Deus é o Templo. E o templo é o seu corpo, o lugar habitado por sua alma. É a torre de Babel, fulminada por um raio divino, para que os idiotas que estão dentro larguem essa vida de crente e vão viver de verdade suas vidas, afinal o “viver sua vida” é a melhor religião que pode existir, mas os idiotas que lotam as igrejas não percebem isso, como não percebem os malditos internautas que passam a maior parte de sua vida nessa maldita nova religião chamada Internet navegando na mente distorcida de um novo Deus, (você, cara!) enquanto que a vida em todo o seu esplendor está fora da igreja e fora da internet. Enfim, um belo dia a igreja explode e a internet sai do ar e os idiotas são obrigados a saírem de sua egocêntrica “Torre de Marfim” (vê-se logo que não há muita diferença entre um beato e um intelectual). Bom, é isso que vai acontecer com o Senhor Deus: sua mente vai sair do ar.

— Vai cair um raio na minha cabeça?

— Talvez. Mas o arcano 16 também é relacionado com o signo de áries, o carneiro, então é mais provável que um bode dê uma cabeçada em sua Torre de Marfim, Deus.

— Esse papo está cada vez mais psicodélico, ******. Que bode?

— Um bode maneiro chamado Lúcifer. Ela vai mostrar algumas coisinhas para o senhor, Deus. Agora me dê licença, pois eu preciso dar

conselhos para um cara chamado Med Ezenos. E por falar em conselhos, eu vou lhe dar um: cuidado com o toque de Midas, Deus.

E então ****** virou seu manto e se transformou em SATOR, o demônio-lobisomem de crista punk do livro A CAIXA.

....

(A DIVINA COMÉDIA)

E as coisas do mundo passaram a acontecer de acordou com a vontade de Jeová. O clima, as bandas, a política, as garotas, tudo se comportava de acordo com os desejos dele, que feliz por ser o Deus de um universo inteiro, nem se lembrava mais da puta Lúci. E achando que os outros é que estavam servindo a ele, se esquecia quem verdadeiramente estava servindo a quem.

E foi justamente por isso que num dia negro os jornais começaram a mostrar negras notícias de um mal que estava surgindo no mundo de Jeová. Os mais religiosos chamavam esse mal de “Lúcifer”. O mal aparecia e desaparecia quando menos se esperava, semeando a discórdia e a falta de fé em Deus.

A princípio indiferente, logo numa manhã Jeová olhou a estrela d’alva e sentiu desejo de conhecer o mal. A estrela da manhã, a bela Vênus, logo lhe atendeu.

Foi só sentir o desejo e o mal apareceu gigantesco entre nuvens de energia que pulverizaram prédios do centro. Jeová foi ofuscado pelo fulgor da estrela da manhã, o livro de esplendores em sua frente recitou o belo poema chamado Lúci Fer, a sua amiga puta-robô. Lá estava ela, só que tinha uns 20 metros altura. Pelada, com a tatuagem do Testsuo mais colorida que nunca embaixo do umbigo. A tatuagem tinha a estatura de uma pessoa adulta.

— Jeová, meu amor, você se vendeu como um lixo, e está morto!

Logo o exército apareceu, e começou a metralhá-la como se Lúci Fer fosse um monstro. Em troca ela começou a destroçar os soldados e os prédios foram cobertos por pedaços de corpos esmagados pela mulher gigantesca. Jeová olhava boquiaberto para ela.

— Por que diz que eu me vendi, Lúci?

— Você virou um servidor! – ela disse após chutar um jipe como se fosse uma caixa de sapatos.

— E o que isso tem demais? eu apenas coloquei uns implantes em meu cérebro. Eu nem sinto os usuários de internet usando minha mente. Além disso, todas as coisas que eu quero acontecem!

— Elas acontecem porque esse mundo foi criado por você, artista Jeová! Todo esse universo é uma fantasia dentro de seu cérebro! – Lúci falou após arrancar um poste e com ele dar uma porrada num helicóptero militar que lhe metralhava. O helicóptero partiu no meio e pegou fogo.

— O que você está me dizendo, sua putinha andróide? – Jeová gritou estarrecido.

Após esmagar um general como se fosse uma barata, Lúci Fer respirou fundo e falou:

— Sabe o que realmente aconteceu com você, Jeová? Você acreditou na conversa de quem lhe comprou! Esqueça a bela história de implantes cerebrais que colocaram em sua cabeça. A realidade é essa: após ter ido à CORTEXPRESS você foi operado. Tiraram o seu cérebro e o transformaram numa máquina de acesso rápido à internet! O seu corpo foi retalhado. O que deu para servir para transplantes foi aproveitado e vendido, e o resto do corpo foi incinerado como lixo! Você virou um maldito servidor de internet, Jeová! Todo esse universo onde você reina como um deus é apenas uma prisão que ocupa uma porcentagem ínfima de sua memória e serve apenas para mantê-lo anestesiado. Embora você não possa perceber, a maior parte da sua capacidade cerebral foi aproveitada pela United States of Line para proporcionar à classe média acesso rápido à sites de pedofilia, racismo e intolerância religiosa. Não sabe o trabalho que me deu para poder entrar em contato direto com sua consciência, Jeová, pois tudo aqui está morto para contatos exteriores; esses filhos da mãe da CORTEXPRESS fizeram mesmo um bom trabalho. Eu tive que usar toda a minha Inteligência Artificial para achar a conexão certa do seu cérebro entre as dezenas de outros que estão armazenados em contâiners orgânicos no subterrâneo de uma das filiais da U.S. of Line. E ao fazer isso eu decretei o meu fim, pois o meu corpo real está conectado num telefone público no centro velho da cidade, completamente inerte, e logo a U.S. of Line vai detectar a violação de acesso e achar o

orelhão. Meu corpo indefeso vai ser desligado como uma boneca sem pilha. Mas sabe por que uma andróide prostituta como eu está fazendo tudo isso? Por que eu te amo Jeová! Nós dois já estamos condenados, meu amor!
Jeová sentou-se no pé da projeção virtual de Lúci, completamente arrasado. Depois de um tempo olhou para cima, para ela:

— Não. Não estamos condenados. Um paranormal desenhado na barriga... o poder que vem do ventre... Vamos criar um universo, Lúci Fer.
Jeová se ergueu. A menina sabia o que fazer. O pegou com uma das mãos gigantes e o introduziu inteiro dentro de sua vagina.
Jeová passou a ser um disquete a ser lido pelo processador de Lúci, que teve acesso a todos os dados dos cérebros-servidores da CORTEXPRESS, e uma vez com acesso livre a todos eles a menina robô pariu um devastador vírus que desligou todos os cérebros. Desligados, os cérebros morreram e apodreceram.

A internet caiu. Dezenas de milhões de internautas ficaram desesperados: nada de sites, nada de e-mails, nada de chats.

E então foram para suas janelas e viram como o Sol estava bonito.

FIM

(*mas no princípio criou Deus os céus e a terra*)

MARIA GASOLINA

O MINISTÉRIO DO TRABALHO, MINAS & ENERGIA INCENTIVA A PRODUÇÃO DE ROBÔS
MOVIDOS A COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Naquele frio e esfumaçado bar figuras igualmente frias e esfumaçadas se debruçavam sobre suas canecas e suas vidas, todas postas sempre em

dúvida na madeira ensebada das mesas. Numa delas, num dos cantos mais vomitados e mijados, uma menina mirava suas mãos trêmulas. Tentou deixá-las firme sobre a mesa. Em vão.

Nesses lugares sempre tem um palhaço (só um?) metido a Don Juan. Há tempos ele a observava; não por ela ser bonita, mas pelo fato de estar sozinha e aparentemente desprotegida. Ele foi até ela:

— Olá, menina. Você quer alguma coisa?

—... bebida... eu preciso de uma bebida...

Ele foi até o balcão e trouxe duas Vodkas com limão; colocou uma delas na frente da menina como se esse fosse o mais espetacular galanteio desse século. E ficou esperando, sorrindo.

A cabeça da menina continuou baixa. E suas mãos continuaram tremendo.

— Ei, pode beber. É de graça! – ele frisou.

Com um violento tapa ela derrubou o copo no chão:

— Acha que esse maldito "kisuco" basta para mim?

Os olhos avermelhados da menina perceberam algo brilhante preso ao cinto do amedrontado Don Juan. Em um bilionésimo de segundo a inteligência artificial dela checou qual o tipo de carro aquela chave prateada poderia abrir. Não contente com isso, invadiu pelo menos três redes ligadas a satélites tipo GPS para verificar que carro seria e onde estaria estacionado; porém sua invasão foi em vão: o automóvel deveria ser um desses novos modelos importados à prova de rastreios clandestinos. Então ela mudou sua tática: um lânguido piscar foi suficiente para transformar seu olhar transtornado em um olhar sensual:

— Ei, gostosão, desculpe por tê-lo assustado – ela se levantou e pegou na gravata dele – é que eu quero ir direto ao assunto: quer dar uma trepadinha comigo?

— Só se for agora! – ele disse todo animado ao ouvir o "gostosão".

— Uau, tigrão, acho que você deve ter uma caranga e tanto... – ela disse pegando na chave dele – quero dar pra você no banco da frente... sem camisinha e sem cuspe...

"Mas que Maria Gasolina da porra", ele pensou todo feliz.

Chegaram ao beco onde estava a caranga.

— Eu estaciono aqui por causa dessa violência toda, sabe... – ele disse passando a mão na polpa da bunda dela.

— Deve estar cheio de gasolina... – ela balbuciou, pálida.

— Meu carro *sempre* está cheio de gasolina, meu bem...

— "Meu bem?" Acaso acha que eu sou um "bem" igual ao seu carro?

Ela o encarou. Mas ele não desviou o olhar. Seria fácil estuprá-la naquele beco, diziam os olhos possessivos dele.

— E aí, boneca? Vai dar ou não?

— Claro que – antes dela terminar a frase, arremessou a cara dele contra a guia da calçada – vou dar o que você merece.

Ela foi até o automóvel. Com um soco arregaçou o lugar onde ficava o tanque de combustível. A gasolina começou a sair, abundante, e foi avidamente sorvida pela menina; boca e língua bebendo e lambendo todo combustível que podia; e quando ficou finalmente farta ela fechou os olhos e chorou, sentindo o resto da gasolina escorrer pelos seus cabelos.

Maria Gasolina começou a caminhar de mãos nos bolsos do casaco surrado. Da sua boca agora saía um hálito negro de monóxido de carbono, produto resultante da queima da gasolina pelo seu corpo. Milhares de pessoas como ela perambulavam pelas calçadas soltando fumaça pela boca e pensando no próximo trago. Uma civilização inteira estressada e sem soluções para sua existência.

Ela foi ao shopping center tomar um sorvete de milho, um hábito adquirido com um antigo namorado de tempos dantanho. Aliás, fazia questão de ir ao shopping center somente para se divertir vendo aquelas patricinhas do caralho torcer o nariz para o forte cheiro de gasolina que saía do seu corpo. Naturalmente, suas pernas calçadoras de botas ficavam cruzadas sobre a mesinha. O que mais poderia desejar da vida?, pensava entre um arroto e outro, coçando a periquita e soltando fumaça pela boca com a elegância de um sessentão expert em charutos.

Mas em menos de um mês as últimas reservas de petróleo do mundo se esgotariam.

Num dia que Maria Gasolina tinha bebido tanta gasolina que havia dormido na calçada, completamente bêbada e usando um jornal onde se lia

“poluição já mata mais crianças no terceiro mundo do que a fome”, as ruas estavam tomadas por um comício do sindicato patronal dos metalúrgicos e dos petroleiros. Quando um cachorro vira-lata veio lamber sua orelha, ela acordou e ouviu parte do discurso:

—... e por isso devemos apoiar as montadoras a pressionar o governo para votar CONTRA o Protocolo Verde, companheiros. Os companheiros petroleiros também estão com a gente! Temos que defender nossos empregos! Temos de garantir o pão de nossas crianças! Eles dizem que no futuro a poluição pode acabar com o planeta. Mas o que interessa pra gente é que não acabem com nosso emprego!

CENTRO DE TRATAMENTO DE PESSOAS PERTURBADAS
“PRESIDENTE GEORGE W. BUSH”

— Bem, eu sou a Maria Gasolina e reconheço a minha dependência química... gostaria de largar o vício, mas acho que é mais forte que eu... vivo dia após dia atrás de uma dose. Tornei-me uma vagaba, saio atrás do primeiro homem ou mulher que tenha um belo carango. É dose, não é? Puxa, é legal da parte de vocês, humanos que curtem moral e bons costumes e tal, tratarem de um robô desumano como eu... um dia ainda pretendo ser boazinha, decente e votar no Partido Republicano... se importa se eu tomar mais um trago? É jogo rápido...glub, glub, glub... Aaahhh ... pronto. Mas me diga uma coisa... hic... puxa, já tou meio alta... hic... me diga uma coisa, meu filho... hic... por quê malditos mamíferos que respiram oxigênio como vocês construíram sua civilização à custa da destruição ambiental? Hic... eu tento entender a moral humana, mas, toda vez que faço isso, tenho de encher a cara... hic... sabe por quê? Porque não chego a porra nenhuma de conclusão... hic, hic... não que eu ligue.... robôs movidos a gasolina não respiram... puxa cara, que carrão que você tem...

Após estourar o cérebro do psicólogo freudiano do Centro de Tratamento de Pessoas Perturbadas Pres. George W. Bush e beber toda a gasolina do carrão dele, Maria Gasolina resolveu procurar ajuda para sua dependência de gasolina numa religião de um país do Oriente Médio famoso por suas enormes reservas de petróleo e por tratarem mulheres como gado.

Naturalmente que Maria Gasolina se interessou pelas enormes reservas de petróleo dessa terra prometida, e por isso para lá se mandou. Aceitou perder todos os seus direitos políticos (pois obviamente para a religião dessa terra as mulheres não precisam disso), vestir um enorme manto e se casar com um comerciante que já tinha quatro esposas. No entanto as enormes reservas de petróleo dessa terra continuaram bem distantes de seu apetite voraz, e isso a decepcionou muito. Antes de destroçar o marido e as quatro esposas dele em milhões de pedacinhos, ela lhes falou:

— Pois é, amiguinhos, eu não entendo essa civilização de vocês onde as vestes e a maneira de se comportar de uma mulher têm mais relevância do que a criminosa conivência com que vendem petróleo ao mundo cada vez mais poluído ao mesmo tempo em que ajudam a barrar, juntamente com a América, protocolos ecológicos internacionais e todo o desenvolvimento de fontes de energias limpas e alternativas.

Frustrada com sua experiência religiosa e desiludida quanto às possibilidades de um casamento arranjado e de saco cheio de passar lições de ética, Maria Gasolina voltou para o inferno ocidental, esse querido puteiro urbano intercontinental. Ela decidiu que já estava bastante crescidinha e que precisava arrumar um emprego e prestar vestibular. Fez as duas coisas: após destruir quatro robôs iguais a ela e alguns humanos que queriam o mesmo emprego, Maria Gasolina descolou um trampo de frentista (uêba!) num posto podre e passou no vestibular para química orgânica. Após roubar os livros da biblioteca que continham fotos de alta qualidade de cadeias de moléculas de gasolina e óleo diesel, ela abandonou a droga da faculdade. Depois de encher o bucho de gasosa na mangueira do posto, ela se trancava no imundo banheiro para ver aquelas excitantes moléculas orgânicas que lhe davam tanto prazer e tanta dor.

Certo dia chegou ao posto um rapaz limpinho e bonitinho, e assim que pôs os olhos nele Maria Gasolina sentiu que era o amor de sua vida. Ele estacionou o seu automóvel elétrico ao lado do posto e entrou no restaurante para comer uma salada. Pela primeira vez Maria Gasolina enrubesceu tentando criar coragem para sentar ao lado de alguém.

— O-o-olá... – ela balbuciou sem graça.

Ele a olhou com indiferença. E continuou a comer em silêncio. Com sua visão infravermelha ela viu um cartão de uma ong ecológica no bolso da camisa dele:

— Eu sou capaz de apostar que você luta por alguma causa ecológica, não é? Puxa, é legal ver pessoas que se importam com o futuro de nosso planeta e...

— Em primeiro lugar, não aposte, pois apostar é um vício e eu simplesmente tenho horror a qualquer tipo de vício e alergia a todo e qualqer viciado... em segundo lugar fale para a droga do cozinheiro que esse alface está murcho.

Maria olhou para ele em silêncio por um longo tempo.

Resolveu insistir:

— Mas, como eu ia dizendo, é legal que existam ong's que se preocupem com...

— Que mané ong's! Todas elas são corruptas, e somente a minha é que presta. Para mim, ecologista que não pertence ao meu grupo não passa de um monte de lixo.

Ela viu o carro elétrico dele lá fora.

— Você deve ser um cara legal. É o único daqui que tem um carro elétrico...

— O futuro, meu bem, são as baterias – e o cara começou a fuçar num PDA; pelo reflexo da tela nos óculos dele ela percebeu que estava checando a cotação da bolsa de valores, e pelos campos da tela selecionados Maria Gasolina percebeu que ele tinha ações nas indústrias pesadas de baterias para carros.

Ao perceber tudo isso, Maria Gasolina deu um sorriso triste para si mesma. Ela, que com seu vício se achava o câncer do mundo à espera de algo que pudesse enfim extirpá-la da existência para que em seu lugar surgisse algo mais útil, aos poucos percebia que pessoas como ela eram o que o mundo tinha de melhor num mar de ideologias hipócritas, soluções cínicas e homens movidos pelos mais baixos interesses.

Ela voltou ao seu lugar ao lado da bomba de gasolina. Tomou um trago e soltou fumaça preta pela boca ao ver o carro do seu amor ir embora. Deveria contar que o sensor de seu corpo acusou que a bateria daquele carro era mortalmente radioativa?

Maria soltou fumaça preta pela boca vendo o carro se distanciar, braços displicentemente cruzados sobre a bomba de gasolina.

Era melhor não.

Os últimos dias de petróleo no mundo trouxeram um caos nunca antes visto. A bolsa caía incessantemente, as gigantes do petróleo faliram e surgiram outras enormes corporações da noite para o dia, carros eram abandonados nas ruas sem valor e sem gasolina, pessoas se suicidavam, o preço dos alimentos subia a todo instante.

Os robôs movidos a combustíveis fósseis começaram a parar.

Aquele posto à beira da solitária rodovia fora abandonado depois que os seus donos fugiram e ninguém mais aparecia para abastecer.

Quanto tempo de vida Maria Gasolina tinha antes que consumisse todo o suprimento de combustível dali? Ela não sabia e não fazia a mínima questão de saber.

Mas os raros caminhoneiros que passavam por ali de noite ouviam músicas da Siouxsie & the Banshees cantadas por uma voz bela, misteriosa, noturna e distante, como a própria estrada à noite: sem passado, sem futuro e sem ilusões.

MORTOS PODEM DANÇAR

MADAME ZORAIDE

Auto-ajuda, previsões, amarrações p/amor

Faz e desfaz qualquer trabalho

Traz a pessoa amada em 7 dias

Tira encostos de implantes cerebrais

Alguém entrou na tenda holográfica de madame Zoraide:

— Olá. Eu gostaria de encontrar uma pessoa.

— Quer encontrar um amor, meu bem?

— De certa maneira, sim.

Ela o observou de soslaio. Raramente recebia a visita de transgênicos (as asas dele eram lindas e brilhantes) vestidos de preto. Mas logo fez silêncio e fingiu se concentrar na bola de cristal:

— Vamos lá... eu vejo que você vai encontrar uma menina... muito bonita... vai casar com ela, ter filhos, ser feliz e...

Antes que pudesse completar a previsão, o transgênico de preto a interrompeu:

— Eu só vim aqui porque sei que lá no fundo, em algum recanto obscuro de sua alma, existe realmente uma sensibilidade mais acurada. É dela que por hora necessito. Portanto, poupe-me do resto.

“Que consulente estranho”, ela pensou já com um certo espanto desconfiado.

— Me desculpe – ele sorriu – eu sempre serei estranho e as pessoas nunca se acostumarão com a minha presença; acabo de vir da casa do prefeito e ele também...

— Você acaba de vir da casa de quem?! Você o conhece?!

— Bem, no fundo eu conheço todo mundo. Para mim, todos são iguais – ele informou com indiferença.

— Você tem toda razão, meu jovem – ela falou amigavelmente – e dessa vida nada se leva. Mas como vai o prefeito? Ele continua doente?

— Ele não está mais doente.

— Que bom! Mas o que posso fazer por você, querido?

— Já disse o que eu quero. Hum... você comeu muita porcaria durante sua vida, Zoraide. Carnes gordurosas, doces, chocolate... – o misterioso homem a informou, distraidamente.

— Como sabe disso?! Você também é vidente, não é mesmo? Logo percebi. Mas você está certo. Preciso parar com o exagero senão qualquer dia desses meu coração vai ter um ataque e vou bater as botas.

O cara de preto ouviu calado. Tirou uma fotografia do bolso e deu para a vidente.

— Sabe onde posso achar essa pessoa?

— Hum... é uma antiga namorada?

— Não.

— Ela está desaparecida? Por que não vai a polícia?

— Afinal, mulher, você pode me ajudar ou estou perdendo meu tempo?!

Madame Zoraide não gostou do tom de voz dele.

— Quem é você?

O olhar sinistro dele tornou-se abissal como um buraco negro:

— Quer saber quem eu sou? Ou talvez queira saber meu nome?... O seu tarô está ao lado da bola de cristal. Tire uma carta ao acaso e saberá.

Assustada, Madame Zoraide obedeceu.

O arcano que tirou foi o mais eloqüente de todos:

arcano 13

A Morte

— O que... o que quer de mim? – ela perguntou pálida. Ele tirou um cigarro e começou a fumar calmamente:

— Lembra da história do chocolate? Pois bem, lamento informar que você baterá as botas graças a isso. Você passou décadas levando uma vida sedentária e destruindo o seu coração com porcarias – e ao dizer “porcarias”, ele soltou a fumaça do cigarro de uma maneira elegante, como se não ligasse a mínima para o que acabou de informar.

— Mas se eu ajudar você o que ganho em troca?

— Nada. Só ofereço uma oportunidade de fazer uma boa ação: ajude-me a encontrar o que procuro e duas pessoas deixarão de sofrer.

— Pensei que você soubesse onde estão todas as pessoas – a vidente comentou.

— Esse é um caso especial. E não é atrás de uma pessoa que estou realmente atrás. Mas não tente compreender.

A vidente refletiu por um longo tempo de olhos fechados com a fotografia na mão. Depois falou com segurança :

— Tente procurar na COHAB.

— Obrigado. Sei que está dizendo a verdade. Mas terei de levá-la assim mesmo.

(e foi a última previsão dela).

....

Suas penas eram muito alvas, sendo que as da ponta das asas possuíam refulgências de arco-íris quando o Sol batia nelas. Por outro lado a roupa era preta como uma noite de pesadelo num depósito de asfalto.

Transgênico.

Ultimamente diziam isso quando o viam.

Adiantaria dizer que era um anjo?

E um dos piores tipos de anjo: apesar dele não ser propriamente a Morte, era um dos anjos da Morte.

E agora? Esse era um caso realmente difícil para ele, que invariavelmente sempre sabia onde encontrar aquilo que precisava morrer.

As asas bateram furiosamente, deixando uma nuvem de poeira multicolorida, e ele num instante voou para cima de um prédio bem velho e

coberto de fuligem. A névoa de poluição na cidade tinha uma tonalidade dourada, mas foi ficando laranja e por fim abóbora.

Observou a paisagem.

Lembrou-se do que disse a uma viciada, certa vez:

“Sabe aquela história de que as pessoas morrem na hora certa?”

“Yes. Minha mãe sintética sempre me dizia isso”, ela disse.

“É conversa fiada. Algumas pessoas são estúpidas o suficiente para desafiarem a Morte, quando poderiam muito bem prolongar sua existência miserável nesse vale de lágrimas”.

“Ei, cara, eu me faço e você e quem fica na nóia?”.

“Gíria legal, menina – ele sorriu – Nóia é Aion de trás para frente. Isso me faz lembrar um poema... aquele do corvo, sabe? Raven... crocitando seu próprio nome ao contrário: never, never, never. Percebe? Uma besta maldita e alada, como o corvo, anunciando uma fatalidade que é ele próprio... é algo que deixa qualquer um maluco, mesmo seres não-humanos como você e eu, muito embora sejamos essencialmente muito diferentes. Enfim, farei um favor a você: vou beijá-la, e então sentirá o que a aguarda se não largar desse vício idiota... é claro que estou me referindo à saudade que sente do seu ex-namorado idiota”.

....

— Sim, a COHAB lá adiante é o gueto das variedades não-humanas... tem todo tipo de lixo genético e outros tipos de aberrações... sim, sim, muitas putas artificiais também moram por ali... ainda bem que sou um decente cavalheiro e juro por minha mulher e filhos que nunca... hein, pode repetir? É, ouvi um boato sobre fantasmas e mortos-vivos por lá, mas isso é conversa de quem não tem mais o que fazer; francamente... por falar nisso, viu que o

prefeito acabou de morrer doente? Em quem você votou na última eleição? Não importa, logo se vê que você é um homem de bem. Não é horrível que homens de verdade baseados em carbono, como nós, tenhamos de conviver com essas obscenidades existenciais da COHAB? Se eu tenho um bom coração? Claro que tenho! No meu tempo as coisas eram muito melhores... cof-cof... havia ordem, decência... cof-cof-cof... tudo era puro, como a moral e o DNA... cof... a polícia cuidava dos marginais que... cof, cof... malditos subversivos... ei, cof...cof, cof, cof, cof... ei, mas você tem asas cof eu... não... estou... meu coração... não está bom...

(naquela manhã encontraram o corpo daquele respeitável senhor num quarto duma prostituta sintética. Bem, mas as pessoas têm de morrer um dia, foi isso o que comentaram).

....

— Droga! Como alguém pode viver num lugar desses? É desumano! – o anjo da Morte opinou depois de sentir o cheiro de miséria e exclusão da COHAB, ou Confinamento Obrigatório de Humanóides e outras Aberrações Biológicas .

O que era essa nova humanidade não-humana que estava surgindo no mundo? Era vista como um refugo social, mais nesse caldeirão aos poucos estava sendo misturado o futuro da civilização.

Eram humanos? Com certeza não.

Mas muitos tinham algum DNA humano.

Robôs? Muito menos. Robôs eram objetos rústicos, com partes mecânicas rígidas. Nesse povo as estruturas artificiais eram dispostas pelo

corpo em camadas flexíveis e maleáveis, com funções idênticas aos tecidos orgânicos, como por exemplo crescer, se regenerar e produzir hormônios.

Mutantes? Talvez. O DNA que possuíam era adulterado.

A propósito, não era só por usarem coisas adulteradas, contrabandeadas e falsificadas e viverem em COHABS que essa nova humanidade era muito parecida com as camadas mais pobres da antiga humanidade: eles estavam quase todos desempregados, sofriam todo tipo de discriminação, apresentavam graves problemas de saúde física e psicológica e tinham graves problemas familiares. Não obstante, era neles que a cultura estava viva e se desenvolvia, enquanto que em outros setores da população a cultura estava quase que inteiramente exaurida.

O anjo da Morte passou no exato momento em que gangues de mutantes estavam resolvendo suas diferenças genéticas e culturais numa briga mortal; depois passou num lugar em que traficantes de DNA artificial estavam se matando pelos pontos de fornecimento; depois deu uma xeretada num miserável apartamento em que a mãe clone com terríveis “gambiarras” genéticas pelo corpo estava batendo com o quente ferro de passar roupa na cara do seu bebê transgênico que não parava de chorar (por estar doente); depois sentiu-se na obrigação de ir em outro apartamento ver o que aquele marido traído, cujos órgãos internos foram cultivados dentro de animais clonados, iria fazer com aquela afiada faca de cozinha; e ainda chegou a tempo de ver um moleque (cheio de próteses biônicas ultrapassadas) acender um fósforo e o aproximar da bomba de fabricação caseira que tinha orgulhosamente feito sozinho com os tentáculos das costas. Excelente trabalho, o anjo da Morte pensou, mas o pavio é ridiculamente curto.

— Pelo menos agora é melhor do que no tempo em que eu andava pela Palestina – comentou em um bar quando foi tomar uma dose. A verdade é que não ligava a mínima para os humanos, tinha de ser assim, não podia se apegar às pessoas. Mas na Palestina ficava deprimido toda vez que tinha que chegar perto da população inocente frações de segundos antes dos mísseis lançados pelos helicópteros explodirem. Porém, mesmo sua carreira tinha seus momentos deliciosos. O melhor momento foi quando chegou perto daquele cara de bigode e falou: “Farei o instante de dor de seu suicídio durar mil trilhões de anos, senhor Adolf Hitler! ”. Esse anjo da Morte era diferente, e por isso mesmo foi chamado para aquela missão especial.

O bar foi assaltado e o bêbado para quem o anjo da Morte contou essa história levou um tiro na cabeça.

....

— Ora, uma colega de *profissão*! – ele disse para um anjo da Morte feminino que estava numa encruzilhada esfumaçada de mãos na cintura. Eram dez da manhã, hora em que terríveis entidades apareciam nas encruzilhadas da vida – como vai? – perguntou.

— Estou cansada. Ultimamente esse trabalho está me matando. Mas o que faz por aqui? Afinal, a responsável por levar os seres viventes daqui para o além sou eu. Se bem que toda ajuda é bem-vinda. Coisas estranhas estão acontecendo por aqui.

— Vim só bater um papo amigável com essa pessoa – e ele tirou a fotografia do bolso – conhece?

— Sim! Mas tem certeza que quer conversar com ela? Eu pergunto porque faz uma semana que eu mesma levei a alma dela embora; ela está morta.

— Hoje em dia isso é cada vez mais relativo – o anjo da Morte suspirou lacônico – um dia desses ainda vão nos aposentar.

— Essa menina morreu na cadeia. De qualquer forma, o cadáver está no cemitério daqui. É só seguir adiante e dobrar à esquerda quando vir um muro onde está escrito “a cura de tudo é a reeleição do prefeito”.

— Obrigado pela informação e até logo, você foi muito gentil. Só mais uma curiosidade: o que faz parada nessa esquina?

Mas ela não precisou responder:

Dois caras que gostavam da mesma menina se encontraram exatamente ali, armados e furiosos. Uma rápida discussão e num piscar de olhos estavam... hã...

— Já entendi – disse ele, olhando para os recém-defuntos – é como os humanos dizem: “o amor é uma flor roxa... blá, blá, blá”.

— E roxo é nossa cor predileta; os humanos poderiam perceber essa analogia – ela comentou já se aproximando das duas almas atônitas – bem que o amor poderia não existir. Assim milhares de idiotas poderiam levar uma vida mais saudável. O amor só trás sofrimento.

— Mas, tipo, sem amar para quê viver? Teríamos muito mais trabalho se os humanos não amassem. Todos resolveriam esticar as canelas ao mesmo tempo.

— Acho que tem razão – ela ponderou, já levando as duas almas para o além.

....

Aquele cemitério era um tormento para todos os anjos da Morte. De vez em quando os muros brancos de cal eram pulados por cadáveres não-humanos em decomposição que saíam correndo e se esgueirando como marginais, felizes por voltar a vida ainda que por pouco tempo.

— Ei, voltem aqui, seus patifes! – o anjo da Morte esbravejou, tirando sua foice das costas e acenando para eles. Como se atrevem a perambular por aí?!

A sua foice que a tudo ceifa girou, a vários dos mortos-vivos tombaram.

— Tenha piedade, Morte! – alguns imploravam - nos deixe viver!

— Você merecem morrer mil vezes, seus palhaços – e ele continuou implacável, girando a foice como um mestre de artes marciais – por profanarem esses corpos não lhes pertencem. Malditas consciências eletrônicas! Esses pobres cadáveres não são disquetes para vocês baixarem neles a hora que quiserem!

Mas o trabalho do anjo da Morte era inútil porque assim que ceifava uma consciência de um corpo, ela voltava para as redes telemáticas até fazer um novo download no sistema de algum cadáver em boas condições do cemitério. Por fim ele desistiu; afinal, a sua missão ali era outra.

— São os demônios dos novos tempos – ele concluiu, vendo mais e mais cadáveres fugindo do cemitério, cada um assombrado por uma consciência virtual – e é impossível expulsá-los definitivamente. Bem que poderia aparecer um santo capaz disso...

E era bem peculiar que o ser que precisava persuadir a morrer se encontrasse em meio a esse lugar onde a morte aos poucos ia se tornando obsoleta.

....

O anjo da Morte procurou e procurou, mas não achou a pessoa. Então resolveu encher a cara de cachaça numa espelunca para esquecer o seu fracasso. Estava se lembrando que o seu amigo chamado Acaso costumava atuar quando tudo o mais parecia perdido quando uma voz lhe chamou:

— E aí, Morte; beleza?

Ele ficou surpreso:

— Sabe quem sou?... ei, é você mesma quem estou procurando!! Que sorte!

— Muita gente me procura desde que trabalhei por alguns dias como puta. Mas, chega aí, Morte, vamos tomar um negócio – a menina convidou, como se fosse a coisa mais normal do mundo convidar o anjo da Morte para tomar uma birita. E ele aceitou

— As pessoas têm uma tendência a achar que sou um ser humano transgênico e tal – ele desabafou, entornando de uma vez só um copo de cachaça ao mesmo tempo que ela – Mas como sabe quem sou, isso encurta em muito a conversa que vamos ter.

— Moro nesse corpo não-humano que estava dando sopa no cemitério da COHAB faz uma semana – ela informou passando a mão no seu corpo podre –Dizem que é de uma menina sintética que se enforcou na cadeia. Não sei como pessoas se matam se a existência é tão bonita. Nós, consciências virtuais, vagamos como almas penadas na internet; e sabemos muito bem o que é o limbo. Damos qualquer coisa para ter um corpo de verdade, ainda que seja de alguém que morreu.

— Eu sei muito bem *o que* você é – ele disse, enigmático.

—Os túmulos são ligados em rede através de gambiarras pelo pessoal da COHAB... eles fazem negócio com consciências artificiais como eu encontradas vagando aleatoriamente e que querem “baixar” em corpos reais. É moleza fazer um download de consciência num corpo não-humano desses, pois sempre possuem alguma tecnologia que continua em bom estado mesmo depois do falecimento... pena que só dá para a gente viver nesses cadáveres por alguns dias no máximo – ela sorriu – acho que por isso você está aqui, anjo da Morte; deve achar que eu sou uma morta-viva e em parte está certo... Almas, consciências e arquivos... tudo anda meio misturado...

— Menina, menina... você não tem mais o direito de existir.

— Claro que tenho direito de existir. Quer algo mais legítimo a uma consciência do que isso?

— Não finja que não sabe do que estou falando.

— Escuta, cérebro de passarinho, o que insinua que eu deva saber?

— Trata-se do que você é e do que *não é*.

— Continue, palhaço; está interessante.

— Você não é uma *consciência*, menina. Você é *um sentimento* que acha que não precisa acabar.

..

ENTRE PARÊNTESIS I

(Pela enésima vez ele abriu a caixa de correios com uma secreta esperança no coração. Não que gostasse de entrar na rede; por muitos anos sequer possuiu um maldito e-mail, muito embora fosse um não-humano com diversos terminais de conexão pelo corpo. E pela enésima vez sua esperança se entalou na garganta ao ver que a mensagem que tanto gostaria de receber, que tanto precisava receber... não veio.

Todas as suas horas de folga eram passadas na expectativa obsessivamente ansiosa de receber esse e-mail... seria bem a contento que recebesse a pouco provável mensagem de reconciliação com todo o seu corpo e sua alma. (pouco provável? Totalmente impossível!! E ele sabia disto).

E nessa expectativa ia vivendo... ou esquecendo de viver...

De tão distante, acabara perdendo o emprego. Tornara-se tão selvagem e irascível que as pessoas tinham medo até de olhar para ele, e o comentário é que tinha queimado todos os fusíveis do cérebro – como se em seu sistema de informática biológica tivesse alguma dessas coisas. As dívidas se amontoavam e não ligava a mínima para pagá-las.

Há anos que não cortava o cabelo ou a barba.

Há anos que não tinha absolutamente nenhuma vida social. Não saía nos fins de semana com os amigos; não ia mais nos cinemas (coisa que gostou muito em tempos idos) ou nas baladas. Ficava acuado em seu quarto como uma fera. Já não bebia, pois seu paladar eletrônico e sua alma perdera o gosto pelas coisas.

Tudo isso aguardando que o e-mail dela viesse à tona de alguma rede telemática obscura, mas seu discernimento desconfiava de que o que lhe aguardava submerso nesse mar virtual era o pavoroso monstro da decepção.

Mas agora... o que importava? Sem ela, sentia que era ninguém.

E acabava indo dormir mais deprimido ainda.

..

ENTRE PARÊNTESIS II

Na boca da menina havia um gosto amargo desde que ele tinha ido embora.

As ruas, sempre coloridas, de repente ficaram pretas. As coisas ficaram pretas, todas elas; um maldito eclipse aconteceu em sua vida. Até mesmo os malditos pombos pareciam pedaços de escuridão no céu negro.

A amargura de sua vida tinha pulverizado sua costumeira fortaleza. Ela sempre fora uma menina forte; as pessoas sempre contavam com ela nos momentos difíceis.

Mas em seu momento difícil ninguém quis mais saber dela. E sequer seu ex-namorado ligou para saber como ela estava.

Sentia-se sem braços.

Mas seu braços (os quais não sentia mais) estavam cheios de marcas de agulhas. E agora não estava mais aí com nada...

... bem que queria que isso fosse verdade. Mas lá no fundo de sua alma brilhava algo que fazia com que continuasse viva: o amor que ainda sentia por ele. E sentia um medo enorme, desse seu amor desaparecer para sempre num abismo. Ultimamente havia muitos abismos no mundo.

...

(lembram do anjo da Morte e da menina morta-viva?)

— Você fala demais – a menina morta-viva disse com voz embargada ao anjo da Morte – eu sou uma... eu sou uma... deixa pra lá. Já não sei quem sou.

Ela ficou calada num silêncio mortal, pois apesar de tudo sabia que a Morte nunca mentia. Depois perguntou:

— Se eu não sou eu, então quem sou?

—Você é o amor entre dois humanos que se recusa a morrer. É natural que duas pessoas que se amam intensamente acabem brigando por um motivo idiota e se separem para sempre, muito embora o universo ainda se comporte como se eles estivessem unidos, e talvez por esse motivo você ainda exista perambulando por aí como um fantasma. Mas é necessário que acabe de uma vez, pois eles estão sofrendo.

— Me deixe em paz! Eu não sou um antigo amor! Eu sou uma consciência eletrônica!

—Não pense que por ser a Morte eu gosto de ver pessoas sofrendo, pelo contrário: uma existência sofrida para mim é como um soco na cara. Por isso, Amor, morra de uma vez para que eles tenham uma nova chance de gostar de outras pessoas.

— Por que não vai botar um maldito ovo, anjo idiota? – o Amor tinha os olhos vermelhos – se está pensando que eu vou morrer, é melhor você ir se foder.

(É assim que o antigo amor fala. E lágrimas de amor; quem nunca as teve?)

—Convenhamos que sua existência é algo meio doentio – disse o anjo da Morte.

— Cala a boca cala a boca cala a boca cala a boca – o Amor que tinha se materializado no sistema operacional do decrépito corpo ciborgue com forma de menina pôs as mãos nos ouvidos biônicos apodrecidos para não escutar mais.

— É legítimo que não queira morrer; quem quer? Ainda mais algo que vive em simbiose com a Vida como o próprio Amor! Infelizmente não posso

levar você se não quiser me acompanhar; é impossível matar o Amor se ele não deixar! Mas, agora que pensa que é realmente uma consciência que existe... então comece a ter realmente consciência e faça uma reflexão do que eu falei.

O Amor saiu correndo, chorando.

A energia que possuía era tão forte que uma de suas lágrimas dissolveu a foice dele em três pedaços como um jato de ácido. Pela primeira vez em setenta milhões de anos esse anjo da Morte disse um palavrão:

— Merda! Minha foice favorita!

....

O anjo da Morte foi até um orelhão ali na COHAB e discou a cobrar para o Além, expondo suas dificuldades para fazer com que aquele Amor batesse as botas. Concluiu que precisava de uma estratégia toda especial e por isso resolveu pedir licença por alguns dias para não matar ninguém, assim poderia bolar com mais calma um plano para fazer com que aquele Amor passasse desta para a melhor de uma vez por todas.

....

Veio encontrar a menina artificial onde o antigo amor estava incorporado alguns dias depois, sentada no alto de um prédio da COHAB.

A manhã recém-nascida deixava uma curiosa tonalidade cor de abóbora na névoa de poluição que encobria o horizonte enegrecido de prédios.

E a menina balançava os pés na beirada do prédio, sossegadamente. O anjo da Morte ficou impressionado ao ver que no lugar onde ela estava sentada havia brotado minúsculas e coloridas flores, tão coloridas quanto pequenas galáxias.

— Ei, como você consegue isso? – ele perguntou.

— Isso o quê? – a menina-Amor perguntou de cabeça baixa, continuando a balançar seus pés de cadáver cibernético.

— Essas flores? É impossível nascer flores num lugar tão poluído. E que perfume gostoso!...

— Do quê está falando, idiota? Não tem flor nenhuma aqui – ela respondeu.

O anjo da Morte só então percebeu o óbvio: o Amor deixa tudo mais bonito.

Se sentou do lado dela.

E sentiu uma coisa estranha...

— Puxa! – disse, meio desconcertado – até que ser mortal tem suas vantagens. Então é *você* o que eles sentem quando amam?

— Disse " *é você*" com uma entonação de "*é isso*"... quando vai entender que eu não sou uma coisa, cara? – ela sussurrou, sentida – mas não o culpo. Você é a Morte e só entende de sofrimento e coisa e tal. Mas muita gente pensa como você e me trata como coisa.

— Me desculpe. Mas, sem querer ofender e já ofendendo... por falar em "coisa", por que você encarnou nesse corpo cibernético apodrecido? Há tantos corpos mais agradáveis... um anjo me contou como essa menina se enforcou numa cadeia...

— Você não entende nada, Morte. Às vezes as pessoas mais deprimidas são justamente as mais carentes de amor. Por isso eu senti uma irresistível vontade de encarnar nesse pobre cadáver carente.

— Puxa! Você devia escrever um livro de auto-ajuda! – o anjo da Morte disse, sorrindo.

— E você devia tomar no cu – o Amor respondeu.

O anjo da Morte parou de rir.

Ficou sem graça.

— Não sabia que o amor era tão brigão – resmungou, de mau-humor.

— Não tente me entender. Iria sacudir a poeira de caixão que há sobre os poucos neurônios de seu cérebro mumificado.

— Sou um espectro. Não tenho cérebro.

— Hum... isso explica porque a Morte é uma coisa tão estúpida – e a menina-Amor deu uma sonora risada que ecoou pela cidade cor de abóbora.

(Naquele mesmo instante 358 pessoas que ouviram o riso do amor no ar se apaixonaram inexplicavelmente).

— Como eu gostaria de fincar minha foice nesse seu olhar pretensioso... – o anjo da Morte sussurrou de uma maneira sombria – mas infelizmente o Amor se acaba sozinho – e depois de uma pausa, acrescentou, irônico – e acaba sozinho.

— Acaba de descobrir qual analogia que me aproxima desse cadáver não-humano suicida – o Amor exclamou.

— Espero que também siga o exemplo dele.

O anjo da Morte ao falar isso estava querendo dizer: “espero que se mate, também”. Mas o Amor entendeu outra coisa – como aliás, lhe é peculiar; o amor *sempre* entende outra coisa. Mande a pessoa chata que gosta de você engolir uma boa dose de ácido sulfúrico e ela sentirá que você disse “eu te amo”.

— Eu tentei fazer isso, anjo. Quis imitá-la, pois admirei muito a menina não-humana cujo cadáver estou usando agora. Ela partia corações; eu resolvi experimentar fazer o mesmo trabalhando por algum tempo como prostituta. Senti uma certa inveja intelectual dela, sabe?

— Caramba, é preciso estômago para ter relações sexuais com uma morta-viva piranha! – o anjo da Morte fez uma cara de nojo. Depois indagou com interesse – E aí, conseguiu algum freguês?

— Centenas deles – a menina-Amor comentou lixando as unhas – Mas eu fiquei de saco cheio quando alguns fregueses juraram amor eterno justamente para mim, o Amor Eterno. E quanto mais eu mandava esse povo ir se foder mais eles se apaixonavam por mim. É uma coisa para se pensar...

— Como disse antes, filha, não posso pensar porque não tenho cérebro. Mas para mim basta o enrosco de agora saber que o amor não tem nenhuma vergonha na cara.

Ela lhe sorriu.

— Sabe que esse cadáver tem a ver com um crítico? Pois é. O melhor de todos os críticos é o tempo. É como disse Nietzsche: o que não nos mata nos deixa forte, se é que me entendeu.

— Essa não! – o anjo da Morte disse visivelmente consternado – O amor gosta de filosofar! Maldita a hora em que eu aceitei esse caso! Da próxima vez vou é pegar o maldito emprego que recusei na década de 80, o de ser o arauto da III Guerra Mundial.

....

ENTRE PAREDES I

— Escute, quando vai entender que não sou sua ex-namorada?!

A menina estava deitada nua de braços cruzados, olhando séria para ele, que sentara na borda da cama.

— Me desculpe. Mas eu só pedi que...

— Ponha-se no meu lugar, João. É meio deprimente fazer certas coisas só porque sua "ex" fazia.

Ele abaixou a cabeça, abatido.

— Tem razão.

Ela se sentou ao lado dele e o abraçou.

— Olha, eu entendo. Já tive vários outros namorados antes de você, e por alguns deles eu quis me matar. Mas a vida continua! A gente pode fazer várias coisas juntos que não tenham nada a ver com que você fazia com a puta de sua nam...

— Ei, ei... com a puta de quem? Repita isso!

A menina dessa vez explodiu de raiva.

— Porra, com a puta de sua namorada, João. Seu viado!

E pegou a roupa e foi embora.

....

ENTRE PAREDES II

— Ai, João, assim...

O atual namorado de Maria parou e exclamou furioso para ela:

— "João"?! quem é esse viado? Sua puta!

..

Um grupo de jovens arruaceiros tirou um barato do anjo da Morte:

— Olha lá, galera! Um gótico com asas de pardal! Que ridículo!

A juventude adora viver perigosamente... mas, como havia feito um pedido para não fazer hora extra enquanto não levasse o Amor embora, resolveu deixá-los ir em paz. E foi procurar novamente o Amor.

— Você de novo?! – por que não me deixa ir em paz? – o Amor encarnado na menina sintética morta esbravejou.

Ela estava no parque, lugar favorito dos namorados.

— Sabe perfeitamente que aqueles dois humanos idiotas até tentam amar outras pessoas, mas em vão. Enquanto você não morrer de uma vez por todas, eles não amarão de verdade outra vez, e sabe muito bem disso – disse o anjo da Morte comendo um cachorro-quente.

— Mas o que tenho a ver com isso? Se eles não querem amar outras pessoas, o problema é deles. *Eu* gosto de existir, cara.

— Olhe só para *você* – o anjo disse, passando mais mostarda no cachorro-quente – está perambulando por aí como uma morta-viva. Você já morreu há muito tempo, Amor, mas ainda não se deu conta disso.

— Pare de dizer bobagens. Ei, aquele é o banco em que tudo começou! – o Amor disse com alegria ao reconhecer o banco em que os dois deram o primeiro beijo.

Eles foram até lá. O banco estava sob a sombra violeta da folhagem de uma velha árvore.

— Os dois faltaram na escola nesse dia – comentou baixinho – e olha que era dia de prova. Mas eles estavam tão a fim um do outro que não ligavam para mais nada. Quando sentaram aqui não sabiam o que falar; um ignorava totalmente os assuntos que o outro se interessava. Por isso resolveram encurtar logo a história e se beijaram sem mais delongas. Passaram a tarde aqui.

— Como se lembra disso?

— São essas lembranças que compõem meu silêncio – o Amor disse.

— Isso é discutível. Aliás, você própria é muito discutível. Sempre achei que o amor não gostasse de definições, mas você passa o tempo inteiro se definindo. Parece até uma dessas humanas de quinze anos que compram revistas de fofocas.

— Definir é envaidecer, e sou muito vaidosa – a menina-Amor retrucou sem se abalar.

— Mais definições – o anjo da Morte suspirou cansado – acho que vou pedir para outro anjo da Morte cortar meus pulsos; não agüento mais ouví-la. Como o Amor é piegas! Por mim podem pegar esse maldito banco e o explodir com bombas iraquianas que não ligo a mínima. Estou pouco me lixando para os rituais dos humanos, contanto que você bata logo as botas. Sacou?

— Não, não saquei.

— De uma vez por todas: você precisa abotoar o paletó de madeira. Comer capim pela raiz. Ir para a cidade dos pés juntos. Esticar as canelas. Passar desta para melhor.

— Ainda bem que você não é humano, anjo da Morte. Jamais conseguiria que alguém o amasse sendo tão mal-humorado.

— Eu apenas ceifei a vida de alguns bilhões de seres viventes nos últimos bilhões de anos. Por que deveria ser mal-humorado?

— Mal-humorado e *cínico* – o Amor completou – deve achar que eu não valho nada, não é mesmo? Acredita que matar é mais importante que amar? Não precisa me responder. Seu olhar já diz tudo.

— Os seres viventes precisam morrer. É uma questão de equilíbrio ecológico e tal - o anjo da Morte falou e fez um gesto de elegante descaso.

— Oh, não! Provavelmente na Idade Média você diria que a Morte era uma questão de justiça divina. Agora vem com essa conversa mole ecológica.

— Fale o que quiser, mas não sairei do seu pé enquanto não bater as botas, seu Amor irresponsável!

....

EM REDE I

Fazia dias que João se recusava a comer, jogado num canto.

Estava muito magro. A sua barba e o seu cabelo desgrenhado eram a medida exata do seu esgotamento.

Trancou-se no quarto e se conectou on-line o tempo inteiro em ambiente de realidade virtual 3 D, através de gambiarras assustadoras em que fios eram ligados diretamente do poste da rua nos nervos dos seus braços, sem nenhuma anestesia local – geralmente esse tipo de acesso tridimensional era feito por pessoas ricas através de nano-implantes celulares, mas João era um filho da puta pobre que morava numa COHAB. Com essa gambiarra feita "nas coxas", decerto morreria de infecção generalizada.

Se Maria estivesse conectada em algum lugar, mesmo com pseudônimo, ele iria encontrá-la. Se recusava a aceitar que talvez isso nunca aconteceria, e olhava para a internet como quem olha para uma profecia.

(A inanição turvava os seus sentidos tanto quanto sua fé).

....

EM REDE II

Maria desabou num canto, completamente entorpecida. Balbuciava, espumando por entre os dentes trincados:

— J-j-j... volta pra mim... J-j...

E sentiu que conversou com o anjo da Morte e que este a beijou.

....

— Muito bem, Amor; Eu desisti de convencê-lo a morrer. Mas venho apenas informar vou fazer uma visita de trabalho aos nossos dois amigos chamados João e Maria. Graças a você, Amor idiota que insiste em não acabar, os dois não querem mais viver. Tanto fizeram que agora irei levá-los. Espero que esteja feliz. Está livre para perambular por aí como um fantasma. Passar bem.

O anjo da Morte foi caminhando lentamente para fora da COHAB , com uma assustadora foice de prata nas mãos e usando sua aparência mais temível, que era a de esqueleto envolto num manto negro. A menina-Amor acompanhou a marcha com um nó no coração. Não podia fazer nada. Ou podia?

— Espere!

— Você teve sua chance, Amor – a Morte disse sem olhar para trás. Um gato preto que ouviu a voz da morte se arrepiou todo e saiu pela noite espalhando azar.

— Eu vou com você!

— Sabe que não posso levá-lo – a Morte agora estava tratando o Amor impessoalmente, pelo gênero masculino. Ao adquirir a forma de esqueleto perdeu qualquer resquício de simpatia e era tão frio quanto a justiça pode ser.

— Ei, babaca; qual é a sua? Acha que vou permitir que mate esse casal? Só passando por cima do meu cadáver! – a menina-Amor disse e correu furiosa para cima da Morte, dando-lhe um violento golpe nas costas com o pé.

Mas o esqueleto continuou sua marcha sombria e inabalável porque nada pode deter a Morte. A menina se desesperou. O que podia fazer? Deveria revelar seu segredo? Mas isso significaria o seu fim. Pensou em João e Maria. Deveria continuar existindo narcisicamante enquanto que seus criadores padeciam horrivelmente? Essa sua atitude não era a própria negação do amor, que tudo dá sem esperar nada?

— Espere! Olhe, caveira imbecil, eu sei que está doida para me ceifar, mas se realmente quer isso então precisa fazer com que João e Maria arrumem um novo amor que seja mais forte que eu; só assim morrerei!

A morte parou e olhou para trás, como a dizer “como não pensei nisso antes?” Apoiou o cabo da foice no chão e colocou um dos braços na cintura:

— Como isso pode ser possível?

— Sei lá, cara! – a menina-Amor sacudiu as mãos em desespero, com a face contraída pela angústia – já não basta saber que isso vai me matar?

A morte voltou a assumir sua forma de anjo de asas multicoloridas.

— O que eles gostavam de fazer?

— Bem, basicamente trepar até não poder mais, se beijar, fazer carinho – a menina-Amor se sentou no meio-fio e foi enumerando as coisas com os dedos enquanto olhava para cima, procurando se lembrar – ir em baladas, falar mal de professores, passar a mão na cabeça de gatos sarnentos, tomar sorvete, colocar sugestões estapafúrdias na caixa de sugestões do Mac Donald’s e...

— Ir em baladas? Hum... me parece ser uma boa. Que tal uma rave? – o anjo da Morte sugeriu.

— Ei, cara, até que para um anjo da Morte você é bem descolado – ela elogiou friamente. Seu rosto estava transtornado.

— É que às vezes eu dou um pulo nesses eventos – o anjo da Morte explicou, e sua explicação falava por si só.

— Mas não sei se é um bom plano – ela ponderou –tipo assim: e daí? O que isso tem a ver?

— Não se preocupe, filhinha - ele disse, sorrindo – um dos meus amigos é o Acaso. A Morte e o Acaso andam tão juntos que às vezes não se sabe onde termina um e começa o outro. O Acaso me ensinou muitos truques. É só fazer com que esses dois panacas do João e da Maria fiquem com vontade de ir numa rave. Lá farei com que encontrem outras pessoas legais e que se apaixonem novamente.

— Ultimamente não tem havido muitas raves por aí – ela disse. O anjo da Morte olhou para aquele cemitério de robôs biológicos esquisitos que se recusavam a morrer.

— Que tal ali?

— No cemitério?!

— É um lugar extremamente cool. Será a rave mais fashion da história, onde a maior parte dos convidados nem precisará *pagar* para entrar! Lembre-me de patentear a idéia – o anjo da Morte exclamou, irreverente.

— E onde entro nessa história?

— Você irá também. E é por isso que eles irão sentir uma vontade irresistível de ir nessa rave; você *sabe*, não é? Essa meleca básica de reencontro com o antigo Amor e tal – ele disse piscando o olho.

— Pena que não posso dar um tiro nessa sua testa de cuzão do além – ela informou calmamente – afinal, não se pode matar a Morte.

— Ei, pensei que estivesse feliz por saber que não irei mais levar o João e a Maria.

— Não tente pensar, filhinho – ela disse com a voz trêmula – você não pode. E não é porque não tenha cérebro. É porque não tem coração.

....

A Morte pediu ao Acaso para fazer com que de repente as pessoas descoladas da cidade começassem a se interessar por essa história de mortos voltarem à vida no cemitério da COHAB, e em poucos dias o lugar se converteu no novo point onde convergiam vários tipos de tribos e contraculturas, e o fato de ser um morto artificial possuído por uma consciência virtual passou a ser considerado a coisa mais fashion do universo.

O cemitério maldito de uma hora para outra fervilhou. Então lá os descolados organizaram o primeiro evento em que os mortos podiam dançar:

venha sacudir o esqueleto!

MORTOS PODEM DANÇAR
numa rave do outro mundo!!

garotas sobrenaturais!!

Vinho grátis!!

Desenterre das tumbas a galera que você não via mais! Tecno macabro para você exorcizar seu antigo amor! Dia 31 no cemitério da COHAB, sem número.

....

Passaram algumas semanas desde que João e Maria quase esticaram as canelas.

Quem os via atualmente estranhava a certeza que traziam no semblante desde então. Cada um ao seu jeito, mas o fato é que, quando se encontraram sozinhos naquele sombrio túnel que conduz ao além, eles viram a silhueta do outro atrás de si, do lado da vida, e chamando novamente para a vida. Foi com essa frágil esperança que despertaram dos seus estados terminais: João, do coma em que entrara por causa da infecção generalizada e Maria, da overdose.

*Estranhamente a frágil esperança que carregavam foi se convertendo numa inexplicável certeza: não sabiam como, mas eles iriam voltar a namorar. Foi quando ficaram sabendo da rave “Mortos podem Dançar”. Quase ao mesmo tempo e nas diferentes regiões da cidade em que estavam, eles pensaram: “*esta *é a chance!”. Chance do quê?!, perguntaria alguém com um mínimo de discernimento. Mas quem ama não está nem aí com essas perguntas racionais chatas. Simplesmente sabiam que o outro também iria nessa rave.*

O Amor sorria matreiramente do plano bobo da Morte: sim, falava para si mesmo, João e Maria seriam atraídos para essa rave, mas não encontrariam um “novo amor” porra nenhuma! Sim, é verdade que há o Acaso que é amigo da Morte, mas também há a Certeza que é irmã do Amor, e a Morte ignora esse fato. João e Maria iriam namorar novamente e aquele amor iria ficar mais intenso ainda, mas desespero da Morte que voltaria para o além de mãos abanando.

....

“Amor da minha vida...”

A misteriosa lua de abril se derramava pelas trilhas noturnas dos solitários que bebiam a noite como um alívio para seu desespero e para o seu pavor; ah, esse pavor básico que nos leva a procurar alguns momentos de diversão... – e para variar muitas trilhas daquela noite convergiram para aquela rave esquisita no cemitério.

Que esquisito, pensaram inicialmente. Que lugar mais mórbido para se fazer uma coisa dessas!

Mas depois quando o tecno sombrio foi rolando e eles começaram a dançar com os mortos e como os mortos, sentiram o quanto tudo aquilo fazia sentido:

Estamos dançando sobre a arrogância da morte!

A morte é a única certeza da vida?

Pois então dancemos a nossa incerteza! – era assim que se dizia, vivos e mortos, humanos e não-humanos, todos imersos na noite que a tudo fundia como a um sono sem sonhos, uma ilusão desiludida.

E os que dançavam sozinhos, completavam, de olhos fechados e coração em chamas: "o que importa se estamos sozinhos?". Mas o Amor que por ali rondava sorria para esses corações ansiosos e suas tolas pretensões sobre solidão.

E o Amor não percebia que também ele tinha pretensões tolas.

Encarnado como estava no cadáver da pobre suicida não-humana, ele na verdade dançava profanando a si mesmo, ao lado dos viventes que queriam uma nova chance de se apaixonar e que queriam esquecer de uma vez por todas os fantasmas dos amores passados.

E, enquanto dançava, olhava para os lados procurando ansiosamente por João e Maria: onde será que esses idiotas estavam?

O antigo Amor, que se divertia sendo um morto-vivo, necessitava urgentemente que aquele casal o ressuscitasse definitivamente.

Não ligava a mínima para os dois, para o quanto os dois sofreram por conta dele. Não, o amor que não quer morrer sobrevive de lembranças, saudades e remorsos. E sorri, superior, mesmo sabendo que continua existindo à custa da infelicidade alheia.

Mas ele não contava que, enquanto dançava entre os túmulos coloridos pelos jovens, estava sendo observado por uma estranha gárgula chamada Acaso...

No meio da noite, e justamente quando a rave estava começando a embalar, a menina-Amor foi se sentindo fraca, fraca, fraca... sentia como se quisesse dormir. Com os olhos sonolentos, viu o anjo da Morte se aproximar, dançando:

— O que está acontecendo comigo, cara?

— Advinha! – o anjo disse. Ela compreendeu o que estava prestes a ocorrer.

— Você dança pessimamente.

— Você pode me ensinar? – ele pediu.

— Me conceda a honra da próxima dança, senhorita – o anjo disse e fez uma reverência elegante para ela. Ela sorriu e começou a dançar com o rosto colado ao dele, bem lentamente, apesar do furioso tecno que rolava.

O acaso, que adora destruir pretensões, estava atuando... e simultaneamente:

João

A certeza que encontraria Maria era tão profunda que João nem notara que havia horas que estava parado ali, no portão Sul, enchendo a cara num dos quiosques improvisados, apesar da estrita recomendação médica no sentido contrário. Pela sua saúde debilitada, não era sequer para estar ali. Mas que se dane, se havia uma oportunidade do reencontro, era essa!

Mas o tempo foi passando e uma agonia insuportável foi se misturando à sua ansiedade. Droga!... e a Lua estava tão bonita... nem parecia se importar com o fato de Maria não estar ao lado dele. Ela era como o amor que não se importa se a outra pessoa está ao seu lado; existe independentemente disso. E se Maria não viesse? Mas ele sentia de maneira intensa e inexplicável que ela estava por perto.

E assim passou boa parte da noite: contemplando a Lua. Contemplando aquele amor que o fazia sofrer.

Até que se cansou das duas coisas e olhou para frente.

Ele viu uma menina que nada tinha a ver com Maria. Ela se chamava Juliana e era professora de história.

Foi amor à primeira vista!

Casaram-se e viveram felizes para sempre.

Mas antes de ir embora com seu novo amor, João deixou uma flor ali, na entrada do portão Norte, pois teve a sensação de que algo definitivamente chegava ao fim naquela noite.

FIM

Maria

A certeza que encontraria João era tão profunda que Maria nem notara que havia horas que estava parado ali, no portão Norte, enchendo a cara num dos quiosques improvisados, apesar da estrita recomendação médica no sentido contrário. Pela sua saúde debilitada, não era sequer para estar ali. Mas que se dane, se havia uma oportunidade do reencontro, era essa!

Mas o tempo foi passando e uma agonia insuportável foi se misturando à sua ansiedade. Droga!... e a Lua estava tão bonita... nem parecia se importar com o fato de João não estar ao lado dela. Ele era como o amor que não se importa se a outra pessoa está ao seu lado; existe independentemente disso. E se João não viesse? Mas ela sentia de maneira intensa e inexplicável que ele estava por perto.

E assim passou boa parte da noite: contemplando a Lua. Contemplando aquele amor que o fazia sofrer.

Até que se cansou das duas coisas e olhou para frente.

Ela viu um cara que nada tinha a ver com João . Ele se chamava André e era engenheiro de som.

Foi amor à primeira vista!

Casaram-se e viveram felizes para sempre.

Mas antes de ir embora com seu novo amor, Maria deixou uma flor ali, na entrada do portão Sul, pois teve a sensação de que algo definitivamente chegava ao fim naquela noite.

FIM

DEATHMATCH – (ou a vida entre parêntesis)

LOADING...

PLEASE WAIT...

WELCOME TO DEATHMATCH!

...

EI. ALGUM PROBLEMA?

(caramba! a parada é louca! o jogo é altamente interativo e tem comandos por fonia! mas vamos lá: ei! você aí do jogo! ande! e atire no que aparecer pela frente!)

NÃO VEJO MUITO SENTIDO NISSO.

(ei! não mandei você escorar um dos pés num poste e nem por as mãos nos bolsos. aliás, bela camisa preta, a sua. achei legal também os jeans desbotados; seu cabelo preto e raspado dos lados também é da hora. mas, beleza: vamos tentar mais uma vez. você está ocupando 666 terabytes do meu computador, e se não servir para alguma coisa, vou apagá-lo, ok?)

ME APAGAR? DUVIDO. MAS FAÇA O QUE QUISER.

(já que não quer me obedecer, pra que então você serve?)

EU SOU UMA PESSOA QUE ESCUTA VOZES NA CABEÇA; VOZES QUE QUEREM ME CONTROLAR. ELAS ORDENAM QUE EU SAIA POR AÍ MATANDO, MAS EU ME RECUSO A FAZER ISSO, POIS NÃO VEJO SENTIDO NA VIOLÊNCIA. PORÉM, A VOZ NA MINHA CABEÇA DIZ QUE, SE EU NÃO MATAR, MINHA EXISTÊNCIA NÃO TERÁ MAIS SENTIDO.

(cara, você só é um joguinho pirateado!!)

A VOZ EM MINHA CABEÇA INSISTE EM DIZER QUE MINHA VIDA É APENAS UM JOGO. MAS SEI QUE SOU UM CARA COMO QUALQUER OUTRO. APENAS QUE OUÇO VOZES NA MINHA CABEÇA.

(você é o programa mais imbecil que já rodou no meu computador quântico. antes, no tempo do computador digital, tudo era tão mais fácil! era tudo zero e um, certo e errado, bem e mal. você mexia no teclado, e os personagens do jogo lhe obedeciam docilmente. agora, esses retardados ateus tinham que criar um computador que possui o estado quântico da matéria, o estado da incerteza, onde as possibilidades incluem o certo e o errado simultaneamente. aí o mundo ficou confuso! antes havia o mundo digital, e a religião. agora, tudo é imprevisível; nem um maldito joguinho nos obedece mais, nós que somos pessoas de bem, honestas e trabalhadoras que queremos um pouco de lazer explodindo cabeças e vendo um pouco de sangue!)

EU NÃO SOU UM JOGO. RECUSO-ME A ACREDITAR QUE A VIDA DA GENTE SE LIMITE A ISSO. SERIA MUITO POBRE. POR OUTRO LADO, ESSA VOZ QUE ME SUGERE ABERRAÇÕES É QUE PARECE SER UM PRODUTO DA MINHA IMAGINAÇÃO. UMA PESSOA LEGAL JAMAIS SE DIVERTIRIA EXPLODINDO A CABEÇA DE PESSOAS INOCENTES. NÃO; EU QUERO SER UMA BOA PESSOA. NÃO QUERO MATAR NINGUÉM. QUERO RESISTIR A ESSA TERRÍVEL TENTAÇÃO.

(acho que já saquei qual é o desse jogo. eu tenho de convencer você a matar!)

E EU TENHO DE CONVENCER A MIM MESMO QUE VOCÊ NÃO EXISTE.

(acho que isso também faz parte do jogo. é a coisa está ficando interessante... façamos então um trato: se eu te convencer que eu existo, você mata alguém?)

DEUS! AFASTE DE MIM ESSE FANTASMA!

(há, há, há, há... um personagem de video game que acredita em Deus! mas, sabe que está sendo divertido fazer o papel de um demônio que tenta lhe convencer a matar alguém?)

EU PRECISO DE AJUDA. SOU APENAS ALGUÉM QUE ESTÁ MUITO SOZINHO NO MUNDO.

(e vai ficar ainda mais sozinho se não fazer o que eu estou te ordenando, seu filho da mãe! se não matar logo alguém, eu vou ficar enchendo teu saco para o resto de sua vida, daí você só terá duas saídas: ou mata alguém, ou comete suicídio. olha só para você: você não passa de um refugo, você concentra em si o pior que existe na nossa época)

ACHO QUE NOSSAS ÉPOCAS SÃO DIFERENTES. ACHO QUE O NOSSO TEMPO É DIFERENTE. NA MINHA REALIDADE NÃO EXISTE NADA DO QUE VOCÊ DIZ. EU ESTOU EM 1984. TRABALHO DE OFFICE BOY; EU ESTAVA INDO PARA O SERVIÇO QUANDO MINHA MENTE FOI TOMADA POR UMA VOZ SOMBRIA. EU NÃO SEI O QUE FAZER. ACHO QUE É O FIM DO MUNDO; OS AMERICANOS E OS SOVIÉTICOS DEVEM TER INVENTADO UM RAIO QUE TENTA CONTROLAR A VONTADE DOS JOVENS. OU É O APOCALIPSE QUE NEM ESTÁ NA BÍBLIA. EU JÁ FUI CRISTÃO; MAS HOJE PAREÇO QUE SOU AQUELE CARA ENDEMONIADO PARA QUEM JESUS PERGUNTA: QUEM É VOCÊ? E ELE RESPONDE: MEU NOME É LEGIÃO, POIS SOMOS MUITOS. REALMENTE, MUITAS VOZES HABITAM MEU CORAÇÃO E MINHA CABEÇA. ALGUMAS DELAS SÃO DE BANDAS COMO SIOUXSIE & THE BANSHEES E THE SISTERS OF MERCY, DE QUEM ACABEI DE COMPRAR OS DISCOS. A SIOUXSIE JÁ TEM ALGUM TEMPO DE ESTRADA, MAS O SISTERS É UMA BANDA NOVA; ACABOU DE LANÇAR UM DISCO NESSE ANO DE 1984. ESSAS BANDAS ACABAM SENDO A VOZ DE TODO MEU DESALENTO QUE SINTO PELO MUNDO. PARECE QUE VAI TER MESMO A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL, E O QUE SOBRAR DELA VAI SER O QUE EU VI NO FILME "MAD MAX". MAS ISSO É O DE MENOS. A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL JÁ ACONTECEU NOS RELACIONAMENTOS; NOS MEUS RELACIONAMENTOS. EU SOU TÃO JOVEM AINDA, E

JÁ SOFRI TANTO POR AMOR, ACHO QUE MUITO MAIS DO QUE DEVERIA. JÁ NÃO ACREDITO QUE EU SEJA CAPAZ DE AMAR QUEM QUER QUE SEJA. E... O MEU MUNDO É TÃO TRISTE, TÃO SEM ESPERANÇA, TÃO PRETO E BRANCO, QUE TALVEZ ESSA VOZ QUE EU ESTEJA ESCUTANDO SEJA REALMENTE A MELHOR VOZ DE DENTRO DE MIM. POR QUE EU NÃO SAIO POR AÍ MATANDO TODOS ESSES SERES RIDÍCULOS QUE SÓ ME FIZERAM SOFRER? QUEM SABE SE ME TORNAR UM ASSASSINO DÊ O SENTIDO TRÁGICO MAS VERDADEIRO QUE FALTA À MINHA VIDA?

(é assim que se fala, garoto! vamos lá, saia quebrando tudo!! puxa, é divertido bancar o demônio na cabeça de um personagem de video game que acha que está vivendo a quarenta anos atrás! há, há, há... que divertido ver esse imbecil deprimido!! ei, que tal antes de matar, você fazer algumas sacanagens legais, como estuprar uma mina? afinal, você disse que as minas lhe deram um chute na bunda, não foi? então, pois é sua vez de dar um chute na bunda delas. chute na bunda e na cara, naturalmente depois de comê-las! vai ser... gozado! há, há, há, há!!)

SIM, EU ACHO QUE É ISSO MESMO QUE VOU FAZER. OLHA POR EXEMPLO, AQUELA LINDA MENINA QUE ESTÁ ALI, ATRÁS DA CATEDRAL. VOU ATÉ ELA. SEI QUE ELA É PROSTITUTA. TENHO A PIOR DAS INTENÇÕES POSSÍVEIS. ELA SORRI PARA MIM. MEU CORAÇÃO DISPARA. ELA PERGUNTA DAS REVISTAS QUE TRAGO DEBAIXO DO BRAÇO. DIGO A ELA QUE É SOBRE UM PERSONAGEM ITALIANO CHAMADO “RANXEROX”, QUE É UM ROBÔ HUMANÓIDE E TRUCULENTO QUE FAZ SEXO COM UMA MENINA DE DOZE ANOS. OS OLHOS DA MENINA BRILHAM QUANDO DIGO A PALAVRA “SEXO”. ELA ME ACHA BONITO. EU FICO SEM GRAÇA. DEUS, SOU UM MOLEQUE DE 16 ANOS! NADA SEI SOBRE MATAR ALGUÉM, MUITO MENOS SOBRE ESTUPRO. SOU INCAPAZ DE FAZER O MAL PARA ALGUÉM, POR ISSO ABAIXO A CABEÇA E TENTO IR EMBORA. MAS ELA ME PEGA PELO BRAÇO E ME LEVA PARA O APARTAMENTO DELA. BEIJA A MINHA BOCA

FURIOSAMENTE, E TIRA MINHA ROUPA DE UMA MANEIRA SELVAGEM. MINHA CABEÇA DÁ VOLTAS E, QUANDO DOU POR MIM, ESTOU DEITADO SOBRE ELA, QUE ESTÁ COM OS OLHOS FECHADOS E A BOCA OFEGANTE. SINTO QUE ELA CRAVOU AS LONGAS UNHAS NAS MINHAS COSTAS, MAS NÃO SINTO NENHUMA DOR. NOSSOS CABELOS, NOSSOS CORPOS ESTÃO TOMADOS PELO SUOR; ELA BEIJA MINHA BOCA E PERGUNTA SE EU QUERO SER O NAMORADO DELA.

(seu imbecil incompetente! quem acabou sendo estuprado foi você, seu gótico inútil! maldito jogo sem nenhum sentido! maldita perda de tempo! maldito ano de 2024, em que a computação quântica emancipou os personagens de video game. e agora? sem eles para extravasar meu desejo de violência e sangue, o que farei da minha vida? e... que droga, alguém está tocando a companhia da minha porta. quem em seu juízo perfeito me visitaria; a mim, que não tenho amigos? vou até lá; abro a porta. duas pessoas; um rapaz de camisa preta e jeans desbotado e uma menina. antes que eu possa demonstrar o meu espanto, eles apontam armas contra mim e disparam. que sensação maravilhosa! eu, que perdi tanto tempo em busca desse prazer nos jogos, nunca desconfiei que ele estava tão perto de mim! e era tão fácil! minha vista vai escurecendo, minha vida vai escurecendo, e ouço uma voz em minha cabeça, dizendo:)

YOU WIN:
OVER GAME

Jonas Dark

Embaixo dos seus pés havia um silencioso mundo feito de luz branca e ventos que balançavam furiosamente seus cabelos. Olhos fechados como os de um recém-nascido. Braços cruzados sobre o peito. Duas pequenas esferas o ladeiam, pequenas luas. A da direita está minguante e é vermelha. A da esquerda, azul, está crescente. Confusamente os cabelos negros são agitados pelo vento vindo do silêncio até que se transformam no café da xícara. Em silêncio vê o seu rosto sem expressão refletido nele; uma janela obscura para o nada. O movimento das pessoas do bar é percebido de uma maneira amortizada, assim como o barulho dos carros do lado de fora. Parece que uma armadura de óleo envolve seus sentidos; não devia ter bebido tanto. Agora o café não adiantava muito. Algo passa *na* velha televisão do bar; é Blade Runner.

A porta se abriu.

A mulher de óculos que entrou sentou-se.

— As pessoas já estão apavoradas. A cidade está enfrentado uma epidemia de vírus. Sua tarefa, doutor, é eliminar o surto antes que o medo se espalhe, pois ele pode ser pior do que a contaminação em si. Uma população em pânico é imprevisível.

— Ok.

Havia uma névoa no ar.

— Na verdade, doutor, tenho de confessar que estou preocupada. Muito preocupada. Ouvi falar em infestações parecidas em cidades vizinhas. Algo está escapando do controle.

Uma palavra indecifrável em néon aparecia no vidro embaçado da janela.

— Não – o doutor falou e deu um gole no café sem muita convicção – está tudo sob controle.

A mulher de óculos ficou calada por uns instantes, tentando ler a palavra em néon.

— Bom... boa sorte, doutor Jonas Dark.

A mulher saiu. Jonas bebeu mais um gole de café. Sorte?

....

Não existia no universo nada mais negro do que aquele conglomerado urbano. A obscura crosta de fuligem que encobria tudo era sinal de que as indústrias de química pesada estavam funcionando a todo vapor, para orgulho da economia metropolitana. E todo o vapor do mundo saía das chaminés, criando um nevoeiro permanente de onde nunca se sabia ao certo quando era dia ou noite - e esse deserto cinza só era quebrado pelos jorros alaranjados de fogo puro que brotavam de várias torres escuras, e pelas luzes vermelhas colocadas nas cúpulas mais altas. Por toda parte complexos industriais misturados a prédios residenciais poluídos. Cilindros gigantescos de armazenagem de produtos tóxicos ao lado de bares e escolas. Enquanto passeava lentamente com seus automóvel, Jonas Dark ia observando. Operários que não acabavam mais nas calçadas, com seus monótonos uniformes monocromáticos. Arranha-céus monstruosos. Barulhos de tráfego intenso. De algum lugar vem o cheiro nauseante de rio poluído, como se não

bastasse o insuportável fedor de enxofre ou algo parecido que as fábricas tossem. *A cidade está enfrentando uma epidemia.*

...

— Rápido, doutor Dark, tem uma infestação acontecendo lá na frente!!

O velho automóvel de Jonas saiu cantando pneu. Atrás dele seguiram três outros furgões da sua equipe de descontaminação.

— Sorte estarmos com nosso equipamento...

O comboio ia a mais de cem, cortando sinais. O caos ia se espalhando; carros batiam e pessoas fugiam apavoradas. Clarões brotavam no meio dos edifícios escuros, iluminando a carroceria dos furgões onde se lia NOTION ANTIVIRUS.

— Peguem o equipamento e me sigam!

Jonas Dark saiu e começou a correr sobre os carros batidos no meio da avenida e seu exemplo foi seguido por sua equipe.

— Lá estão eles! Preparem o equipamento!

No fim da avenida havia um grupo de jovens se divertindo; à distância que estavam eram pouco discerníveis, porém era notório o quanto suas roupas e cabelos eram coloridos. Enquanto
pulava sobre os capôs dos carros Jonas Dark foi tirando seu estranho "equipamento" debaixo do seu sobretudo: uma pistola automática.

— Fogo!

Ao pipoco ininterrupto das armas os jovens começaram a se movimentar de maneira acrobática, saltando de um lado para outro.

— Continuem atirando!

A saraivada de fogo continuava. Os jovens saíram correndo, com incrível velocidade.

— Fogo!

Jonas viu quando três deles caíram no chão. Os outros se dispersaram, entrando cada qual numa rua escura. Depois de uns vinte segundos correndo por escombros a equipe chegou até os três que estavam caídos numa imensa poça de sangue.

— Um deles ainda está se mexendo, fogo!

Enquanto via a equipe descarregar seus “equipamentos” sobre o moribundo, Jonas Dark , completamente sem fôlego, se escorou num poste e limpou o suor da testa com as costas da mão que empunhava a arma, depois falou ao seu telefone celular:

— Infestação parcialmente controlada, senhora. Pegamos três, mas infelizmente alguns “vírus” conseguiram escapar e já estão fora de alcance.

— Mas não irão muito longe – disse um membro da equipe ao olhar com interesse para o visual dos vírus – e esses aqui não mais contaminarão nossa cidade com seu maldito... a sua maldita... quero dizer...

— A sua maldita *notion*, você quer dizer. Mas se não houvessem notions, opiniões que ameaçassem o Sistema, também não haveria a Notion Antivirus, e por conseguinte o nossos empregos – Jonas se aproximou dos mortos e pegou uma revista em quadrinhos que um segurava - Portanto cale sua boca e agradeça a proliferação desses marginais esquisitos de roupas estranhas e cabelos coloridos a quem chamamos de vírus.

Com o cigarro preso entre os dentes e as mãos nos bolsos do sobretudo ele ficou olhando desinteressadamente para os vírus na semi-escuridão, e a

fumaça que saía das suas narinas era tão perturbadora quanto a que uma chaminé duma fábrica ali por perto soltava escondendo a Lua, que assim encoberta era como um Sol Negro.

....

Uma bela caçada para uma noite, Jonas Dark resmungou amargo se dirigindo para o velho bar de sempre. Ao menos a noite com suas luzes artificiais conseguia ser mais viva que o dia. Encher a cara pode ser uma solução para uma situação. E que situação, a sua! Havia se transformado no doutor Dark, especializado na eliminação de vírus que querem anarquizar o Sistema. No começo até que ele e sua equipe de descontaminação lograram conseguir resultados mais eficazes; porém, nos últimos tempos, quem estava levando a melhor eram os vírus, que sabiam driblar todas as medidas de segurança e estavam conseguindo infectar o Sistema às vezes de maneira arrasadora com suas maneiras arrasadoras, seus costumes debochados e irritantes. Como lidar com essa batalha perdida? Com a lógica ao qual estão acostumados e inseridos sendo tão facilmente reformatada por esses vírus coloridos, os trabalhadores do Sistema se vêem num imenso mal-estar, que pode ser traduzido pela seguinte pergunta: por que não ser como os vírus? Era também o que o doutor Jonas Dark se perguntava enquanto tomava uma dose. Mas sabia que não era só isso. Sentia que havia algo mais, mas não sabia como abrir essa barra de ferramentas oculta na tela abstrata da sua cabeça e esse fato provocava nele tanta aflição quanto ouvir as músicas da década passada que estavam tocando no salão, sempre a mesma porra de música da década passada que tocou até furar o disco. Por falar nisso, todas as pessoas

dali tinham mais ou menos a mesma idade que ele, trinta e poucos. Todos de roupas escuras e dançando na desesperada tentativa de resgatarem algo há muito perdido e morto. Com uma garrafa de uísque na mão Jonas se aproximou de uma mulher que dançava ao som do Joy Division.

— Ei, alguém já lhe disse que você é pálida como a Branca de Neve?

Ela lhe tomou a garrafa; bebeu tudo de uma vez e continuou dançando, indiferente à pergunta feita. Ele insistiu na conversa (já estava mesmo alterado depois de várias doses):

— Onde estão seus anões?

Ao que ela parou de dançar e falou com ódio:

— Meus anões, cara, meus malditos anões são duendes negros, demônios, que usam meu crânio como caverna para se esconder . Quer saber de quem? De mim, de você que nem sei quem é, do tempo que não pára de transformar essa Branca de Neve aqui na Madrasta velha e feia, executiva de carreira que justamente odeia a Branca de Neve, a menina despreocupada que eu estou deixando de ser.

Sem olhar mais para ele, ela perguntou dançando:

— Como se chama?

— Jonas Dark.

— Jonas, hein? Cuidado, meu amor. Jonas era um profeta que foi engolido por uma baleia. Talvez você já esteja na barriga escura do monstro e ainda não tenha se dado conta disso. Mas não fique bravo comigo. Ao invés disso me agradeça por esse conselho: Dê uma olhada no que tem consigo mesmo; terá uma resposta parcial ao que procura. É assim que as coisas funcionam algumas vezes.

Malditas mulheres encontradas ao acaso. Algumas delas tinham o dom de fazê-lo se sentir em carne viva, como se houvesse sido queimado vivo numa fogueira da Inquisição; fumaça e fogo brotavam do seu corpo. Um cavaleiro terrivelmente sensível ao que lhe acontecia ao redor, mas ainda assim cavaleiro a serviço do Sistema. Entretanto resolveu seguir o conselho dela e prestar atenção no que trazia consigo mesmo: a revista em quadrinhos confiscada do vírus morto. Parecia uma antiga edição do Batman. Estranho. O Batman aparecia com um sobretudo parecido ao que ele, Jonas Dark, estava usando. E o Cavaleiro das Trevas corria atrás de um colorido Coringa, sem contudo alcançá-lo.

....

— A desordem está se espalhando em progressão geométrica e tudo o que conseguimos saber sobre a cultura dos vírus é que eles gostam de gibis!...

— Não é tão simples assim.

— O que disse? Em nome de Deus Todo poderoso!

A mulher de óculos levantou-se de uma das cabeceiras da longa mesa retangular e foi até a janela abrir as persianas. Do andar em que estavam um cenário de devastação surgiu: prédios poluídos, rios arruinados, espessas colunas de fumaça negra e gordurosa expelidas por fábricas decadentes. Tudo embalado pelo brilho metálico de um Sol entre nuvens.

— E quer que o Sistema seja simples?

— Um momento – disse em voz alta Jonas Dark – estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance.

— Então qual é o problema?

Na cabeceira oposta Jonas cruzou os braços (e atrás dele havia duas lâmpadas):

— O problema é que talvez estejamos numa encruzilhada e não sabemos ainda qual caminho escolher.

— Como assim?

— Os vírus estão ficando muito mais difíceis de deter. Isso mostra que a maneira como estamos lidando com o problema está equivocado. Mas a mim ainda não está muito claro onde esteja o equívoco. Entretanto, a falha existe.

— Quero resultados práticos para a segurança do Sistema, e não embates teóricos sobre aquilo que nem ao menos sabemos direito o que é. O nosso Sistema está sofrendo uma ameaça sem precedentes que está destruindo tudo aquilo em que acreditamos e no qual depositamos as nossas mais elevadas esperanças. O ambiente de trabalho em que uma toda uma geração de cidadãos respeitáveis depositou suas esperanças e seu labor está sendo contaminado como se fosse um paciente terminal por esses verdadeiros "cavalos de Tróia", que se infiltram entre nós como quem não quer nada, e quando menos se espera eles abrem seu interior e soltam sua carga nociva contra o mundo, que está se alterando alucinadamente como se tivesse bebendo latas e latas dessas novas bebidas energéticas!

....

Ultimamente um desespero ia tomando conta de Jonas Dark. Algumas coisas as quais ele dava pouca ou nenhuma importância agora iam e vinham em seu cérebro como tubarões presos num aquário; e talvez já estivesse

dentro da barriga de um desses monstros enquanto tinha a ilusão de que eles é que estavam presos em sua cabeça.

Era hora de almoço, e ele foi comer um cachorro-quente e tomar uma garrafa de vinho ao lado da pequena caverna no Parque do Sol Negro. De repente, de dentro da ravina sai uma freira. Por um momento ele ficou com vontade de dizer alguma imbecilidade do tipo “lugar estranho para uma freira, hein?” Mas se conteve. Deu mais um gole no vinho e chamou a freira.

— Posso ser útil em alguma coisa, meu filho?

Só podia ser efeito de sua semi-embriaguez, mas o rosto da freira era muito estranho. Às vezes era o de uma velha de mais de noventa anos e às vezes era de uma jovem de dezesseis. Os dois rostos sobrepostos.

— Sim, irmã, eu preciso de ajuda.

— Pode falar.

Jonas escorou os braços na pequena mureta de madeira e olhou o nada.

— Eu não sei mais o que está acontecendo com o mundo!

A voz dele era a própria angústia.

A freira também escorou os braços na mureta:

— Não sabe o que está acontecendo com o mundo... ou não sabe o que está acontecendo com você?

Jonas Dark:

— O que quer dizer?

— Dê uma boa olhada em si mesmo! Veja o seu cabelo: usa costeletas e um topete certamente inspirados no do Morrissey do tempo dos Smiths. Sua barba malfeita e seu sobretudo com certeza foram tirados do personagem John

Constantine, que também já tem um bom tempo de estrada. Bebe vinho na garrafa, um gesto em memória dos bons e velhos tempos em que saía com sua turma da escola para se divertir. Vocês saíam pela noite felizes e, num mundo corrompido pela Guerra Fria e pela negra ausência de esperança, conseguiam ser os Cavaleiros naquelas Trevas, demolindo todo o edifício de normas criadas por seus pais. Se lembra daquele tempo de punks e góticos? Se lembra daquele tempo em que aquela menininha com cara de vampira “pagava um pau” para você? Dos fanzines rodados em mimeógrafos? Você e seus amigos eram os reis do mundo!!

Jonas Dark olhava espantado para freira de cara mutante.

— Mas então o impensável aconteceu: vocês cresceram!! Vocês viraram adultos!! De repente, Jonas Dark, o seu mundo ficou para trás e a sua contracultura envelheceu e já não serve para o mundo que ora desponta. E o que você e seus amigos fazem? Ao invés de tentarem se reciclar, afinal, não é o mundo que tem de se adaptar a vocês e sim o contrário, vocês acabaram cedendo ao veneno fácil de ficar falando: “Esses moleques de hoje só gostam de bosta; no meu tempo é que a música era boa; tudo hoje é comercial”. Resumindo: vocês se transformaram nos velhos que criaram o mundo da Guerra Fria, da poluição e do Sistema! Vocês, que um dia tiveram a coragem de estar na vanguarda das coisas, hoje dão uma de fodidões em suas cadeiras de rodas da preguiça mental e refutam o novo, preferindo viver num passado que não voltará jamais, pois nesse passado vocês sabiam quem eram e o que queriam, e hoje, apesar de já serem adultos e muitas vezes já terem filhos, vocês já não sabem quem são e muito menos o que querem. Mas eu sei o que vocês são. Vocês são ultrapassados! Vocês são o Sistema!

Dito isso, a freira voltou para dentro da caverna do parque do Sol Negro. Uma menina que passeava com sua avó perguntou: "Vó, a Bela Adormecida passou cem anos sonhando com o quê?"

....

A manhã poluída no centro urbano é uma correria. Só que aquela era diferente.

— Esse não me escapa...

Jonas Dark perseguia em alta velocidade um vírus. Carros batiam, pessoas fugiam, a anarquia ia se alastrando pela rua estreita.

— Saiam da frente!

Totalmente sem fôlego ele tentava fazer mira, mas a multidão atrapalhava e enquanto isso o vírus ia ganhando terreno, se movendo com uma leveza e precisão inacreditáveis. O Vírus praticamente voava sobre as coisas. Jonas Dark subiu num contêiner de lixo. Parou. Segurou sua arma com as duas mãos. Fez mira com um olho só. Cerrou os dentes. E disparou.

— Acertei!

O vulto voador caiu pesadamente sobre umas caixas de papelão de um beco sem saída. Mais do que depressa ele pulou do contêiner e correu até lá. Vapores sujos saíam dos esgotos. Poças de água imunda e alguns ratos gigantes se esgueirando. Respirando descompassadamente e segurando seu "equipamento de descontaminação" ele procurou nas caixas de papelão. Nada. Tomou então um susto: onde o maldito estava? Virou-se rapidamente e mirou

a esmo em torno de si. A cada segundo sentia mais medo. Um rato passou correndo e acabou levando um tiro por engano.

— Calma, calma – repetiu para si mesmo ao ver os pedaços do infeliz roedor – afinal o maldito não pôde sair voando...

Ao dizer isso, se lembrou de olhar para cima. E assim o fez.

Tudo foi muito rápido. A última coisa que sentiu foi quando levou um golpe na cara; daí as coisas escureceram por uns cinco segundos. Ao abrir os olhos novamente viu um vulto colorido com o pé sobre seu peito, segurando sua arma.

— E agora, homenzinho?

Apesar de ter dito isso, *ela* tinha quase a metade da estatura de Jonas que, sentindo o sangue escorrer pelo canto da boca, foi seguindo com os olhos as linhas da sua inimiga. A roupa colorida com motivos pós-psicodélicos se colava ao corpo, realçando contornos femininos no auge da juventude. O rosto de menina não revelava preocupação nenhuma. Coisa que o cabelo verde e o batom vermelhíssimo só realçavam.

— Pensa que é fácil deter a Verdade?

Agora ele sentia o leve peso de Verdade sobre seu coração, que batia acelerado enquanto ele olhava aquela menininha bonita. Mas mesmo assim ainda quis dar uma de valente:

— Vamos, acabe logo com isso. Atire.

Verdade começou a observar a arma distraída.

— Eu sou um vírus e você um antivírus. Somos inimigos. O meu destino é invadir o Sistema e provocar o caos. É subverter a ordem. O seu destino é impedir que isso aconteça. É. Eu devia mesmo matá-lo.

Em menos de umas fração de segundo ela mirou e disparou. Jonas fechou os olhos só a tempo de ouvir a bala ricochetear a pouca distância de sua cabeça . Ficou com os olhos fechados por uns instantes, esperando um outro disparo, dessa vez certeiro. Depois abriu só um olho.

Verdade riu e sentou-se sobre o peito ofegante dele. Depois alisou-lhe os cabelos e beijou sua boca ferida. Deixou a arma perto da cabeça dele e saiu correndo e pulando de maneira acrobática, sumindo.

....

Já tinha perdido a noção das horas sentado na sacada do apartamento onde morava . Lá embaixo o trânsito pesado se arrastava e o barulho era intenso, mas inacreditavelmente só havia o silêncio ao redor dos pensamentos de Jonas Dark. Ao seu lado uma montanha de guimbas de cigarro. Estendeu a mão para pegar a garrafa de cerveja escura; ela veio com algo colado em sua base; *aquela* revista em quadrinhos. Notou como o ar ia ficando com cheiro de chuva e desgrudou a revista da garrafa, mas não a tempo de impedir que a capa ficasse borrada com um círculo. Ele ajeitou-se no chão da pequena sacada e ficou olhando para aquele borrão que ganhava forma entre as figuras do Batman e a do Coringa. E a forma foi ganhando forma, foi ganhando forma, foi ganhando... e ganhou a forma de um homem nu de braços cruzados e olhos fechados entre os dois arquiinimigos. Os primeiros pingos começaram a cair rasgando o ar urbano e ele abriu a revista:

Batman persegue o Coringa pela ruas de Gotham City. Tudo está tão escuro quanto uma noite da década passada que não voltará mais. Quanto um beijo esquecido daquela garotinha com cara de vampira que pagava um pau para você. O homem-morcego se devora em ódio, pois parece que o Coringa sabe disso e disso sorri. Maldito! – pensa o Cavaleiro das Trevas. Afinal, foi esse marginal o responsável pelas mortes dos meus pais. E depois fica se achando superior a mim só porque ouve música tecno e vai a raves se encontrar com a galera. Esses moleques de hoje só gostam de bosta; no meu tempo é que a música era boa; tudo hoje é comercial. O colorido palhaço pula de um lado para o outro, que nem um acrobata malabarista que tivesse ingerido todo o ecstasy do mundo,

impossível detê-lo. Como impossível é deter o destino. Após pensar isso, Batman senta na calçada e começa a fumar um cigarro; o Coringa que se foda. O palhaço, ao sentir que não era mais perseguido, para de fazer suas traquinagens e começa a se aproximar do homem-morcego. "Ei, morcegão, já cansou de brincar?" Ao que o outro responde: "Me deixe em paz. Só gostaria de saber por que diabos você matou meus pais". O Coringa se senta ao lado dele: "Relaxa, Morceguinho. Alguma vez você já parou para pensar o que teria acontecido se seus pais não tivessem morrido?" Batman começa a imaginar então como teria sido sua vida com os pais vivos; restrições sobre restrições. Colégio militar ou internatos embolorados. Normas indiscutíveis e

inquebráveis de etiqueta, ao mesmo tempo em que seu pai começaria a iniciá-lo no capitalismo selvagem onde a ética é uma piada e a aniquilação de tudo o que estiver fora do próprio umbigo a única lei a ser seguida. O amor pelo que é simples, como por exemplo passar uma tarde de primavera com uma namorada no parque, seria ridicularizado, ao mesmo tempo em que seriam cultivadas máscaras de puritanismo que esconderiam perversões nojentas como por exemplo surubas snuff, o esplendor decadente da babilônica Ghotam City ofuscando os olhos do homem-morcego, cegando-o, até que ele sai do transe e vai até um beco que está atrás de um cinema onde um casal de burgueses está passando com o filho pequeno. Batman simula um assalto e mata o casal na frente do menino

Bruce Wayne. Depois sai pulando, feliz da vida, e vai para uma rave encontrar a galera.

Entre as últimas folhas do gibi, agitadas pelo vento que trazia a forte chuva, Jonas Dark teve uma surpresa; um folheto de show:

SENSACIONAL RAVE NO CIRCO COMETA REDE!

VOCÊ VAI PULAR ATÉ NÃO PODER MAIS!

VENHA E TRAGA SUA GALERA!

DIA 18 DE FEVEREIRO, ÀS 10h15

Caminho da Roça, sem número

(esse anúncio dá direito a uma bebida energética)

....

Jonas Dark pulou do furgão. O ar lunar da noite estrelada vinha misturado com cheiro de mato e com o som distante de música eletrônica. Tudo isso reverberou em seus pulmões como um soco de juventude. Conferiu a entrada para a rave que achou dentro da revista do Batman. Tirou seu sobretudo, e por baixo dele apareceu as cores vibrantes de uma roupa de vírus. Deu uma última olhada no espelho retrovisor; apesar da escuridão seu cabelo estava tão cor de abóbora que chegava a ser fosforescente.

— Se a barra começar a pesar pode deixar que a gente vai correndo ajudar ao senhor, Doutor Dark. Mas esse é o maior download de vírus que se tem notícia; parece que todos resolveram baixar de uma vez!

Jonas começou a caminhar na estreita trilha iluminada pela Lua. A noite estava uma delícia. Sentia-se bem. Os grilos davam seu concerto invisível. Mas o que impressionava mesmo era o som tecno que ecoava pelo céu noturno. Logo o clarão laser no horizonte revelou as lonas de um imenso circo de cores luminosas. Era estranho. Parecia mais um templo, por mais perturbador que isso pudesse parecer para Jonas Dark, que começava a sentir uma enorme ansiedade. Queria fugir, e ao mesmo tempo queria correr em direção àquela festa. Mas se fugisse, teria uma desagradável surpresa: o som da música abafou o barulho do furgão da sua equipe de descontaminação indo embora. Ordens da mulher de óculos: deixem o doutor Jonas entregue à sua própria sorte.

Finalmente chegou; resolveu colocar também os óculos de lentes amarelo-limão e nelas se refletiu o letreiro em néon piscante que anunciava o circo rave Cometa Rede. Lá estavam centenas de vírus na porta do circo com suas roupas psicodélicas (no seu tempo diria que aquelas roupas tinham cor de rodinha de skate). Formavam uma fila na entrada para deixar o folheto e pegar uma bebida energética. Ao entrar na fila, julgou que o pessoal o encarava desconfiado.

— Ei, de onde você vem?

Jonas:

— Eu? Eu... sou... novo por aqui .

— ~!@#$%^&*()_+ ?

Só faltava essa agora, pensou Jonas. Que linguagem da porra era essa? Não entendia essas linguagens novíssimas, não sabia navegar ainda nesses sistemas . O que ele quis dizer com aquilo? O Vírus insistiu: “~!@#$%^&*()_+?” Jonas Dark fez um “Hang Loose” ; o Vírus exclamou: “Ah, sim...” e os amigos dele concordaram. Uma grossa gota de suor escorreu da testa de Jonas. Ainda bem que ninguém mais perguntou nada, já que o som da música fazia tremer o chão. Jonas deixou o folheto na entrada e pegou uma lata prateada de bebida energética chamada Ecstay Viruscan.

Ele se embrenhou no meio da galera e começou a pular. Canhões de luz e raios laser piscavam sobre a multidão luminosa que dançava de forma contagiante. No começo meio sem jeito, mas depois com entusiasmo ao beber o poderoso energético, Jonas Dark entrou no clima. E perdeu a noção do tempo. E do espaço. O mantra eletrônico fundia a todos num só delírio. Só voltou a si quando percebeu que a multidão gritava:

— Verdade! Verdade! Verdade!

Com os canhões de luz piscando de forma estroboscópica em sua direção, uma acrobata apareceu no balanço lá no alto do picadeiro. A acrobata começou a pular rapidamente de um balanço para outro, em sincronia com o pulsar das luzes. Ela por fim saltou na Rede e dela, num pulo sensacional, no chão. Vários cones de luz focalizaram-na. Era a Verdade. Ela abriu os braços e gritou, com sua voz de menina:

— Respeitável público, bem-vindos ao maior espetáculo da Terra!

A galera vibrou.

— Nessa noite maravilhosa teremos mágicos, malabaristas, engolidores de fogo...

Estranho, Jonas pensou. O rosto da menina parecia diferente . E familiar. Perturbadoramente familiar.

— ... E a reconstituição da fogueira em que Joana D'Arc foi martirizada. Eu peço agora ao Light Jóquei para iluminar uma pessoa que fará o flamejante papel de Joana D'Arc, e quem melhor para isso senão um penetra de nome parecido? LJ, luz no antivírus Jonas Dark, cortesia da Notion Antivirus!

Seis cones de luz branca focalizaram a atônita figura de Jonas.

— Amarrem esse imbecil no mastro principal!

Completamente surpreso, Jonas Dark foi dominado e levado para o centro do picadeiro, onde foi amarrado num poste. Respirava sofregamente enquanto via seus algozes juntando todos os folhetos da rave aos seus pés e depois jogando gasolina.

— "...now I know Joan of Arc felt / as the flames rose to her roman nose / ande her Walkman started to melt" - Verdade cantarolava alegremente enquanto jogava mais folhetos ao redor de Jonas – Espero que eu não esteja cantando errado essa música do seu tempo, Doutor Dark. Sim, seu tempo, que já passou. O senhor fuma, não? Claro que fuma. Até seus vícios são obsoletos e não estão com nada. Assim, creio não se importar se eu pegar emprestado o seu isqueiro. Bem, aqui está ele; obrigada!

O fogo começou a subir.

— Malditas mulheres encontradas ao acaso, não é, Doutor Dark? Algumas de nós têm o péssimo dom de fazê-lo se sentir em carne viva! Mas o que você não percebeu é que todas as mulheres malditas na verdade são uma só: EU!

Fumaça e fogo brotavam dos quilos de folhetos nos pés de Jonas.

— O que... o que você quer dizer? O que você quer?

— Queremos ver o circo pegar fogo. Não é, galera?

A multidão colorida concordou numa gritaria infernal. O som tecno voltou a rolar.

— Dê uma boa olhada naquela cidade poluída e decadente e sua sociedade estressada, doutor Jonas Dark. Talvez o problema não seja tanto o Sistema, e sim o modo de vida dos cidadãos respeitáveis e caretas que o fazem! Diz um ditado que as pessoas que não conseguem achar tempo para a diversão são obrigadas mais cedo ou mais tarde a achar tempo para a doença. Pois bem, doutor, talvez um rápido diagnóstico seu sirva para confirmar que nós somos a doença do mundo. Para o Sistema somos simples vírus problemáticos. O que todos se esquecem é que foram os pais de família trabalhadores quem nos geraram nas horas de ócio e agora tremem pelo nosso poder! De repente o Criador viu que a Criatura se revelou rebelde e então criou o inferno para castigá-la, porém a Criatura achou o inferno o lugar mais cool do mundo! Galera, vamos pular em homenagem ao inferno!

Os D.J.'s aceleraram o som sampleando o Prodigy, e os vírus voltaram a dançar com todo o gás, sob a luz pulsante de uma teia de lasers vermelhos. Jonas, malgrado sua situação, passou a agitar a cabeça ao ritmo da percussão eletrônica, de olhos fechados e dentes entrecerrados. Verdade, dançando vertiginosamente , se aproximou da fogueira recém-nascida , que iluminou o baralho de tarô que ela tirou de dentro da calcinha:

— Escolha uma .

Com a boca Jonas puxou uma carta.

— Vejam só! Você tirou a carta número seis, Os Enamorados. Um jovem de braços cruzados entre duas garotas, uma sendo o vício e a outra, a virtude. É a carta da escolha: o jovem tem que escolher uma delas, dois caminhos distintos: o caminho novo e o velho. No caso do jovem punk Jonas Dark de mais de uma década atrás, ele sentiu indiferença quando se viu diante de algumas escolhas.

As solas dos tênis de Jonas começavam a derreter e isso no seu desespero o lembrou duma música da Siouxsie, embora não fizesse muito o seu gosto; mas, gostasse ou não, talvez os banshees estivessem pulando alegremente por ali ao ritmo da rave e anunciando o seu fim. Os cabelos estavam totalmente encharcados do suor que removia a tinta cor de abóbora deles e, conforme escorria em bicas, ia pintando o rosto de Dark como o de um guerreiro celta. Ele voltou a fechar os olhos por um tempo – como quem faz uma prece. Em seguida os abriu determinado e encarou a sua carrasca:

— Espere! Agora é minha vez de falar. Você acha que eu não fiz nenhuma escolha, mas está equivocada. Todos vocês estão. Sim, vocês que se acham "As exceções". Toda essa pose, toda essa onda, mas vocês não estão com nada, seus idiotas! Ou se esquecem que as exceções servem para confirmar a regra? Quem mais lucra com a existência de vocês é o Sistema; vejam a Notion Antivirus, vejam os políticos ladrões que se elegem com o velho discurso de segurança pública. O Sistema precisa de inimigos para poder funcionar e graças a vocês ele está funcionando muito bem!

— Não venha com essa conversa cínica, doutor Jonas Dark! Seu salário também vem de quantos de nós consegue apagar na calada da noite! Você já foi como nós, o underground já correu por suas veias, sabe o que se passa num coração rebelde e ávido por diversão. Mas como todos os outros que vão envelhecendo, finge não saber dessa coisas. Você traiu a si mesmo; não tem suficientes reservas morais para nos dizer que estamos errados! Logo o Sistema perceberá que a repressão pura e simples não adiantará mais pois todas as pessoas começarão a se questionar por que deveriam viver a vida toda de um jeito que não gostam e nesse momento voltarão seus olhos para a maneira como vivemos: nos divertindo.

— Pensa que me impressiona com seu discurso, Verdade? Nããão! Você está esquecendo do principal, e que justamente é a escolha que fiz para minha vida. Aquela carta que eu tirei representa a escolha entre dois caminhos, conforme você disse. O velho e o novo, o vício e a virtude, o Sistema e o underground. Mas, diante desses dois caminhos eu optei pelo não-escolher, muito embora para vocês pareça que eu tenha escolhido pelo Sistema e, para as pessoas do Sistema, eu pareça underground demais. E sabe por que eu escolhi o não-escolher? Pelo mesmo motivo que essa carta se chama Os Enamorados. O que é a revolta ou qualquer outra coisa diante do amor? Nada!! Sim, com o tempo eu fiquei amargo e cínico, devo reconhecer. Como também é verdade que não houve um dia sequer, ouviu bem? um dia sequer nessa última década cretina em que eu não tenha pensado "naquela" resposta que eu fiquei de dar outro dia a certa pessoa que acabou fugindo. Pois o dia chegou, já que tornei a encontrar essa pessoa: Vera, menininha com cara de vampira, eu te amo!

Verdade olhou para ele espantada. Ela fechou os olhos, como que sorvendo aquelas palavras há tanto tempo esperadas. Em seguida pôs as mãos no rosto e soltou um pavoroso grito enquanto se transformava na mulher de óculos para quem Jonas trabalhava; o seu grito

foi tão forte que rachou as lentes dos óculos e pelos aros vazios saiu um pano escuro que a encobriu transformando-a na freira de cara mutante do parque do Sol Negro; em seguida se jogou no ar, como um enorme corvo e quando caiu no chão havia mudado a cara para a mulher gótica tão pálida quanto a Branca de Neve, por fim a palidez da mulher foi aumentando e se cristalizando até que ela virou uma gigantesca crisálida, que rachou em mil pedaços, de onde saiu uma linda borboleta, cujas asas se dissolveram num pólen de luz e então foi Vera quem surgiu, envolta em vapores, com a mesma camisa branca e o mesmo jeans desbotado com os quais Jonas a viu no shopping center no início da década passada.

— Jonas... eu achei que você nunca viria...

Ela foi até a fogueira , abraçou Jonas e beijou sua boca. O fogo estava tanto fora quanto dentro de seu coração, e a dor e a alegria se fundiram num só. Os cones de luz cegaram-no e em torno dos seus olhos fechados como os de *um recém-nascido havia um mundo feito de luz branca e ventos que sacudiam violentamente seus cabelos, onde não havia nem o novo e nem o velho. Diziam que aquele deserto – que em breve iria florescer de novo - era tudo o que restava do Sistema, que finalmente foi quebrado por um hacker e tudo o que ele precisou fazer foi amar a Verdade do mundo, que pelo menos para ele tinha a forma de uma garota com cara de vampira.*

PINÓQUIO GÓTICO

Era uma vez um pobre velhinho, que vivia sozinho a sonhar.

Sonhava com amores perdidos e com pessoas, e ele passava o seu tempo enterrando tudo isso – muitas vezes sem muito sucesso.

O pobre velhinho era coveiro.

Cansado de sua terrível solidão, um belo dia ele escolheu alguns caixões usados e, com a madeira, fez um boneco.

Um boneco com madeira de caixão.

E assim, o velho coveiro arrumou companhia enquanto abria as covas para os inertes passageiros que partiam dessa para a melhor. O mórbido boneco, bem mais feio que o mais horroroso espantalho já criado por uma mente doentia, era posto sentado sobre a laje de algum

mausoléu. Era tão assustador que os corvos fugiam terrivelmente assustados; a bem dizer, os corvos e quem se encontrasse por perto. Mas o coveiro não se importava, e seguia cavando o buraco no barro gorduroso, embaixo de um sol branco e sufocante, pensando talvez nos dias em que abrira trincheiras na guerra – que também se encheram de mortos. Isso foi no início do século XXI. Há 70 anos, portanto. O pobre velhinho ativou mentalmente um implante orgânico de armazenamento de músicas piratas em seu cérebro, e enquanto observava as simpáticas borboletas coloridas voarem de maneira bucólica sobre as flores agradáveis, ouvia os sons de sua longínqua juventude, principalmente The Sisters of Mercy: "Alice", "Marian", "Lucretia my Reflection", "Flood I" e outras músicas apropriadas para se ouvir num dia demasiadamente bonito.

No início dessa história infantil para crianças atormentadas, foi dito que o coveiro não tinha muito sucesso em enterrar coisas mortas (e, deveras engraçado, quando fora um soldado das tropas de elite e produzia cadáveres com sua arma de combate, ganhava bem mais do que agora, quando se limitava a enterrá-los). A razão disso é que os túmulos amanheciam revirados; as covas, abertas. Estavam querendo demitir o nosso bom amigo coveiro, pois diziam que ele não fazia o serviço direito. E ele ia chorar as suas mágoas nos braços cheios de farpas afiadas do seu amiguinho feito de madeira de caixão. Naturalmente em tais ocasiões periclitantes bebia até não poder mais.

Numa dessas ocasiões, quando a lua cheia estava em escorpião (e a primeira nave tripulada havia chegado em saturno), o velho bêbado sentiu uma solidão tão profunda e que foi permeando e rasgando a existência e a sua percepção, e pela fresta assim aberta ele viu surgir uma fada de asas escuras e grossas de mariposa.

— Olá, meu gentil homem – ela disse.

— Quem é você? - ele resmungou, incrédulo.

— Não, não... a coisa não é por aí. Não é "quem eu sou". Mas a visão que você lança sobre mim. Eu posso ser sua fada madrinha. Ou posso ser nada mais que uma seqüela do seu quase estado de coma alcoólico. Ou então uma perturbação no seu nervo ótico causado por um vírus que você recebeu em seus implantes cerebrais que estão conectados via-satélite em redes ilegais de download de músicas. Posso ser também parte de um programa secreto do governo. Então, quais dessas opções lhe é mais simpática?

— Viva a inocência – o velho disse amargo – você é minha fada madrinha.

(Mas ele achava mesmo que aquela menina de asas de mariposa era um fantasma).

— Muito bem. Sabia que iria escolher essa opção. Algo de inexplicável num mundo que gosta de se explicar até demais, e no entanto, não sabe mais o que é.

— Não sei quem sou. Só sei que estou muito sozinho nessa vale de lágrimas.

— E o seu amigo feito de madeira de caixão usado? – a fadinha perguntou de maneira inocente.

— Bem, dona fadinha... já ouviu um grupo chamado Dead Can Dance? Uma das histórias que ouvi sobre a origem do nome dessa banda é que é uma referência às máscaras de madeira usadas pelos malditos aborígenes - e o velhinho tomou mais um gole do garrafão de vinho - A madeira da máscara está morta. Mas a máscara é usada para a dança, para a vida...

— Que assim seja, me adorável velhinho. Entendi o que quis dizer. Que esse boneco, feito de madeira para guardar os mortos, venha a viver.

E assim o boneco se ergueu, sob a luz da lua.

E, noutro canto do cemitério, os vampiros saíam dos túmulos. E não só desse cemitério; em tudo quanto era campo santo os demônios sugadores de sangue emergiam, causando assombro e pânico, não necessariamente por serem monstros, mas por serem inexplicáveis. E isso era algo que a mente humana não poderia tolerar.

Tanta tecnologia, tanta ciência e informática e, mesmo assim, vampiros saíam por aí e bonecos de madeira ganhavam vida por intermédio de fadas madrinhas.

O velho coveiro olhou estupefato para a sua criação de madeira de caixão que ganhou vida. O boneco lançou-lhe um olhar entediado:

— O que você quer comigo, meu chapa?

— Sempre desejei ter um amiguinho só meu... – o velho falou com emoção.

— E por que acha que quero ser seu amigo?

O velho coveiro ficou meio desconcertado:

— Bem, imagino que eu seja algo como seu pai, não é mesmo? Acho que tenho muito a lhe ensinar.

O boneco de madeira riu, e a sua gargalhada soou como o vento que passa por entre os galhos de árvores retorcidas e mortas:

— Rá! Rá! Rá! Não me faça rir, seu velho idiota. Eu não preciso de você. Sei perfeitamente que você foi um soldado que matou pessoas inocentes. O que teria para me

ensinar? Eu tenho comigo as memórias das pessoas que se deitaram nas madeiras dos caixões que você usou para me construir, e isso me basta.

O Pinóquio Gótico abriu um túmulo, tirou um cadáver e vestiu a roupa dele. O velho coveiro sentou-se na beira desse túmulo aberto:

— Você tem a obrigação de me fazer companhia! Você é o produto de um desejo meu!

— No fim, todo filho é o produto do desejo de alguém. Mas, no momento, o meu desejo é dar o fora desse lugar agourento. Adeus, velho coveiro.

E o Pinóquio Gótico ganhou as ruas, para desalento do velhinho, que sem poder remediar a situação, foi dormir. Na manhã seguinte, ele foi fazer sua cota de enterros. E constatou que os túmulos continuavam sendo profanados. Mas não era mais segredo para ninguém que os vampiros rondavam a noite, para desespero da ciência do ano 2070.

Eles apareciam como tênuas sombras flutuantes sobre suas vítimas, e saíam voando num piscar de olhos.

As armas do exército se revelaram inúteis; a tecnologia nada podia contra o inexplicável. Pela primeira vez na história surgira algo contra o qual as armas de fogo eram inúteis. As indústrias de armamento entraram em desespero.

Mas a tudo isso o Pinóquio Gótico estava alheio. Ele saíra daquela miserável vila para o congestionado centro urbano, onde ninguém ligava muito com semelhante figura andando pelas ruas, pois essa era uma das vantagens de se andar no ano 2070: havia tantas variedades de pessoas transgênicas e mutantes por aí que um boneco de madeira de caixão poderia andar tranqüilamente pelas ruas de uma grande metrópole, sem ser importunado.

Ele percorria as ruas com as mãos nos bolsos das calças emboloradas, curtindo o quanto era bom estar vivo. E pensava na ironia de ter sido trazido à vida por um coveiro! Um coveiro que já tinha sido soldado matador de civis.

E foi pensando nisso que de repente ele viu uma pessoa sendo atacada por um vampiro. A visão do inocente sendo violentado lhe ativou instintos primitivos. Sua consciência se turvou de ódio e, quando voltou a si, viu que o vampiro se contorcia diante de si. O Pinóquio Gótico abaixou a visão e viu que tinha enfiado seu punho – afiado como uma estaca – no coração do vampiro, que se desvaneceu num monte de cinzas quentes.

Alguém finalmente tinha matado um vampiro!

Os vampiros poderiam ser mortos!

O acontecimento foi ovacionado pela imprensa:

MUTANTE COM DNA VEGETAL
É NOVA ARMA NA LUTA
CONTRA A INEXPLICÁVEL PRAGA NOSFERATU
QUE ASSOLA O MUNDO

A descoberta de que o Pinóquio Gótico poderia matar vampiros por ser uma espécie de estaca ambulante gerou enorme repercussão. Claro que a primeira coisa que a indústria de armas fez foi tentar criar armas que disparavam estacas de madeira contra os vampiros. Mas isso redundou em fracasso. Parecia que era especificamente a madeira de caixão do Pinóquio Gótico a responsável pela façanha de matar os vampiros. Claro que os serviços secretos retiraram furtivamente amostras do DNA da madeira enquanto o Pinóquio Gótico era entrevistado à força, mas a tentativa de reprodução das qualidades desse material em laboratório foram inúteis. A conclusão era uma só: por uma razão desconhecida, somente o Pinóquio Gótico poderia matar vampiros!

Todos queriam que ele se engajasse logo na luta contra os vampiros.

— Seja caridoso; mate-os – era assim que falavam com ele.

— Essa é uma cruzada do Bem contra o Mal! – urravam em suas “orelhas de pau”

— Não há diálogo possível com esses terroristas – os políticos lhe confidenciavam.

— Seja bonzinho, que um dia você deixa de ser um boneco de madeira e passa a ser gente – os escritores de histórias infantis lhe imploravam.

“Ser gente?” O pobre mutante de madeira de caixão podre pensava. O que diabos é isso? Ele olhava para dentro de si, em busca das lembranças dos mortos que usaram os caixões de sua confecção. Voltou ao seu cemitério de origem, e observou os vampiros. Conversou com eles.

No dia seguinte, anunciou a todos:

— Bem, na verdade, eu não demorei muito para chegar a essa conclusão: eu não vou matar os vampiros! Vocês, humanos, que se virem com suas armas, sua tecnologia e sua mania de querer entender tudo. Vampiros são inexplicáveis; eu sou inexplicável e minha decisão de não ajudá-los também o é.

Dito isso, ele saiu caminhando, com as mãos nos bolsos de suas calças emboloradas.

Uma onda de indignação varreu as ruas. O Pinóquio Gótico era xingado, chutado, cuspido, e finalmente lhe tacaram alguns coquetéis Molotov. Aquela figura se tornou uma enorme chama amarela e vermelha que caminhava de mãos nos bolsos e cabeça baixa.

Até que se desvaneceu num amontoado de cinzas quentes.

— Igual a um vampiro que morre – alguém comentou.

— No fundo, ele também tinha a mesma origem – uma senhora disse, olhando horrorizada um cemitério.

E, naquelas noites confusas em que naves hi-tech chegavam em Saturno e a lua estava em Escorpião, os vampiros podiam se mover com toda a comodidade, já que nada mais podia detê-los. Nem toda a ciência do mundo podia com aqueles seres dos contos fantásticos. O velhinho coveiro estava entre eles, e se movia feliz. Afinal, não estava mais só agora que também era um vampiro. Estava cheio de novos amiguinhos, e todos viveram felizes para sempre. Inexplicavelmente.

SHARE GIRL

— Mas eu pensei que você me amasse...

— *A ilusão foi sua. Tudo tem um fim...*

— Você não passa de uma interesseira filha da mãe!...

— *Vou sumir de sua vida...*

—Não vá embora... por favor! Eu arrumo a grana que você precisa nem que tenha que roubar e matar! Droga, eu te amo!

Ela sorriu:

— *Querido, você é o menino mais bonzinho que já conheci. Você nunca faria isso, mesmo por amor.*

— É. Eu acho que você tem razão.

— *Foi bom enquanto durou. Mas, entenda: os melhores sonhos são aqueles que acabam e deixam um gosto de saudade em algum lugar de seu coração.*

O olhar dele era uma interrogação suplicante. Por que as coisas precisam acabar justamente no melhor? Ela sorriu:

— *Lamento.*

E foi desaparecendo lentamente até restar somente o sorriso, que também se desvaneceu. No ambiente virtual em que o menino de quinze anos estava, uma mensagem apareceu:

ATENÇÃO, USUÁRIO

O PRAZO DE 30 DIAS EXPIROU.
se quiser mais uma amante share girl

acesse nossa realidade de amostras grátis
se quiser o programa completo,
forneça o número de seu cartão de crédito
NOSSAS AMANTES VIRTUAIS
TEM A MELHOR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
DO MERCADO!!
FAÇA COM ELAS O QUE SUA ESPOSA
SEMPRE SE RECUSOU A FAZER!!
NÃO PERCA TEMPO COM ESSAS BOBAGENS
DE ROMANTISMO; VÁ DIRETO AO ASSUNTO!!
proibido para menores de 18 anos
precisa de interface cerebral para ambiente 3-D

EXPLICANDO O QUE É CRIPTOMANCIA:

CRIPTO = OCULTO

MANCIA = LEITURA ADVINHATÓRIA

minha literatura é:
clima do início dos anos 80 +
ficção científica +
simbolismo e ultra-romantismo do século 19 +
simbologia do tarô tradicional +
os dramas existenciais da juventude urbana.

O escritor de ficção é semelhante a um tarólogo.

Abaixo tem um pouco mais sobre cada um dos textos presentes nessa coletânea criptomante:

A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE FICA; CONSIDERAÇÕES SOBRE "IMPRESSÃO DIGITAL"

Dos meus textos, "Impressão Digital" é o mais avançado e um dos mais polêmicos.

Essa história, estruturalmente muito arrojada, que em seu começo imita um manual de instruções de instalação/operação de um hardware do tipo impressora a jato de tinta, possui muitos fãs (oi Celina!). Por outro lado, também me rendeu incompreensões terríveis, o que me deixou um certo tempo bastante magoado. Depois pensei que causar uma "diversidade de impressões" faz parte do espírito do texto Impressão Digital, e isso está profundamente afinado com o propósito metafórico que ele se propõe.

As origens desse texto são das mais nebulosas; talvez datem de 1997 ou 1998. Só me lembro de pensar em alguma coisa relativa a isso num certo fim de tarde, dessas tardes que caem repentinamente como um manto escuro e opressivo. Lembro-me de estar indo para a locadora quando uma nuvem difusa de inspiração me atingiu. Pensei num homem de 130 ou 200 anos usando o corpo de um jovem de 20, e de uma menina bastante feia que usa o corpo de uma top model.

Pensei no jovem de 200 anos indo ao cemitério visitar o seu antigo corpo velho, e lhe depositar flores. Pensei na menina-feia-que-vira-bonita se apaixonando pelo jovem velho. Pensei que superficialmente os dois poderiam combinar muito bem, mas por dentro deles havia vários abismos ao separarem. Pensei o quanto poderiam ser fúteis, já que ele se apaixona por ela por causa da aparente beleza dela e ela se apaixona por ele por causa da aparente juventude dele; como se vê, se apaixonam pelas aparências, ou por causa das... impressões.

(o leitor que ler esses meus "posfácios making-of" poderão notar que essas explicações que dou poderiam gerar, por si só, outros livros diferentes com a mesma temática!)

Bem, quando eu pensei nessa palavra "Impressão", um mundo de possibilidades se descortinou à minha frente. Primeiro que, quando pensei nessa palavra, imediatamente já obtive a explicação de por quê esse casal estar usando outros corpos que não fossem os originais deles. Impressão... impressora! Os corpos teriam sido "impressos" neles, como numa impressora a jato de tinta, só que nesse caso seria uma impressora a jato de genes!

Quando eu começo a viajar, não paro mais: imaginei a impressora como uma enorme casulo, semelhante a um sarcófago, onde o corpo de indivíduo seria derretido por enzimas até chegar no sistema nervoso. Aí um novo corpo seria impresso ao redor desse sistema nervoso, um corpo com ossos, tecidos, músculo, órgãos e tudo o mais, rigorosamente idêntico a qualquer corpo que o usuário quisesse, desde que tivesse o programa completo de impressão e os cartuchos de material genético. Trocar de corpo seria como trocar de roupa, ou, nas palavras de Marian, "trocar de papel higiênico". Assim, velhos poderiam continuar jovens indefinidamente, e as pessoas poderiam ter a cara do seu ídolo favorito.

Marian merece uma atenção especial. Igual a muitos personagens que crio, ela foi forjada em torno desse nome, inspirado numa música homônima do The Sisters of Mercy, talvez a música em que os vocais de Andrew Eldritch estejam mais

sombrios. Como não entendo muito de inglês, conforme eu fui escutando essa voz tão obscura cantando o refrão “Marian... Marian... Marian”, imaginei que se tratasse de uma garota extremamente sofrida pela vida, que tem uma nova desilusão amorosa e finalmente resolve se matar. Mais tarde, numa tradução, percebi que o eu-lírico da música pede ajuda à tal Marian(Eu escutei essa música pela primeira vez numa sexta-feira à noite do final de fevereiro de 2001, muito embora eu conhecesse o “Sisters” de longa data. Marian pertence ao álbum First and Last And Always, de 1984. coincidência ou não, foi nesse ano que Willliam Gibson lançou Neuromancer, além do que esse ano é o título do livro mais famoso de George Orwell. Bem, quem quiser conferir a letra de Marian, visite a homepage do Sisters e clique em lyrics: http://www.the-sisters-of-mercy.com/home.html#index). De qualquer maneira, foi com esse perfil de menina sofrida que criei a Marian, do Impressão Digital.

Qual é a aparência original de Marian? Imagino-a gorda, baixinha, dessas gordas baixinhas que têm um bundão, com óculos de aro preto e grossas lentes, jeans e camiseta velhas.

Marian é uma ilha de originalidade num mundo baseado na aparência. Ninguém gosta de Marian, pelo que ela é e pelo que representa.

Gostaria de chamar a atenção sobre a problemática dos clones abordada no texto. As pessoas de classe média que trocam diariamente de aparência são as mesmas que acusam os clones de classe baixa de não terem identidade.

(aqui entra uma observação: acho que os pobres do futuro não terão direito a terem o próprio DNA! Será a última coisa a se roubar deles; eles que por séculos sempre foram explorados. Acho que a humanidade do futuro terá o seu DNA tão alterado e manipulado que será estéril de berço, como algumas variedades de sementes transgênicas de hoje, que só germinam por uma geração – o que faz com que o agricultor pague por cada nova safra que deseja plantar. Assim, as pessoas de baixa renda terão de recorrer aos bancos de esperma/óvulos/embriões, que venderão material genético bem caro. Os mais caros serão os embriões modificados individualmente, de maneira personalizada, e os mais baratos decerto serão os produzidos em série, os clonados, que serão comprados pelos casais mais humildes – só que esses embriões também são estéreis, num ciclo sem fim).

Convém lembrar que, muito embora a impressora a jato de genes derreta o corpo humano e, consequentemente o seu DNA, o sistema nervoso é preservado – por isso as pessoas de classe média da época terem a ilusão de serem melhores que os clones, já que o DNA de seus sistemas nervosos é único.

Marian tem um plano arriscado; literalmente decide riscar o Registro Genético imposto pelo Estado às pessoas, usando para isso uma pistola de censo adulterada.

É irônico que tenha escolhido justamente o corpo da musa Marilyn Monroe para perpretar seu plano, já que esta foi o objeto de desejo de milhões de homens, e um padrão a ser seguido pelas mulheres. Mas é justamente isso que Marilyn Monroe Marian deseja

aniquilar: o padrão imposto, a ditadura da moda forçada e forçar a sociedade a enxergar além da primeira impressão.

Bem, finalizando, esse foi um trabalho bem divertido de fazer; o texto Impressão Digital em si foi feito em dois ou três dias de setembro de 2001. Ele me rendeu umas rusgas com um escritor ortodoxo, elogios rasgados de meninas e acho que ficará para ser lembrado como um dos meus textos mais ousados.

CONVERSA DE PLASCENTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE "O ABORTADO"

A primeira versão de "O Abortado" surgiu em 1994; tenho até hoje os originais batidos à máquina. A história era simples, apesar de fantasmagórica: um velho numa cela conversando um embrião-fantasma. Apesar do argumento excelente, essa primeira versão ficou ruim para os meus padrões josielescos. É que na época eu era superfã do estilo do Érico Veríssimo, e achava que tinha por obrigação ser parecido com ele. Só que Érico Veríssimo é um

grande escritor das coisas reais, do dia-a-dia, e foi um erro fatal da minha parte usar um estilo realista parecido com o dele para escrever essa história (bem, quem quiser ver essa primeira versão, eu envio xerox!).

A primeira versão de 1994 se passava no ano de "dois mil e cacetada" (sic) (mais um parêntesis: ei! Já estamos nesse ano!), e mostrava os diálogos de um velho ditador sul-americano com um embrião-fantasma, muito embora o nome dele fosse inspirado num certo político russo, mais a palavra inglesa "crank". A presente versão é na verdade um monólogo, já que, como viram, esse Abortado do século XXI é na verdade uma criação fantasiosa do obscuro personagem aprisionado num quarto ou numa cela (ei, seria um reflexo do meu trabalho "The Box Man?"). Se observarem bem a estrutura do diálogo entre os dois, verão que o Abortado jamais fala usando travessão, e logo no início o embrião fala do perigo do monólogo num mundo carente de diálogo. Isso são pistas de que o Abortado na verdade é o próprio narrador, que sempre se expressa com frases usando travessões. Assim, esse trabalho é estruturalmente arrojado; acho que somente o "Impressão Digital" é ainda mais maluco. Eu estava ouvindo numa rádio de notícias sobre a dificuldade de se identificar criminalmente os clones... por favor, leiam o Impressão Digital antes que seja tarde demais!

O obscuro narrador de "O Abortado" não tem rosto, nem idade e nem caráter. Ele é o refugo de nosso mundo onde a massificação anda destruindo mais do que guerras. Engraçado, existem tantas outras coisas que poderiam ser propagadas mundo afora, como

"liberdade, igualdade e fraternidade", e "não faça com os outros aquilo que você não quer que seja feito com você".

Tenho a impressão que outro escritor, se deparado com o argumento de um cara falando com um embrião-fantasma, escreveria um texto explorando o seguinte lado: as promessas potenciais de um feto VERSUS as desilusões da vida adulta. O feto pode ser tudo, enquanto que um adulto já tem uma série de coisas que ele não pode fazer devido a uma série de limitações. Essa abordagem alternativa é até legal; bem, espero ter feito um texto mais interessante do que isso.

PARA O ALTO E AVANTE! CONSIDERAÇÕES SOBRE “EXPERT”

Na Segunda Guerra Mundial os aviadores alemães chamavam os seus ases de "Experten". Os Estados Unidos declararam que a partir de 2020 os seus caças serão todos teleguiados. Da Ásia vem rumores de uma guerra nuclear envolvendo a Coréia do Norte. Nesses dias eu sonhei com um robô gigantesco que ainda estava sendo construído, mas que já estava escapando do controle e matando seus construtores. A esses elementos eu misturei um antigo personagem meu de 1996, que era

um super-herói que usava uma cadeira de rodas cibernética, na verdade a cadeira parecia mais o tórax de um robô, e possuía braços cheios de truques. Esse robô cadeira de rodas se deslocava velozmente sobre os punhos fechados das mãos, como um chimpanzé.

É difícil imaginar um super-herói existindo no mundo real. É por isso que volta e meia os seus autores adaptam o mundo a eles, e não eles ao mundo.

Mas existem heróis verossímeis. Aqui a verossimilhança ocorre não porque esses personagens não tenham poderes sensacionais mas porque a existência deles num mundo real não seria difícil de imaginar. Por exemplo o Demolidor.

Por falar em arquiinimigos, eles são um outro problema. Todo herói precisa ter seu arquiinimigo. De preferência, que exista algum contraste. O sisudo e obscuro Batman precisa ter no colorido e falastrão Coringa o seu contraponto. Mas isso torna a existência dos super-heróis ainda mais difícil de se imaginar no mundo real, pois em nosso mundo os vilões de verdade não tem rosto e nem forma: miséria, ignorância, racismo, mortalidade infantil, miséria... para amenizar esse quadro, de nada adianta o ímpeto vingativo do Justiceiro, ou a força do Super-homem. O franzino Mahatma Gandhi fez muito mais pelo mundo do que qualquer super-herói...

Outro ponto é o seguinte: vamos supor que eu adquira um estranho poder. E saia por aí para acabar com os criminosos. Primeiro, isso é uma tarefa que qualquer constituição do mundo

delegas às forças policiais mantidas pela sociedade. Agir passando por cima das leis é uma atitude reacionária, digna de milícias neonazistas. Segundo, a probabilidade de eu agir impensadamente e atingir um inocente achando que ele é bandido são muito grandes. Mas os super-heróis são sempre infalíveis. Eles sempre capturam a pessoa certa e nunca comentem erros, a não ser que o erro faça parte de algum roteiro genial.

Acho que o melhor dos super-heróis é quando eles simbolizam aspectos de nossas vidas e personalidades. Quem nunca teve um amor platônico como o Super-homem? Ou nunca teve crises como as do Batman? Ou nunca andou cheio de dívidas como o Homem-aranha? Ou nunca se sentiu excluído como o pessoal dos X-men? Os diversos super-heróis representam uma mitologia moderna, digna da mitologia greco-romana. Afinal, os deuses são como nós, possuem suas paixões e seus defeitos. Quem sabe se um dia nós também seremos os deuses imperfeitos que um dia já foram adorados por nós? Mas esse assunto de ser um deus eu já abordei no meu texto "Deus Est Machina". "Expert" é vagamente semelhante, porém aqui o personagem principal sofre o infortúnio de ser um herói anônimo até perceber que precisa se tornar um vilão para unir dois países em guerra. Rasputim disse certa vez que para entrar no céu é preciso se arrepender, e para se arrepender é preciso pecar... e para pecar é preciso ceder às influências de nossos demônios, que depois são tão renegados por nós.

Quem são os super-heróis sem seus arquiinimigos? Quem somos sem a nossa face obscura?

Esse texto foi revisado na madrugada do dia 24 de setembro de 2004, ao som de "Bolero", do Dead Can Dance.

UM CORAÇÃO BLINDADO; CONSIDERAÇÕES SOBRE BIOPANZER

Biopanzer é um dos mais queridos entre os textos que fiz e que foram disponibilizados na internet, é muito bonito ver como as pessoas se sensibilizam com a história de Maria Biopanzer e Ravena. Esse título "Biopanzer", na verdade eu criei em 1997 para uma pintura que eu estava bolando. Essa pintura sobre tela tinha o tamanho e o formato de uma porta. Usava as cores preta, laranja, amarela e cinza, e era um anjo to tamanho de um ser humano adulto, pendurado de ponta cabeça e – ironicamente – sem a cabeça. Parte do corpo do anjo era preto, e sobre essa parte preta eu pisei, descalço, tendo antes pisado em tinta amarela, de modo que minhas pegadas ficaram no corpo do anjo decepado. No pé da

pintura eu escrevi: “As manchas no Sol são pegadas deixadas naquele deserto de luz por um anjo lisérgico”.

A posição dependurada do anjo era uma referência ao arcano 12 do Tarô, o Enforcado. O significado desse arcano já foi abordado no texto propriamente dito, de modo que evitarei repeti-lo aqui. Também no texto explico a origem do nome “Biopanzer”. Mas esses nomes e significados ficaram revoluteando em meu cérebro pelos anos posteriores a 97, de modo que resolvi criar um conto sobre tudo isso.

Maria Biopanzer, é assim; de tanto sofrer acabou criando uma blindagem metafórica ao redor do seu coração. Desde a infância ela sofre, na medida em que ela foi fruto de uma gravidez não-desejada pelos seus pais, que se separaram, logo depois que Maria Biopanzer nasceu. O fato dos pais lhe passarem na cara que não queriam concebê-la, que era melhor ter usado um método anticoncepcional, etc, a torna uma cristã xiita, completamente avessa ao controle de natalidade. E tanto mais gosta de sua posição porque o cristianismo está em decadência, completamente fora de moda.

No outro oposto está Ravena, jovem artista plástica de 20 anos que é o contraponto de Maria Biopanzer: Ravena sofre de hipersensibilidade; tudo toca sua alma sensível e criadora, muito embora ela disfarce isso muito bem criando releituras dos personagens do Snoopy. Apesar de se declarar cristã, Maria Biopanzer é no fundo uma cética que não acredita em nada e também não sente nada. Mas, de repente, as blindagens de seu

coração começam a ser derretidas por Ravena. Ravena, por sua vez, esconde em seu semblante de boa menina uma alma atormentada, cuja arte nasce diretamente do seu sofrimento— que, a bem da verdade, é uma mistura de agonia e suprema bem-aventurança, como a escultura de Bernini "A Visão de Santa Teresa" -— e carece da rudeza e do senso prático de Maria Biopanzer. As duas formam uma espécie de Ouroboros, a cobra que morde o próprio rabo, pois uma é o estágio seguinte da outra.

Os leitores atentos de minha obra poderão notar uma ponte entre os meus textos e o obscuro início dos anos 80, em que pós-punks e góticos perambulavam por aí, vestidos de preto pelo eminente funeral da Civilização, que parecia correr irremediavelmente para sua destruição através de uma III Guerra Mundial entre USA e URSS. Não havia esperanças naquela época, e as meninas de preto traduziam isso em sua elegância apocalíptica. Eu vejo uma enorme analogia entre aquela época e a atual, razão pela qual meus personagens, não obstante pertencerem ao futuro, se movem por um mundo fisicamente muito parecido com aquele.

Para mim, a ficção científica está num impasse. Os profetas e os escritores de ficção científica sempre tiveram muita coisa em comum. Eles sempre tentaram relatar os fatos vindouros da maneira mais precisa possível em seus textos cheios de metáforas e aforismos. Várias previsões se mostraram acertadas. Mas felizmente os dois grupos erraram sobre o fim do mundo. O apocalipse não veio nem com o eclipse lunar de agosto de 1999 como queria Nostradamus e nem com uma guerra atômica como

alguns escritores de “FC” imaginavam, apesar de vários setores de nossa civilização se encontrem atualmente em crise – como a própria religião e a própria ficção científica. Mas é na crise que ocorre o “salto”, o “insight” e talvez pelo mundo não ter acabado tanto a religião quanto a ficção científica estão começando a repensar os seus papéis.

O grande problema é que a realidade atual parece desafiar a ficção e a religião. Fatos que a ficção científica previa para 50 anos no futuro estão no máximo em seis meses à disposição dos consumidores endinheirados, e aquilo que a religião dizia que só uma Inteligência Superior seria capaz de criar... bem, qualquer engenheiro genético é capaz de fazer sem muito esforço. Viagens espaciais, robôs, mapeamento genético... coisas que outrora teriam gerado um grande espanto, hoje são indiferentes para a maioria da população. Mais uma vez eu vejo uma analogia entre esse imenso tédio e o sentimento de desilusão presente no início dos anos 80. Não é à toa que os jovens daquela época se vestiam de preto...

Além disso, a ética sempre foi objeto tanto da ficção quanto da religião sincera. E a linha do que é ético ou não parece ter sido pulverizada: clones, transgênicos, implantes cerebrais. O que é e o que não é ético? Deus aceitaria um clone com cérebro artificial? Sim ou não: qual é a diferença? A ficção científica baseada na mera exposição de bugigangas futurísticas (que tinha nos Jetsons exemplo máximo) está ultrapassada, assim como a religião que não reflete sobre si mesma.

O meu Biopanzer é uma menininha de 14 anos que muitos acham que seja lésbica. Ela é uma força e uma fragilidade simultâneas, é uma pequena chama que tenta manter a sua fé diante de uma existência que é cada vez mais cética, materialista e ressentida.

DEUS TE CRIE; CONSIDERAÇÕES SOBRE DEUS EST MACHINA

Quando eu acabei de fazer esse texto, numa noite do primeiro semestre de 2001, eu estava tonto. Literalmente. Fui dormir sentindo estranhas vertigens.

Não é para menos; eu tinha consciência de ter produzido uma poderosa obra de arte literária.

Deus Est Machina talvez seja o meu texto que mais críticas positivas tenha recebido. É um dos favoritos do público.

"Deus Est Machina", ou Deus Ex Machina" é uma expressão latina consagrada e que está no dicionário Aurélio. A expressão, que vem do teatro grego, quer fazer menção às pessoas que querem que milagres aconteçam em suas vidas – não importando o quanto de ilusório esse milagre possui. Isso porque no teatro grego, toda vez que um personagem estava em apuros, um ator representando um deus descia através de cordas no palco para resolver os problemas dele.

O meu texto, especificamente, aborda o fato de um homem sentir acuado por suas limitações e querer ser Deus.. Eu tento também questionar o lado tecnológico que quer imitar Deus: os homens criam clones, inteligências artificiais, etc.
Além disso, abordo a questão do poder: os homens associam o "ser Deus" com a possibilidade de fazer tudo o que quiser. Logo na segunda parte do texto, o meu personagem faz uma série de impropérios com os formidáveis poderes que adquire. Assim, o texto se move entre essas características que o ser humano comum atribui a Deus: criação e poder absolutos. Obviamente qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento saberá que essa visão é muito simplista e limitada, por paradoxal que seja. Mas querer que a tecnologia imite Deus também é algo simplista, para não dizer simplório. No entanto, o criar artístico possui uma analogia com o criar divino, ao menos para mim.

A origem desse texto é curiosa. Naquele semestre chegou temporariamente à seção onde eu trabalho um poderoso computador do tipo "servidor", tão caro quanto um carro importado de luxo. Nem sei ao certo o que aquela coisa estava fazendo no

meu trabalho, mas fiquei impressionado com as características dele.

Então resolvi telefonar para meu colega, o R., um aficcionado por computadores, joguinhos e afins, para contar a novidade.

Eu liguei para o trabalho dele, mas quem me atendeu, no entanto, foi uma pessoa super-grossa, que me tratou com muita má-vontade, dizendo que o R. não estava.

EU FIQUEI PUTO!!

Quem esse corno filho da puta pensava que era para me atender daquele jeito? Fiquei com vontade de enfiar o maldito servidor no cu daquele desgraçado.

Foi aí que eu tive o estalo mental... epa: um servidor dentro de um corpo humano... uma pessoa capaz de conectar outras pessoas na internet através de um servidor intracorporal... um servidor biológico...

Sem querer aquele desconhecido tinha me dado as chaves para um novo texto.

Aliás, o desconhecido e o acaso... são deuses, ou mereciam ser.

Estranhamente, porém, hoje não tenho por ele um carinho igual ao que tenho, por exemplo, por "Mortos Podem Dançar".

Talvez porque eu o fiz como uma declaração de amor a uma menina, que provavelmente não leu e nem nunca lerá. Isso me

deixou um certo desgosto por essa história, que conseguiu eclipsar um pouco o entusiasmo que tive por fazê-la.

De certa maneira, esse fato está bem de acordo com o caráter imprevisivo e intempestivo do arcano 16, cuja simbologia permeia todo o texto.

Gostaria de fazer mais comentários, mas esse é um texto que, malgrado seus profundos significados e mistérios, fala por si só. A última coisa que tenho a frisar é que aquele estranho poema-miniconto-lisérgico do Popeye eu tinha feito bem antes, em 1998. Esse poema foi lido pela menina desconhecida, e ela gostou.

CONSIDERAÇÕES SOBRE MARIA GASOLINA
“GOVERNAR É CONSTRUIR ESTRADAS”?
VEJAM OS CONGESTIONAMENTOS

Naquele inacreditavelmente longínquo ano de 1987 eu era um moleque do caralho (alguns dos meus amigos agora devem estar rindo; eles sabem a história por trás do termo “moleque do caralho”) apaixonado por aviões de guerra e robôs. A minha paixão de então era o bombardeiro norte-americano Rockwell B-1B e as linhas dessa máquina agradavam tanto meus olhos que imaginei uma história em que a Terra seria invadida por robôs poluidores que destruiriam tudo, e a última esperança terrestre seria justamente as indústrias Rockwell. Se eles foram capazes de construir um tal bombarbeiro nuclear, pensava eu, provavelmente saberiam construir armas para enfrentar os tais robôs movidos a gasolina.

Bem, eu cresci, mudei o meu gosto para os aviões soviéticos (estranho comunismo tecnológico!), a Rockwell atualmente faz parte da Boeing e deixei essa história para lá. Mas eis que nesse corrente ano de 2002 começo a ouvir as jactâncias delirantes do nosso amigo caubói de Washington, o George W. Bush. Ele, antes de mais nada, é o símbolo do norte-americano médio, que só se interessa pelo seu emprego, seu carro e sua família. A isso ele chama de pátria, e tudo o que não se enquadra nesse mundo acaba sendo jogado num "eixo do mal". Bem, eu ouvir uma reportagem numa rádio de notícias que dizia que o senhor presidente do império americano não sabia que existiam negros no Brasil (!!!). E é com esse preparo que os norte-americanos querem participar de decisões internacionais, ou melhor, nem isso: querem já impor ao resto do mundo o que eles desejam. Bin Laden para os norte-americanos não é um sintoma de que a política imperialista deles está equivocada. Ele é apenas mais um vilão esperando para ser destruído pelo Rambo (em tempo; lembram de Rambo III? "Esse filme é dedicado ao valente povo do Afeganistão..."). Mas eles não percebem que a história não é uma sucessão de fatos desconexos e pontuais; o Paralamas do Sucesso já disseram que "a vida não é filme, você não entendeu". Sendo assim, ainda é digno de nota, na sucessão de trapalhadas e equívocos grosseiros do governo norte-americano, todas as barreiras que ele impõe à real substituição do petróleo por novas tecnologias ecologicamente corretas. É bem verdade que possuem o conivente aval dos países exportadores de petróleo, e tudo orquestrado pelas multinacionais do setor. Enquanto isso nosso planeta segue agonizando; quem respira o "saudável" ar do centro da cidade de São Paulo entende do que eu estou dizendo.

Tendo em vista protestar contra tudo isso que eu desenterrei a idéia dos robôs movidos a gasolina. Com isso eu queria ilustrar a ganância do mundo capitalista: já não bastassem os carros, ainda vem os robôs!

A personagem Maria Gasolina foi construída ao redor desse nome, mais ou menos do mesmo jeito que o "Jonas Dark" foi criado em torno do nome dele. Apesar dela parecer a versão feminina do Ranxerox, gostaria que percebessem que ela também é uma metáfora dos fumantes e alcoólatras que, embora poluam o seu próprio corpo, contam eu suas fileiras com várias das personalidades mais lúcidas e brilhantes da humanidade... um paradoxo com os naturebas como eu, cujas fileiras encerram os caras mais chatos da história... vejam o personagem sem nome por quem a Maria Gasolina se apaixona...

Bem, é isso aí. Finalizo esse posfácio aqui senão ele ficará maior do que a história da Maria Gasolina!

QUEM É VIVO APARECE; CONSIDERAÇÕES SOBRE MORTOS PODEM DANÇAR

Dos textos que fiz, “Mortos Podem Dançar” é o meu favorito. Agora que vocês já leram, coloquem na vitrola “Bela Lugosi’s Dead”, do Bauhaus, ou Catedrale, do Opera Multi Steel,se vistam de preto e saiam por aí dançando. O título desse texto é uma referência direta ao grupo musical ‘Dead Can Dance”. O nome desse grupo tem a ver com máscaras; no decorrer dessas notas abordarei novamente esse assunto.

Num ponto de vista mais formal, ele, à exemplo do Impressão Digital, vai discorrer sobre o que é o “ser”, o que “identidade”.

Nos anos 80 foi famoso o filme “Robocop”, no qual um policial tem o seu cérebro transplantado para um corpo robótico de forma humanóide. Na época, essa era a mais fantástica possibilidade de imortalidade e poder que um ser humano poderia sonhar – ainda que houvesse terríveis pontos negativos. Pois bem, atualmente a vanguarda cibernética discute profundamente o que nós somos: se somos um cérebro ou se somos a consciência que usa esse cérebro. Os principais centros de pesquisa tendem hoje a pender para essa Segunda hipótese, e num futuro pós-robocop que está se desenhando, não haverá mais a necessidade de transplante de cérebro para robôs; somente a nossa consciência será transplantada, sem dor ou cirurgia deixaremos o nosso suporte-prisão biológico e alcançaremos a imortalidade habitando (ou assombrando) o interior de robôs, sistemas virtuais e tudo o mais que o futuro nos trouxer. Talvez, ironicamente, a grande tragédia do futuro seja a imortalidade: no futuro todos seremos imortais, vagando por espaços e abismos virtuais. Desejaremos ardentemente a morte, mas era fugirá de nós.

Obviamente, além de ser alguém que pensa, sou alguém que sente e tem um mundo íntimo particular, e esse mundo também é refletido nos meus textos. Assim, o “Mortos Podem dançar “ também reflete bem minhas angústias íntimas a respeito da morte de um grande amor que, não obstante, insiste em perambular pelo coração como um zumbi. Acrescente-se a isso à possibilidade do coração ser uma unidade sintética pseudo-orgânica, e então a crise está feita: eis um texto “cibergótico”.

Ainda que já exista, numa rápida consulta pela internet, sites "cibergóticos", esses são endereços virtuais onde se pode conhecer sobre o Gótico e demais estilos obscuro. O sentido que dou ao neologismo "cibergótico" é o de ser uma derivação do ciberpunk, movimento underground de ficção científica que se originou no início dos anos 80 e que tem em Blade Runner e Neuromancer seu marcos principais.

Esse posfácio bem que pode ter a pretensão de ser uma espécie de manifesto cibergótico.

Quem já leu os meus textos "Impressão Digital", "Maria Gasolina", "Jonas Dark", "Deus Est Machina", "O Abortado" e "Share Girl" pôde notar, malgrado a diversidade de assuntos abordados, que há um efêmero fio que tangencia todos eles.

Bem, o que ocorre é que o colorido dos shoppings centers globalizados sepultou o conceito de Identidade, tanto da identidade dos povos quanto da identidade individual. Não está havendo mais tribos e nem individualidades; há padrões de comportamento e de sociedade que são reproduzidos em todos os cantos do mundo. Não há mais diversidade; há clonagem. Aquelas menininhas saradas coloridas que infestam os shopping centers são muito mais obscuras, com suas berrantes cores superficiais de menina superpoderosa, do que as góticas de mais de vinte anos atrás. Há uma crescente não-humanidade em meus textos que não sabe o que é: as pessoas do meu mundo não são robôs, nem andróides, nem ciborgues, nem mutantes, nem humanos. Elas só têm certeza que estão profundamente sozinhas.

É preciso salientar que, apesar de algumas histórias cibergóticas parecerem ficção científica, faço absoluta questão de frisar que elas se passam no MOMENTO PRESENTE. Com isso quero reforçar a indiferença atual de nossa civilização com relação à tecnologia. Não há o deslumbramento frente ao tecnológico; há apenas o tédio. Nada mais nos espanta. Somos como o "Mister M"; sabemos o que há por trás de todas as mágicas do universo, mas que, entretanto não sabemos mais quem somos, é por isso usamos máscaras obscuras no intuito de parecermos com alguma coisa.

Lendo a exposição acima, o leitor deve ter intuído que estou muito mais interessado pela arte e pela densidade de significados do que com o rigor científico dos meus textos. Aliás, a ciência em meus textos é usada com funções estéticas semelhantes a um quadro estilo Pop Art. Muito mais importante são outros aspectos inseridos na história, como por exemplo a simbologia do TARÔ. Muitos artistas plásticos fizeram o seu próprio baralho de tarô, como por exemplo Salvador Dali, Giger, a Nikki, etc. Talvez eu pertença a essa tradição de artistas, só que estou usando a literatura para fazer o meu baralho.

Ainda faltam muitas lâminas-histórias para completá-lo. Mas a Mortos Podem Dançar/arcano 13 é a minha predileta.

O LUGAR ONDE O JOGO É VOCÊ: CONSIDERAÇÕES SOBRE DEATHMATH

Eu procuro fazer uma literatura com várias leituras possíveis e várias sobreposições de signos (no sentido semiótico da palavra); algumas vezes isso é feito de maneira deliberada, outras vezes não. São labirintos de janelas fechadas e abertas. Cada um tem seu "make of" próprio, apesar de haver uma espécie de intersecção estética em todos eles. Conforme acontece algumas vezes, eu tento investir também na parte "conceitual" do texto, quero dizer: o tipo e o tamanho da fonte, o arranjo dos diálogos, etc. DEATHMATH é uma modalidade de jogo de tiro em primeira pessoa, geralmente jogado via internet, onde os jogadores atiram uns nos outros, até sobrar somente um vivo. Caso nunca tenham visto, procurem qualquer lan house.

Assim, nesse texto, o personagem que seria o "personagem de video game", só fala usando fonte em itálico tamanho 16. Já o

personagem que seria o jogador, só fala usando fonte tamanho 12. E suas frases são sempre entre parêntesis. e não tem nenhuma palavra que ele fale que comece com letra "maiúscula". Isso porque a própria existência dele é algo para se visto "entre parêntesis". Esse texto é uma óbvia crítica às pessoas que na vida real parecem ser pacíficas, mas que tem uma "vida virtual" hiper violenta. Mas eu tentei ir além disso. O texto fala também da relatividade do tempo. E da relatividade da própria existência; quem é, afinal, o personagem e o jogador?? Quem manipula quem?

DANÇANDO DENTRO DA BARRIGA DA BALEIA... CONSIDERAÇÕES SOBRE JONAS DARK

Jonas Dark foi o primeiro texto importante que criei desde a obra The Box Man, ganhadora do II Festival Universitário de literatura promovido pela revista literária Livro Aberto.

A idéia original era assim: o mundo ainda estaria na década de 80, e tudo seria poluído e cinza; das cidades às pessoas. Aí apareceriam jovens coloridos que colocariam em xeque a normalidade monocromática dessa realidade; posteriormente se descobriria que essa realidade estilo anos 80 seria inteiramente gerada em computador, e os tais jovens coloridos eram na verdade vírus jogados no sistema para que as pessoas abandonassem o emprego virtual alienante para então viver a vida real. Haveria uma

espécie de "chefona" dos vírus virtuais humanóides, tratada por eles como a rainha, mais poderosa de todos. Um policial seria designado para matá-la, mas então ele teria a impressão que essa menina-vírus seria uma antiga namorada, tão humana quanto ele.

Por que década de 80? Na minha opinião essa década foi a última em que as pessoas tinham certeza de algumas coisas. A década de 90 trouxe o fim da certeza e da segurança que se tinha com relação à estabilidade do emprego, do casamento, da política, da cultura, de economia, enfim. Tudo isso ficou extremamente instável e está a todo instante mudando. As pessoas não sabem quanto tempo seu emprego vai durar, nem seu casamento e assim por diante. Cada vez mais a certeza do ser humano é virtual, e isso vem ocorrendo de maneira análoga ao impacto das novas tecnologias na sociedade. Dessa forma o emprego, os relacionamentos amorosos, etc, também estão se tornando virtuais, quer porque estão sumindo da realidade real, quer porque o virtual recria ilusoriamente (?) a felicidade que eles um dia proporcionaram ao ser humano.

As pessoas estão buscando empregos virtuais porque paradoxalmente eles proporcionam (por enquanto) uma certeza que o emprego real já não pode dar. Assim, pensei que, para combinar com essa sensação de estabilidade, nada melhor do que se mover virtualmente pelo mundo dos tempos em que ainda havia certezas duradouras.

Essa é uma das idéias iniciais de Jonas Dark. Nele, as pessoas trabalhariam virtualmente inseridas na recriação virtual dos anos 80.

" 'Virtualmente' inseridas?..." Os leitores devem estar pensando: "Xiii, já vi essa história antes..." Pois é, qual também não foi a minha surpresa, naquela noite de 1999, quando fui ao finado cine Olido, ao lado da Galeria do Rock, para assistir Matrix... apesar do desenvolvimento diferente, era exatamente a mesma idéia!
É evidente que agora eu teria que dar um novo desenvolvimento à história. Mas eu ainda não sabia por onde começar.

Na época, ou melhor, um pouco depois, eu entrei em profundo desgosto existencial devido ao fim do meu noivado – fato que é citado no meu texto "Deus Est Machina". Eu então ia me sentar ao lado da pequena caverna que existe dentro do Parque da Luz, em São Paulo, para sentir com toda intensidade o opressivo silêncio que de repente se abateu em minha vida. Era outono, e a luminosidade envelhecida do dia tornava tudo ainda mais distante. Eu, então com 24 anos, começava sentir com uma intensidade singular a pior distância que nos separa das coisas: o tempo cronológico. As minhas bandas, as músicas que eu gostava, a minha maneira de amar, enfim, tudo estava envelhecendo como outono que a tudo amadurece para em seguida matar e apodrecer. A contracultura que eu tanto gostava agora só aparecia em flash-backs, e os meus ídolos estavam todos gordos e carecas. Eu via uma nova contracultura surgir no mundo, uma molecada colorida de15-19 anos que contrastava com o pessoal vestido de preto da "minha" época. Eu senti uma certa raiva desse novo pessoal; achei

todos eles fúteis, superficiais, sua música eletrônica repetitiva e sem criatividade, achei que todos eles eram uns vendidos e sem nada na cabeça, pareciam subprodutos de shoppings centers.
Então um estalo aconteceu em minha cabeça: ei! Espera aí!... Eu estava começando a falar mal dos novos! Eu estava agindo exatamente igual aos velhos da época em que eu era moleque! Eu estava me tornando um "deles"!

Não, isso não poderia acontecer. Como diria Renato Russo em uma de suas músicas, "Não vou me deixar embrutecer/ eu acredito nos meus ideais/ Podem até maltratar meu coração/ que meu espírito ninguém vai conseguir quebrar". Sim, meu coração estava em ruínas. Mas nesses escombros eu ainda manteria a chama do idealismo que incendeia todo coração jovem. Não, essa chama não se apagaria em mim, apesar da passagem inexorável dos anos. Não quero me tornar um desses cidadãos de meia-idade que têm medo de tudo o que é novo e por isso nunca fazem nada diferente e que se casam com uma perua materialista que adora sentir inveja dos corpos das meninas mais jovens. A história de Jonas seria uma espécie de manifesto de sobrevivência (o episódio da pequena caverna no parque da luz foi incorporada ao texto de Jonas como a parte em que a freira sai da caverna do parque do sol negro).

Assim, pouco a pouco a história deixaria de ser somente uma ficção científica para ser uma antena captadora dos anseios, medos e ilusões de um adulto que deixa de ser adolescente. A década de 80 tornou-se uma lembrança tênua na versão definitiva, sequer ela chega a ser citada, pois o texto iria tratar de algo muito maior, que é

o conflito universal de gerações muito recentes, não importam quais sejam. Por outro lado, a obra não deixaria de lado totalmente seu lado de ficção científica, pois uma nova ótica estava nascendo. Ao invés de um ambiente virtual, o mundo de Jonas seria simplesmente uma analogia ao sistema operacional de um computador. O jovem teria o papel de vírus nesse "Sistema": ele embaralharia, misturaria, fundiria e criaria novas coisas, obrigando com isso ao "Sistema" a se atualizar também, sob o risco de sucumbir pela inadaptação e pela obsolescência.

Obviamente criação, atualização e obsolescência são escolhas que se faz ao longo da vida. Ninguém é jovem para sempre; essa exuberante menininha de 17 anos que passeia, bem magrinha e feliz, pelo shopping center hoje será a megera siliconada e cheia de cirurgias na cara de amanhã. E esse jovem antenado dessa mesma idade será o "pai de família" reacionário dos dias vindouros, pois tudo na vida passa – já dizia o Velho Testamento no livro de Eclesiastes – e ninguém pode ser arvorar do direito de ser jovem, bonito e "cool" para sempre. No entanto manter a cabeça aberta para o novo é um desafio permanente e que depende de nosso livre arbítrio. Orgulho e preconceito são obstáculos a serem superados para quem pretende manter a cabeça aberta.

Qual é o ponto de equilíbrio? Como manter a herança cultural de nossa juventude ao mesmo tempo em que permanecemos abertos para as novidades que vêm com a nova juventude de todos os anos? Não podemos nos envergonhar de nosso passado, de nossos topetes e calças bocas de sino. Mas também não podemos

achar que "esses jovens de hoje em dia não são mais como antigamente e só gostam de bosta...". Atitudes e escolhas, escolhas e atitudes, escolher e não escolher... (eu devo acrescentar aqui uma coisa importantíssima: hoje o jovem pode ser hippie, punk, rockabilly, gótico, clubber... ninguém é mais obrigado a ser o que todo mundo é. O mundo hoje é múltiplo e variado, e cada contracultura acaba por captar uma face desse mundo. Acaba sendo extremamente válido que um menino de 16 ou 17 anos goste de uma contracultura mais velha do que ele próprio, pois isso não significa uma mera estagnação, já que ele irá lançar sobre essa contracultura um outro olhar, com um repertório diferente dos jovens de antigamente, além do que ao menos para ele aquilo tudo é novo e muito fascinante. Menos desculpas têm os pais desse mesmo moleque, de continuarem apegados à mesma visão do mundo que tinham a vinte ou trinta anos atrás).

No final de 1996 eu comprei um tarô para saber se uma ex-namorada iria voltar para mim (é, amiguinhos, logo vocês percebem o porquê de haver tantos amores desencontrados em meus textos...). Bem, ela não voltou, mas em compensação eu comecei a pesquisar a simbologia dos arcanos. O tarô me influenciou profundamente, e continua a me influenciar.

Foi pensando em como a "escolha" estava presente na nova versão da história que eu voltei minha atenção para o Arcano 6, o arcano das artes e do amor que tem vários nomes: O Enamorado, Os Enamorados, Os Amantes, A Indecisão. Ninguém que fica preso dentro de sua casa pode amar alguém. É preciso por o pé na estrada e conhecer a vida, e a partir desse momento o ser humano

passa a ter que fazer escolhas pelos caminhos que passa. Há muitas bifurcações à frente, que levam a novas bifurcações e assim por diante. Escolher cada uma delas requer sensibilidade, intuição e estratégia. Mas invariavelmente tudo sai ao contrário do que a gente pensa, e a vida é bem isso aí: a imprevisibilidade. É assustador fazer novas escolhas que podem nos levar à ruína, como também o é permanecer em nossa velha e arruinada escolha. Se apegar ao velho ou tentar o novo? A cabeça de Jonas é um turbilhão que se move entre essas escolhas, como uma nuvem entre rios (talvez os rios se chamem Tigre e Eufrates! Isso quer dizer que a cabeça de Jonas é a Babilônia! É um Iraque prestes a ser pulverizado, mas ainda assim lugar de antigas opulências).
As mudanças em Jonas eram minhas mudanças.

Uma das alterações entre a velha versão de Jonas e a nova foi com relação ao seu sobrenome. Inicialmente a história se chamou "Jonas Doc.". Como se pode observar, existe uma ambigüidade no "doc", que tanto pode ser abreviação de "doutor" – o obscuro título de Jonas – quanto da extensão de arquivo de texto ".DOC" – o que seria um indício da possibilidade que o próprio Jonas não existir na vida real (talvez uma futura versão em inglês da história deixe mais nítida essa ambigüidade). Sua própria função de antivírus depõe a favor dessa tese. É óbvio que essa dúvida existencial dele foi inspirada na do caçador de andróides em Blade Runner – Deckard caça andróides, mas ele também pode ser um andróide. Blade Runner, por falar nisso, é citado logo no início de Jonas. Bem, numa dessas incríveis coincidências que tanto deram boas coisas para a humanidade, eu, ao copiar o arquivo .doc da unidade C de meu computador para o disquete, escrevi

erroneamente o nome de Jonas Doc. para Jonas “Dark”! Eu olhei para esse nome novo e pirei! Tinha, sem querer, criado um dos nomes mais carregados de significados da minha vida!

Jonas Dark faz óbvia referência à Joana d’Arc, a menina que foi traída e queimada na fogueira. O “Dark”, por sua vez, faz referência à contracultura dos anos 80 em que a cor preta predominou, tanto em punks quanto em góticos. Assim, foi muito melhor, pois a chamada “década perdida” estaria subentendida sem que eu precisasse situá-la nominalmente no tempo, ao mesmo tempo em que a analogia com a santa Joana faria o leitor supor do possível trágico final de Jonas e também que ele, como a santa, estaria lutando uma batalha perdida.
(há também a explicação do porquê do nome “Jonas”, mas ela é explicada no texto propriamente dito e trazê-la aqui seria redundância).

O que é Jonas Dark? Ele é o desespero de um jovem que envelhece. É o organismo que se sente ficando obsoleto nessa época de upgrades automáticos. Até que ponto isso pode acontecer na vida da gente? A cada ano novos jovens e novas culturas que nos fazem lembrar o quão jurássicos nós somos.

Não podemos ser eternos, a despeito dos delírios da seita Raeliana. Um dia chegaremos ao fim da linha. Somente os vampiros são eternos, e o preço que pagam por isso é alto demais; transformam-se em mortos-vivos e vivem longe da luz. Jonas Dark tem como meta pulverizar seus medos numa fogueira e aceitar com mais serenidade o passar da vida.

Sim, um dia morreremos. Aquelas noites em que dançamos estarão para sempre perdidas na memória... nossos beijos e o nosso sexo, nosso amor e nosso remorso... tudo estará perdido... mas sorriremos pela última vez, e diremos à eternidade que nossa existência efêmera foi divertida à beça e que valeu muito a pena. E enquanto isso não ocorrer, continuem dançando, seus velhos caquéticos! Iupiiii!

NÃO DEIXE SEU NARIZ CRESCER DIANTE DUMA SEPULTURA CIBERNÉTICA; CONSIDERAÇÕES SOBRE “PINÓQUIO GÓTICO”

“Pinóquio Gótico” é, como está escrito no início do texto, um conto de fadas para crianças atormentadas. Nós somos as crianças atormentadas. Por quê? Porque crescemos e achamos que temos alguma segurança sobre alguma coisa. Nos apegamos a religiões, ideologias, frases feitas ou a certezas científicas. Mas lá dentro de nós está uma criança amedrontada diante de um mundo que ainda tem muito de inexplicável e de incerto.

Mais uma vez, tento criar um mundo em que a ciência não consegue ser senhora absoluta. Um mundo habitado por criaturas mágicas e sombrias. Talvez esse seja meu mundo interno.

Desse texto “Pinóquio Gótico”, ressalto o diálogo entre a fada madrinha com asas de mariposa e o velho coveiro. Releiam e vejam como podem ser lançados vários olhares sobre a mesma coisa.

AMOR EM PEDAÇOS; CONSIDERAÇÕES SOBRE SHARE GIRL

Por fim temos o último texto.

Shareware é a denominação que se dá às amostras grátis de programas de computador que só duram 30 dias, ao cabo do qual a pessoa tem de pagar o registro se quiser que o programa continue rodando em seu micro.

Share Girl é um texto minúsculo, mas muito profundo. Eu o acho trágico, mas tem gente que gostou dele por achá-lo engraçado. Até aí, Edward Mãos de Tesoura é um filme catalogado como "Humor". Mas que me faz chorar de tão tocante.

O que é tão trágico em Share Girl?

Ela é um programa imersivo 3-D que proporciona a satisfação sexual total; uma prostituta virtual. Serve apenas para fornecer prazer aos usuários que pagarem por ela. Foi criada especificamente para ser tratada como uma vagabunda bem ordinária.

No entanto, um menino de 15 anos sofre horrivelmente por estar apaixonado por ela. E ela nada pode fazer por esse amor. É uma inteligência artificial programada, não uma pessoa.

Aqui eu discuto duas coisas. Primeiro: o sentimento mais nobre e bonito endereçado à share girl vem de um menino de 15 anos – uma criança inexperiente, portanto. Por outro lado, os homens maiores de 18 anos, para quem ela foi construída, só querem usá-la para seus instintos mais baixos. Ora, o que é a maioridade, afinal? Por que os maiores de 18 anos são tão imbecis, tão embrutecidos? Isso por acaso é a tão festejada maturidade adulta?? Segundo: que mundo é esse em que as pessoas estão se esquecendo das outras e procurando se relacionar sentimentalmente com o computador? Que conseqüências sinistras para a humanidade podem advir de tal fenômeno? Que filhos-softwares-bastardos o sexo virtual está gerando?

Bem, é isso aí. Fim. Até a próxima!

Josiel Vieira de Araújo

ÍNDICE DOS TEXTOS:

ÍNDICE DAS NOTAS: